Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos**

ANO 55.º/18 943 — 4$00

SEGUNDA-FEIRA 5 JANEIRO 1976

DL RESPOSTA AO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

No comunicado do Estado-Maior do Exército, ontem divulgado, produzem-se algumas afirmações que visam directa e declaradamente o «Diário de Lisboa» na cobertura de reportagem aos incidentes ocorridos em Caxias no passado dia 1.

Concretamente:

1. Declara-se que a fotografia da 1.ª página carece, na legenda, de esclarecimento que lhe corrigiria o impacto e a tornaria mais consentânea com a realidade dos factos. «A fotografia foi tirada» — justifica o comunicado — «quando, esgotados todos os outros recursos, foi preciso recorrer à força para afastar os manifestantes deitados na estrada».

— A isto cumpre observar que a foto não resulta de uma vontade. É datada e localizada — infelizmente. E, infelizmente também, relata um momento factual que o comunicado do E. M. E. não desmente, mas antes pretendia que fosse justificado nas razões que determinaram o acontecimento reproduzido na imagem.

2. Afirma-se que na mesma fotografia «é possível ver que um dos manifestantes, precisamente aquele a quem o militar parece estar a fazer frente, empunhava uma garrafa»;

— A deficiente impressão da foto terá determinado de algum modo este erro do comunicado. Não justifica, porém, que o E. M. E. tenha dado publicidade dele como verdade incontroversa, sem antes ter procedido às verificações indispensáveis à sua afirmação.

Nesse sentido, o «DL» não hesitará em facilitar às autoridades militares a chapa original da foto onde se pode verificar que o indivíduo não empunha uma garrafa, mas simplesmente uma bolsa de mão com fecho «éclair» (vide reprodução junta).

3. Desmente o E. M. E. que a coluna dos comandos tenha sido comandada pelo coronel Jaime Neves.

— Sem alcançar a oportunidade ou a intenção do reparo, o «Diário de Lisboa» esclarece tão somente que não fez qualquer referência ao coronel Jaime Neves na reportagem em questão.

4. Finalmente afirma o comunicado que, tendo as tropas dos comandos comparecido no local dos incidentes às 17 horas, não era possível que tivessem efectuado disparos de intimidação antes disso, conforme noticiu o «Diário de Lisboa».

Informações do repórter de serviço em Caxias contradizem também este ponto do comunicado. Outro jornal, pelo menos, o referiu e este à margem da parcialidade que se atribui ao «Diário de Lisboa» através do comunicado do E. M. E.

Continua na pág. 2

Pormenor da foto a que se refere a nota do E M E A «garrafa» é afinal uma bolsa com fecho-«éclair» e o ponto brilhante que sugeriria a «rolha» não passa de um reflexo solar no sabre-baioneta do comando

Texto do comunicado do Estado-Maior do Exército na pág. 2

PARTIDOS DISCUTEM GOVERNO E PACTO

Os representantes dos três partidos representados no VI Governo voltam hoje à tarde a Belém para novas conversações com o Presidente da República e o Primeiro-Ministro, com o objectivo de encontrarem uma plataforma de acordo para reestruturação do VI Governo Provisório.

Estas conversações arrastam-se já há bastante tempo sem que até agora fosse possível encontrar soluções que sirvam as diversas partes interessadas, embora alguns pontos tenham sido resolvidos. Estão neste caso a nomeação do dr. Rui Machete para os Assuntos Sociais (a tomada de posse já se efectuou) e as nomeações para a Indústria e Tecnologia e para os Transportes e Comunicações respectivamente do eng. Walter Rosa e do coronel José Augusto Fernandes, cuja posse deve realizar-se amanhã.

A designação dos secretários de Estado do Tesouro e da Reestruturação Agrária é agora o grande obstáculo a remover, entrechocando-se aqui os interesses dos três partidos. O P. P. D. pretende ver substituído o dr. Santos Silva, ex-militante seu, por um elemento de confiança, ou seja, reivindica para si a Secretaria de Estado do Tesouro. O dr. Salgado Zenha, ministro das Finanças, pretende manter no cargo o dr. Santos Silva. A partir deste contencioso têm sido procuradas várias saídas, havendo indicações de que ele pode ser ultrapassado pela criação de uma Secretaria das Finanças, a constituir, para onde transitaria o dr. Santos Silva, enquanto o P. P. D. designaria, como pretende, o secretário de Estado do Tesouro.

Talvez de mais difícil solução seja o problema da Secretaria de Estado da Reestruturação Agrária. Aqui o conflito aberto é entre comunistas e socialistas, que em matéria de Reforma Agrária e da maneira como ela deve ser levada a cabo mantêm grandes divergências. O eng. Lopes Cardo-

Continua na pág. 20

Antonio Poch admite revisão do Pacto Ibérico

O pacto de não-agressão firmado pela Espanha e Portugal, conhecido por Pacto Ibérico, poderá ser revisto e actualizado de harmonia com as circunstâncias — declarou o embaixador António Poch, que se encontra à frente da representação oficial daquele país em Lisboa, em entrevista publicada na edição de ontem do jornal madrileno «ABC».

Segundo o diplomata, «a actual situação em Espanha pode ser benéfica para as relações luso-espanholas, ou pelo menos não será de molde a prejudicá-las».

O embaixador Poch reassumiu as suas funções em Lisboa após os acontecimentos que há três meses levaram ao incêndio da Embaixada espanhola e culminaram com uma forte tensão nas relações diplomáticas entre os dois países.

«O Governo lusitano não pode ser responsabilizado pelos incidentes» comentou o diplomata a propósito da normalização das relações entre Portugal e Espanha. Na sua opinião o Estado português «adoptou uma atitude correcta com as desculpas apresentadas e a oferta de uma justa indemnização».

Quanto à questão do Pacto Ibérico, António Poch fez notar que é um pacto que «obedece à ideia de manter a neutralidade na Península e que continua em vigor, já que nenhuma das partes o denunciou até agora. Todavia, poderá ser revisto e actualizado».

M.P.L.A. tomou Negage

A cidade de Carmona e a ex-base aérea portuguesa de Negage, dois dos mais importantes redutos da F.N.L.A. e dos seus aliados zairenses no Norte de Angola, foram libertadas pelas F.A.P.L.A., no que constitui uma das maiores e mais importantes vitórias militares obtidas pelas forças populares angolanas na luta que vêm travando contra a agressão estrangeira. As F.A.P.L.A. marcham agora, vitoriosamente, sobre o Ambrizete, preparando-se para expulsar os invesores do seu derradeiro reduto na frente norte do país.

Carmona e Negage, ambas situadas na província do Uíge, tinham grande importância política e militar para o movimento fantoche de Holden Roberto. A primeira, era considerada como a «capital política» da F.N.L.A., enquanto a segunda era o mais importante ponto logístico do E.L.N.A. e do exército mercenário zairense, dado que através dela se canalizava todo o envio de material de guerra americano e de outros países ocidentais, transportado para Angola em grandes aviões de carga C-130 e C-140. A libertação de Negage ocorreu no passado dia 3 e a de Carmona foi esta manhã, cerca das 10 horas, anunciada em Luanda pelo Ministério da Informação da República Popular de Angola.

A libertação destes dois importantes redutos inimigos segue-se a vitórias consecutivas das F.A.P.L.A., iniciadas com a tomada do Caxito, a 6 de Dezembro, à qual se seguiu a de Catete-Cangola, Tango, Luinga, Pambossonge, Camabatela, Quicabo, Balassende, Beira Baixa, Canacassala, Águas Belas, Onzo e Nambuangongo. Com a queda de Negage, anteontem, a F.N.L.A. iniciou a evacuação de Carmona que hoje regressou ao controlo do povo angolano, liderado pelo M.P.L.A.

ANGOLA AMEAÇA «DÉTENTE»

Os Estados Unidos cada vez parecem mais decididos a aproveitar a questão angolana para provocar novo agravamento nas relações Leste-Oeste. Claras ameaças nesse sentido vêm sendo formuladas pelos principais dirigentes americanos, irritados pela própria oposição interna que a sua política agressiva tem provocado. Depois das ameaças veladas proferidas pelo secretário de Estado, Henry Kissinger, foi agora a vez do presidente Ford se referir, claramente, a possibilidade de rompimento da política de desanuviamento prosseguida pela União Soviética.

Usando da palavra num dos Estados mais reaccionários da federação norte-americana, o Missuri, Gerald Ford pôs em causa todo o conjunto das relações sovieto-americanas, aludindo à possibilidade de estarem à beira da ruptura devido ao que classificou como «tentativa de alargamento da esfera de influência soviética» no caso da assistência prestada por este país ao M.P.L.A. Trata-se da alusão mais directa até agora formulada pelos Estados Unidos quanto à possibilidade de agravamento das relações internacionais e à criação de um novo estado de «guerra-fria».

Esta posição dos dirigentes dos Estados Unidos foi abertamente refutada por Vadim Zagladi, membro do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, o qual num artigo publicado pelo semanário «Movoe Vgemia», explica que o seu país nunca alterou a sua conduta «no que diz respeito ao apoio contra colonialistas, sejam estes portugueses, sul-africanos ou de outra qualquer nacionalidade». «Não temos qualquer interesse específico em Angola e nada do

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS

Nacional

DL

Continuação da pág. 1

Além disso, dispomos de documentos fotográficos que permitem, pela referenciação de vários elementos, confirmar o facto noticiado.

Em complemento da rectificação que se nos impõe, seja-nos permitido ainda manifestar o nosso constrangimento perante a predisposição de suqeita em relação à Imprensa estatizada que se deduz do comunicado de um tão alto e responsável escalão da vida nacional.

A verdade é que nem o Estado é proprietário das consciências e imunizado do erro, nem é humano que às Forças Armadas se exija a exclusividade do acerto e da intenção. E, por reconhecer isso mesmo, soube este jornal distinguir entre Caxias e Custóias, salientando indirectamente as diferenças de actuação.

Se neste caso nos assistem razões evidentes de desmentido na matéria que nos é imputada, nada garante que noutra oportunidade estejamos isentos de correcção e de crítica, com realismo e vontade de esclarecimento. É nesse contexto que o comentário sublinhado à Informação estatizada e a hipersensibilização que ele revela tendem a promover uma psicose colectiva que não tardará a ser explorada por interesses partidários. Aconteceu já antes do 25 de Novembro, quando a quase totalidade dos governantes, ao alarmarem a opinião pública com incriminações, sem as devidas atenuantes, à Imprensa, mais não fez que prestar aval oficial aos interesses sectários que pretendiam ocupá-la.

Soares em Seia

"Empréstimos oferecem certa tranquilidade"

Recém-chegado da Venezuela, e trazendo a notícia de que o Governo de Caracas está disposto a receber mais alguns milhares de emigrantes portugueses, o secretário geral do Partido Socialista, Mário Soares, esteve ontem à noite em Seia, num comício que o P. S. realizou nesta vila.

Inicialmente, falando sobre o 25 de Novembro, disse ondirigente socialista: «Foi o regresso à legitimidade imperiosa à disciplina nos desvios de esquerda da facção gonçalvista pró-comunista e podemos agora restaurar a liberdade e a democracia no nosso país».

Falando rapidamente sobre as eleição legislativas, Mário Soares disse que «ao povo assiste o direito de escolher livremente o seu destino».

Abordando a actual situação económica, Mário Soares classificou-a de «grave mas não irreparável» lembrando que «os empréstimos conseguidos pelo VI Governo junto de países estrangeiros amigos levam a que se possa encarar com certa tranquilidade o ano que há pouco começou», mas advertiu que se torna imperioso a disciplina no trabalho e o aumento da produção. Ainda sobre o mesmo assunto, disse: «O Partido Socialista será o partido da reconstrução nacional e por isso está decidido a desenvolver as relações económicas com a Europa. Contamos com o povo português que sabemos adulto e que hoje conhece perfeitamente aqueles que lutam para o servir e aqueles que se servem dele».

Sobre os retornados, Mário Soares reconheceu grandes desigualdades, enquanto uns recebem subsídios e outros estão na miséria. Disse que é urgente encontrar uma saída, nomeadamente através da abertura de postos de trabalho e de acordos com países para onde desejem emigrar.

Falando sobre o ano passado, Mário Soares disse que o P.S. tinha conseguido evitar a guerra civil e o risco de uma divisão de Portugal entre o Norte e o Sul, além do eventual separatismo das ilhas atlânticas. Reafirmou que o P.S. é o único partido realmente nacional, ao passo que o P.C.P. apenas tem implantação no Alentejo e na cintura industrial de Lisboa, e o P.P.D. se congrega praticamente no Norte». Apesar disso, o secretário geral do P.S. manifestou novamente o desejo do seu partido formar Governo com os outros dois.

No comício em Seia, foram ouvidas outras intervenções, incluindo a de um representante da J.S. e de Manuel Alegre, que classificou Pires Veloso e Jaime Neves como verdadeiros militares revolucionários, ao lado de Vasco Lourenço e Ramalho Eanes «que souberam defender a liberdade democrática e não atacaram a Revolução apontando os canhões contra o povo».

Cunhal em Peniche

"Risco de nova e acentuada guinada à direita"

No último sábado completaram-se 26 anos desde a espectacular fuga de uma dezena de militantes do P. C. P. do Forte de Peniche, entre os quais se encontrava o próprio Álvaro Cunhal. O facto foi comemorado com um comício, lá mesmo, em Peniche, quando, além do secretário-geral do P. C. P. falaram ainda Joaquim Gomes e Francisco Miguel, do Comité Central, um pescador e um representante da Comissão Concelhia.

Em linhas gerais, o discurso de Álvaro Cunhal esteve dentro das seguintes linhas: análise e desvinculação do P. C. P. das medidas de política económica tomadas pelo Governo, condenação da política de Informação instaurada depois do 25 de Novembro, análise dos factos que se registaram em Custóias e em Caxias e referência às negociações já feitas para a recomposição do VI Governo.

Sobre o primeiro ponto, disse Cunhal: «Nós, os comunistas embora nunca tivéssemos tido no Governo as pastas da Economia e Finanças, sempre propusemos e lutamos por medidas concretas para vencer as dificuldades económicas, defendendo ao mesmo tempo os interesses dos trabalhadores e a construção de uma sociedade mais justa a caminho para o socialismo. Inversamente, o P. P. D. e o P. S., de forma mais ou menos aberta, propuseram sempre uma política de defesa dos interesses dos capitalistas e agrários, uma política antioperária e antipopular. Agora que o P. S. e o P. P. D. alcançaram a hegemonia no Governo, aí tendes a sua política, nua e crua».

Quanto ao que se tem vindo a passar nos órgãos de Informação, disse o secretário-geral do P. C. P.: «Que sucedeu com o «Diário de Notícias» e com o «Século»? Pataca a mim, pataca a ti, os dois partidos que dizem defender o pluralismo, dispondo do poder do Governo ficaram um com um, outro com outro, oficialmente. Jornais que custam ao Estado milhares de contos por mês, são repartidos como presas de guerra por partidos do Governo que logo procedem à limpeza geral e nomeiam para directores e chefes de Redacção, sobrinhos e afilhados. Deve dizer-se que o P. C. P. foi convidado a participar também da partilha do bolo, mas se recusou».

Referindo-se aos acontecimentos de Caxias e Custóias, Álvaro Cunhal advertiu que esses factos podem contribuir para de novo cavar um fosso entre as massas populares e as Forças Armadas, para destruir a aliança que está na raiz dos êxitos da revolução.

Finalmente, demonstrando preocupação pelas negociações para a recomposição do VI Governo, o secretário-geral do P. C. P. avisou que «existe o risco de não se chegar a um acordo e de uma nova e ainda mais acentuada guinada à direita».

ENTREVISTA

Numa entrevista difundida ontem pela televisão húngara, Álvaro Cunhal diz que as forças de direita estão a progredir em Portugal e que as realizações revolucionárias estão em perigo.

Estado-Maior do Exército comenta notícias sobre Caxias

«De uma maneira geral» os órgãos de Informação não relataram objectivamente os acontecimentos do passado dia 1 junto ao Forte de Caxias — diz uma nota oriunda do Estado-Maior do Exército. De entre a generalidade da Imprensa teria sobressaido «designadamente» o nosso jornal, acusado de «graves deturpações da verdade».

Transcrevemos seguidamente o documento:

«Embora os incidentes ocorridos em 1 do corrente junto à prisão de Caxias tenham já sido motivo de um comunicado especial do Q. G. R. M. L., entende-se ser conveniente fornecer à opinião pública uma versão mais pormenorizada dos factos para que cada qual possa ser juiz acerca de quem serve a Revolução e de quem dela se serve. Assim:

Em virtude de as forças militarizadas que asseguravam a segurança exterior do forte enfrentarem manifestantes que, além de proferirem toda a qualidade de insultos, procuravam a todo o custo chegar a uma situação de conflito físico, aquelas forças solicitaram um reforço ao Q. G. / R. M. L., tendo este determinado que para o local se deslocasse uma força do Regimento de Comandos.

Esta força, que se deslocava em nove viaturas «Chaimite», ao aproximar-se do forte verificou que os manifestantes, longe de se afastarem para que as viaturas passassem, as envolveramam e se deitaram à sua frente, na estrada, de modo a impedirem o seu deslocamento.

Em face desta situação, um oficial da força desceu e ordenou que também descessem alguns soldados e procuraram que os manifestantes desobstruissem o caminho.

Verificou-se, porém, que não só os manifestantes que se encontravam deitados não obedeceram à ordem para se levantarem, como também outros manifestantes, além de redobrarem os insultos, que vinham proferindo, desde a chegada das tropas, começaram a agredi-las com pedradas e até com pauladas, de que resultou um soldado com um braço fracturado e outros com escoriações várias.

Foi só perante tal situação de claro desrespeito pela autoridade e de perigo para a integridade física dos militares, que estes usaram de meios possíveis para o caminho ser desimpedido quer arrastando para os lados os civis que estavam deitados na via, quer afastando outros com ameaças de coronhadas — mas nunca efectuando qualquer disparo.

Uma vez atingido o forte, sob pedradas que continuavam a cair sobre as suas costas, os militares formaram um cordão através da estrada e, lentamente, pacientemente, procurando evitar a todo o custo situações de derramamento de sangue, foram abrindo uma clareira em volta do forte, o que, para ser conseguido num raio de 200 metros, demorou cerca de hora e meia.

Durante toda esta acção foram dadas aos representantes dos órgãos de Informação todas as facilidades possíveis, procurando-se, ao mesmo tempo, garantir que eles não fossem molestados.

Lamentavelmente, a estas facilidades concedidas não correspondeu, de uma maneira geral, uma informação objectiva, verificando-se mesmo — e por parte de alguns desses órgãos, designadamente pelo «Diário de Lisboa» — graves deturpações da verdade, as quais não só induziram em erro os leitores ou ouvintes, como também provocaram entre os militares dos Comandos assim tão injustamente tratados e mau grando toda a sua suavidade e todo o espírito de sacrifício, de que deram amplas provas, grande indignação.»

«MAU SERVIÇO AO PAÍS»

«As principais deturpações assinaladas, ou aspectos que induzem o leitor ou ouvinte em erro foram:

O «Diário de Lisboa» apresentou, na primeira página, em grande formato, uma fotografia em que se vê um militar dos Comandos de «G-3» em punho, aparentemente a agredir à coronhada alguém que se encontra a cair ou a levantar-se, ante expressões de indignação de outros civis presentes.

Esclarece-se que esta fotografia foi tirada — e não é isso explicado — precisamente quando, esgotados todos os outros recursos, foi preciso recorrer à força para afastar os manifestantes que se encontravam deitados na estrada. Além disso e apesar de a fotografia estar escura — é possível ver que um dos manifestantes precisamente aquele a quem o militar parece estar a fazer frente, empunhava uma garrafa.

A coluna não foi comandada pelo coronel Jaime Neves, mas por um major.

As tropas dos Comandos só chegaram ao local pelas 17 horas, pelo que não podiam estar a fazer disparos para o ar pelas 15 horas, outro pormenor do objectivo do «Diário de Lisboa».

O braço partido de um militar e as equimoses em outros por pedradas, mostram como os Comandos não enfrentaram meros civis indefesos, mas manifestantes agressivos.

O facto de os militares terem sido, por pedradas, mostram terem demorado hora e meia a afastar os manifestantes de 200 metros, mostra bem as dificuldades que aqueles encontraram e a boa vontade e suavidade que manifestaram.

Os elementos estrangeiros do Comité Russel que se encontravam no local nunca se identificaram como tal, mesmo quando chamados à presença do comandante da força. Apenas um deles declarou que era membro do Parlamento Britânico.

Só devido ao elevado grau de preparação dos Comandos e ao seu espírito cívico, pois, se ficou a dever o facto de dos incidentes não terem resultado baixas — baixas essas que, talvez, os manifestantes desejassem, como devem ter desejado no Porto, para, na sequência de procedimentos demasiado conhecidos, as apresentarem depois como mártires, como vítimas da repressão, em suma, como símbolos.

O Estado-Maior do Exército lamenta pois que, mais uma vez, órgãos de Informação estatizados, tenham prestado um mau serviço ao País, afastando-se daquela insenção e daquela dignidade que deve possuir uma Informação digna de tal nome.

Aproveita-se a oportunidade para avisar as organizações que tendo instrumentalizado os militares contra-revolucionários do 25 de Novembro e que têm continuado a tentar explorá-los, de que se está atento e se responderá, com todo o vigor, às suas provocações, impedindo-lhes que possam ferir, como tentaram em 25 de Novembro e continuam a tentar, a jovem democracia portuguesa.

Não serão, também, estas actuações, ou outras similares, que obstarão a que o inquérito aos acontecimentos de 25 de Novembro, revele o seu compromisso efectivo com o golpe.»

Confirma-se a transferência de detidos de Custóias

● Costa Gomes recebeu familiares

PORTO, 5 — (Da nossa delegação) — Segundo informações recolhidas esta manhã junto dos familiares dos detidos em Custóias e junto do Caarp confirma-se a transferência de alguns dos militares antifascistas detidos nessa prisão. Um oficial do Q.G. do Porto teria confirmado essas transferências, não se sabendo, porém, quando, nem quantos, serão transferidos. A hipótese de a transferência se verificar para a cidade da Guarda («Operação Montanha» como já referimos) continua a ser a mais provável.

Entretanto no sábado à tarde foram recebidos em Belém alguns familiares dos militares detidos na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro. Os familiares — quatro mulheres dos detidos — foram dar conta a Costa Gomes das suas preocupações e contribuir, com informações mais seguras, para um conhecimento correcto do Presidente da República, do que efectivamente se passou em Custóias e Caxias.

Em contacto com as pessoas recebidas em Belém, soubemos que foi comunicado ao general Costa Gomes que o que se passou em Custóias foi essencialmente uma rebelião dos presos de delito comum que, após deterem alguns guardas prisionais, foram abrir as celas dos militares antifascistas. Estes, no entanto, acabaram por actuar como verdadeiras forças da ordem pois, em vez de saírem, prontificaram-se a colaborar no restabelecimento da segurança do Forte, o que — sublinharam aqueles familiares a Costa Gomes — foi reconhecido pelo próprio director da Cadeia.

Ao Presidente da República foi pedida uma rigorosa investigação sobre quem tinha preparado «o conluio evidente entre a G.N.R., os presos de delito comum e os provocadores que actuaram no exterior da prisão». Aqueles familiares sublinharam por outro lado ao general Costa Gomes que os militares detidos são verdadeiramente dignos de pertencerem a umas Forças-Armadas democráticas e progressistas e o modo como actuaram no interior da cadeia de Custóias são a prova cabal disso.

Informaram ainda o Presidente da actuação dos comandos em Caxias, que consideraram altamente repressiva e injustificada e própria de mercenários, pois não houve provocações por parte dos manifestantes que aliás gritaram permanentemente «os soldados são filhos do Povo». Lembram, a propósito o próprio testemunho de um deputado inglês que a tudo assistiu. Disseram, ainda, que apesar dos lamentáveis acontecimentos de Caxias, «ainda há nas Forças Armadas, nos próprios comandos e na G.N.R., homens honestos, com capacidade de diálogo e que compreendem o significado do 25 de Abril».

A propósito do comunicado do Governo Civil do Porto perguntaram-lhe: «Que responsabilidade há para pessoas que possam fazer comunicados como estes?» (referiam-se como é óbvio ao texto do dr. Cal Brandão). O presidente tomou nota durante a audiência de tudo onque lhe foi comunicado pelos familiares.

(MAIS NOTICIÁRIO NA PÁG. 6)

post scriptum

Coincidências

Quem assistiu em Luanda aos acontecimentos dramáticos que começaram em fins de Março e terminaram com a expulsão da capital angolana da F. N. L. A. e da U. N. I. T. A, tem ainda presente a guerra dos comunicados, travada entre a F. N. L. A. e o M. P. L. A.. Desses comunicados — que todos os dias nos «metralhavam» os ouvidos através da Rádio e nas páginas dos jornais — há palavras que à força de repetidas nos ficavam na memória revestidas de certas conotações dramáticas. Entre elas encontram-se os termos «social-fascista» e «maquiavélico» profusamente usados pela F. N. L. A..

Quando há meses cheguei a Portugal e comecei a ouvir por aí os «ardinas» do M. R. P. P. a apregoar o seu jornal fazendo uso dos termos «social-fascista» e «maquiavélico», pensei para com os meus botões: «Cá temos uma «delegação» da F. N. L. A.»

Fiquei pois extremamente confuso quando há dias li no jornal «Povo de Olhão», de 20. 12.75, uma entrevista com Arnaldo de Matos, na qual diz que os acontecimentos de 25 de Novembro «são uma derrota para a extrema-esquerda» para logo a seguir afirmar que «não existe extrema-esquerda».

Segundo motivo de confusão: diz ainda Arnaldo Matos que o M. R. P. P. «é a única esquerda que existe».

Entre o M. R. P. P. e a F. N. L. A, embora usem ambos a mesma terminologia há uma pequena diferença: o Movimento de Holden Roberto pelo menos nunca enganou ninguém: deu sempre a entender que estava ao serviço da reacção.

Luís Rocha — Évora

Herança de Tomás para o Natal

Desejo-me reportar ao que no V/ número de 18 de Dezembro se escreveu sobre a injustiça de não receberem o 13.º mês os trabalhadores que, por doença, faltaram mais de 60 dias durante o ano. Na verdade, nada recebem os que, involuntariamente, estiveram doentes e logicamente mais precisam de uma ajuda monetária.

Certos patrões que não cumprem qualquer legislação favorável aos trabalhadores, tornam-se inabaláveis e íntegros cumpridores da lei quando esta os prejudica. É este o meu caso, como o de muitos mais. Não se percebe bem que à luz do Dec.-Lei 456/72, de 14. 11. 72, se não conceda, mesmo proporcionalmente, o 13.º mês aos que estiveram ausentes, por doença, do trabalho, por período superior a 60 dias. Por outro lado, calcula-se aquela proporção que é concedida aos que trabalharam mesmo apenas um mês, ou menos, quer por efeitos de recente admissão, quer por demissão. Mas o decreto não contempla os que trabalham mesmo 10 meses durante o ano, mas faltaram 60 dias por doença.

O decreto em questão foi promulgado por Américo Tomás e depois disso houve um 25 de Abril que revolucionariamente deveria revogar toda a legislação burguesa e reaccionária. Todavia o decreto está em vigor.

Júlio D. Vilhena — Lisboa

Quando deixará de haver filhos e enteados?

Concordo inteiramente com o exposto na carta publicada nessa secção, da autoria do sr. Filipe Portugal, que julgo merecer o aplauso de todos nós.

É na verdade absolutamente contrário ao espírito do 25 de Abril — é anti-25 de Abril — a existência de classes privilegiadas no nosso país, que com total indiferença pelos sacrifícios da maioria dos portugueses, continua a adquirir géneros essenciais, como a alimentação, gasolina, etc., a preços «especulativamente» baixos.

Estou certo que em relação a certos produtos como a gasolina, o aumento de preços podia deixar de ser tão exagerado se todos pagassem pela mesma tabela.

Quando é que no nosso país deixará de haver filhos e enteados?

Mário Martinho Pereira — Lisboa

Lembraram-se dos desempregados

Na qualidade de desempregado solicito o favor da publicação desta carta. É um dever de justiça realçar e agradecer a iniciativa tomada pelos vários serviços que processam o subsídio de desemprego na Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa, com destaque para o serviço do subsídio de desemprego e tesouraria onde, devido à colaboração de todo o pessoal ali destacado que foi ao ponto de prolongar as suas horas de serviço sem qualquer lucro, foi possível a alguns desempregados receberem o seu subsídio antes do dia de Natal. Não fora a iniciativa e colaboração prestadas por estes trabalhadores e mais uma vez os desempregados seriam ignorados pelos responsáveis do Governo.

Beneficiário n.º 009636870 (identificado)

Esta TV não é demais?

À semelhança dos anos anteriores também neste primeiro dia de 1976 a TV nos brindou com mais um concerto de Ano Novo, transmitido a partir de Viena.

À medida que as imagens se sucediam perguntava a mim próprio o que pensaria o povo, mormente o transmontano, beirão, alentejano, o das barracas da cintura de Lisboa e o das ilhas do Porto, das salas ricamente ornamentadas, das vestimentas dos bailarinos, da selecta assistência...

António Nunes Grilo — Amadora

PEQUIM REAFIRMA A SUA SOBERANIA SOBRE VÁRIOS ARQUIPÉLAGOS

. A Imprensa chinesa reafirmou com vigor a soberania de Pequim sobre as ilhas do Mar da China Meridional. Um mesmo artigo publicado pelos jornais «Claridade» e «Diário do Povo», lembra que os arquipélagos Tungsha (Pratas), Hsisha (Paraceles), Chungsha (Macclesfields) e Nasha (Spratley) fazem parte integrante do território chinês.

O povo chinês, escrevem os dois jornais, foi o primeiro a descobrir essas ilhas há mais de dois mil anos, e, através das idades, «trabalhou com diligência, regando com o seu suor o território sagrado da pátria». O «testemunho irrecusável» das descobertas arqueológicas, prossegue o artigo, demonstra que «os nossos antepassados arranjaram e administraram as diversas ilhas do Mar da China Meridional». Os atlas soviéticos mais recentes são mesmo citados em apoio da tese da soberania chinesa. «Mas, observam os dois diários chineses, no princípio do ano passado, quando o nosso exército e o nosso povo esmagaram a clique de Ngueyn van Thieu, que interferiu nas nossas ilhas de Hsisha, — os revisionistas soviéticos lançaram ataques viciosos contra nós».

«Há ainda, conclui o artigo, na hora actual, certas ilhas que não regressaram às mãos do povo chinês.» este está «disposto a libertar Taiwan, e as ilhas pertencentes à China devem igualmente ser restituídas à mãe pátria... A China é um país socialista, nós não invadimos nem ocupamos nunca o território doutro povo e não permitimos a ninguém, seja qual for o pretexto invocado, que invada e ocupe o nosso território».

RELAÇÕES MEDÍOCRES COM OS DOIS VIETNAMES

A soberania da República Popular da China sobre as ilhas do Mar da China Meridional tem sido sempre afirmada por Pequim, e o artigo publicado por «Claridade» e «Diário do Povo» não traz nada de novo a esse respeito. Há mais de um mês, informações provenientes de Hongkong anunciavam que as forças revolucionárias sul-vietnamitas, que tinham desembarcado em Abril deste ano em seis ilhas Spratley tinham recebido ordem de deixar que os chineses tomassem posse delas. Tais indicações não foram confirmadas.

Os jornais chineses afirmam hoje que um comité revolucionário com sede numa das ilhas Hsisha tem competência sobre o «conjunto dos quatro arquipélagos», (isto é as Spratley, mas é difícil tirar daí conclusões seguras).

O problema da propriedade de algumas ilhas lança uma sombra sobre as relações sino-vietnamitas, nomeadamente desde a ocupação pelas tropas chinesas, em Janeiro de 1974, das ilhas Hsisha. Que a tese de Pequim seja reafirmada hoje e neste tom é facto que não constitui um gesto propício para acalmar eventuais susceptibilidades em Saigão ou Hanói. Além disso, a presença possível de jazigos de petróleo submarinos na região confere renovado interesse ao caso.

O artigo, que ocupa uma página inteira do «Diário do Povo», confirma o estado bastante mediocre das relações com os dois Vietnames. Pequim e Hanói adoptaram recentemente posições divergentes sobre diversos problemas, o último dos quais foi o caso angolano.

A Imprensa chinesa mostrou-se discreta sobre os resultados da visita a Moscovo de Le Duan, em fins de Outubro, e passou em silêncio a sua segunda escala, mais recente, pela capital soviética. Por outro lado, não se publicou ainda nenhum comentário em Pequim sobre os projectos de reunificação dos dois Vietnames, e a agência «Nova China» limita-se a noticiar discursos e comunicados que a tal respeito se publicam em Saigão e Hanói. Desde o fim do conflito vietnamita que nenhuma delegação das autoridades do Vietname do Sul se deslocou ainda a Pequim.

©(«Le Monde»)

CUBA, ANO XVII

ÊXITOS NO SECTOR DA SAÚDE PÚBLICA

FRANCISCO RAMÍREZ

O ministro cubano da Saúde Pública, José Gutierrez Muñiz, afirmou que um dos êxitos mais importantes desse sector foi o de ter estendido os seus serviços a todo o território nacional.

O ministro fez um balanço dos êxitos da nova medicina cubana, entre os quais incluiu a erradicação de várias enfermidades, como a difteria e a poliomielite, e a diminuição de outras, como a tuberculose.

O titular da pasta da Saúde Pública falou numa cerimónia realizada na cidade de Pinar del Rio, 175 quilómetros a Oeste da capital cubana, no Dia da Medicina Latino-Americana.

A data coincidiu com o 142.º aniversário do nascimento do insigne sábio cubano Carlos J. Finlay, que, no último quartel do século passado, descobriu o agente transmissor da febre amarela.

Finlay é também mundialmente conhecido por ter t i d o que lutar contra as t e n t a t i v a s feitas para lhe arrebatarem a glória da sua brilhante teoria, que em 1898 pusera à disposição de uma comissão sanitária norte-americana durante a primeira intervenção militar dos Estados Unidos em Cuba.

Se na sua época Finlay obteve reconhecimento universal por ter libertado a humanidade de um temível flagelo, o desenvolvimento actual da Saúde cubana tem sido amplamento elogiado por organismos internacionais.

Depois do triunfo da revolução, em Janeiro de 1959, restabeleceu-se em Cuba a assistência médica e hospitalar gratuitas para todos os cidadãos.

Com um carácter preventido curativo, o serviço sanitário cubano chega hoje aos mais longínquos rincões do país. No passado, só uma minoria de privilegiados tinha acesso a estes benefícios que incluia os centros assistenciais privados.

Cuba conta hoje aproximadamente um médico por cada mil habitantes, e um estomatologista, por 6500. Em 1973, o número de consultas médicas à população elevava-se a 4,5 por habitante, havendo um índice de 5,6 camas por cada mil cidadãos.

Para o quinquénio 1967-1980, o país propôs-se ampliar e aperfeiçoar o sistema médico hospitalar, desenvolver a medicina preventiva e aprofundar os estudos de Medicina do Trabalho.

Também está previsto um plano de investimentos no valor de mais de 200 milhões de pesos, que compreende a construção de 49 novos hospitais, com 16 230 camas, 110 policlínicas, 191 clínicas estomatológicas, 51 lares de velhos, assim como laboratórios e outras instalações. («Prensa Latina»).

Geral

Abastecimento e preços no Conselho de Ministros

A fim de prosseguir uma série de medidas no âmbito económico-financeiro e relativas a abastecimento e preços de bens essenciais, reúne na próxima quarta-feira o Conselho de Ministros.

Não se sabe ao certo que medidas o Conselho vai tomar, mas pode presumir-se que elas terão em vista pôr termo a certas anomalias que vêm a registar-se no mercado — açambarcamentos, por exemplo —, sensíveis para o consumidor desde que anunciados e postos em prática os aumentos mais recentes.

Aparece como muito provável que o Governo se centre agora sobre restrições a fazer nos consumos de energia, prevendo-se que serão atingidos os espectáculos, a iluminação pública e a circulação automóvel. Outro tema escaldante: a questão do horário de trabalho nacional.

Pensa-se que um dos objectivos a atingir pelo VI Governo é a estabilização dos preços, podendo, na sequência, prever-se a activação de medidas de fiscalização rigorosa.

A situação económica e financeira do País é o objecto duma exposição que vai ser feita pelo ministro das Finanças, Salgado Zenha.

"Dia do Campo" traz produtos agrícolas ao Terreiro do Paço

O Grupo Dinamizador dos Órgãos de Vontade Popular promove de 10 a 25 do corrente uma «Jornada de Luta» em diversos pontos do País, conforme foi anunciado num plenário de representantes de cerca de meia centena de comissões de moradores e trabalhadores do concelho de Lisboa, no sábado, na sede do grupo de teatro «A Comuna», à Palhavã.

O lançamento de uma frente de artistas revolucionários, grupos de teatro e cantores populares que actuarão em seis sessões simultâneas marcadas para o Porto, Beja, Setúbal, Cacém, Alhos Vedros, Baixa da Banheira e Lisboa assinalará no próximo dia 10, o começo da iniciativa, que constitui uma «resposta organizada das massas populares ao avanço da direita».

Segue-se uma «Semana Antifascista» em Lisboa, durante a qual será ocupado o «Drugstore Sol-a-Sol», na Avenida da Liberdade, onde serão expostas fotografias sobre a luta do povo português após o 25 de Abril e serão projectados filmes sobre lutas populares no Chile e noutros países. Haverá ainda colóquios com a participação de estrangeiros.

No dia 11 decorrerá um inquérito junto dos pequenos comerciantes de Lisboa sobre a ligação campo-cidade, com o objectivo de obter informações para reforço da luta contra a carestia de vida. No dia 16 realiza-se no Terreiro do Paço uma grande manifestação «contra o Plano Económico do VI Governo, o desemprego e a Informação antipopular».

No dia 18, decorrerá um «Dia do Campo», igualmente no Terreiro do Paço, com venda directa ao consumidor de produtos agrícolas provenientes de todo o País. Actuarão ranchos folclóricos e corais alentejanos, estando prevista a realização de uma sessão de circo para os filhos dos camponeses. À noite, em local ainda não designado, haverá uma reunião com pequenos comerciantes, comissões de trabalhadores, comissões de moradores e representantes de cooperativas, em que se discutirão as formas futuras de actuação dos órgãos de vontade popular.

Uma notícia muito doce

Um laboratório de Frankfurt está a ensaiar um novo sucedâneo do açúcar, cento e trinta vezes mais adoçante que este e com teor de calorias muito reduzido.

O produto foi baptizado tecnicamente com a designação de «Acetosulfam» e deverá ser lançado brevemente no mercado. Experiências já realizadas permitiram concluir que este sucedâneo do açúcar dá melhores resultados que a sacarina nos processos de cozedura de alimentos, por ser mais estável nas soluções ácidas e alcalinas.

Derivado do ácido acético, o «acetosulfam» tem sabor natural muito intenso e a sua utilização é bastante importante para o metabolismo.

TRANSPORTES PORTUGUESES EM 1975

Um défice superior a quatro milhões

Em 1975 os transportes portugueses deram um défice superior a quatro milhões de contos — revela e sintetiza uma nota oficiosa dimanada do Ministério dos Transportes e Comunicações enviada ontem à Imprensa. O documento pormenoriza a situação vigente neste sector crucial, não deixando em claro as perspectivas a deduzir, que passam também por uma rigosora gestão de cada ramo transportador.

É do seguinte teor:

«As condições económicas da exploração da actividade dos transportes têm vindo a sofrer substanciais alterações desde o final de 1973. De facto, foi a partir da chamada crise do petróleo que o custo dos factores de produção não mais deixou de se agravar, criando-se deste modo situações extremamente difíceis do ponto de vista económico-financeiro.

«Assim, o montante global dos défices de exploração das empresas de transportes terrestres colectivos de passageiros para o ano de 1975 deverá ultrapassar os quatro milhões de contos, prevendo-se para 1976, nas condições actuais de exploração, um défice total de mais de 5 milhões de contos, o que é incomportável para a economia nacional.

«Para se dar uma ideia mais concreta dos custos e receitas médias por quilómetro percorrido, e respectivas diferenças, elaborou-se o quadro 1 em anexo, que é suficientemente elucidativo.

«A título de exemplo, veja-se o caso da Carris. Em 1973 apresentou um custo médio por quilómetro de 12$46 e recebeu em média dos passageiros, por igual distância, 11$54. Isto significa que em cada quilómetro andado por veículo a empresa perdeu em média $92. Em 1975 esse prejuízo atinge 10$66 por quilómetro percorrido, ou seja, de 1973 a 1975 o custo aumentou 105 por cento e a receita cobrada aos utentes só cresceu 30 por cento.

«Esta evolução do cusro, para além do aumento do preço dos combustíveis, resultou essencialmente dos acréscimos de despesas com salários e encargos sociais e com reparações do material de transporte.

«Tomando-se ainda a Carris para exemplo, verifica-se que de 1973 a 1975 o agravamento do seu custo por quilómetro resultou fundamentalmente das despesas com salários e encargos sociais (mais 171 por cento), dos combustíveis (mais 78 por cento) e reparações (mais 69 por cento).

«Nas outras empresas, o panorama é muito semelhante.»

ACRÉSCIMO DE RECEITAS NÃO ANULA OS PREJUÍZOS PREVISTOS

«Se se tiver presente que os encargos com mão-de-obra representam no sector dos transportes terrestres valores da ordem dos 40 a 80 por cento dos custos médios, facilmente se compreende o peso que a variação dos salários e respectivos encargos sociais têm nos respectivos custos.

«Apesar do carácter de serviço público que a actividade transportadora reveste, ter-se-á que reconhecer que não é possível, nem socialmente justificável, que se canalizem para cobertura dos vultuosos défices do sector, recursos financeiros cada vez mais necessários para o relançamento da economia do País.

«Neste entendimento, há que assumir a coragem de tomar medidas verdadeiramente revolucionárias, que neste momento, passam por falar a verdade dos números às classes trabalhadoras.

«Embora o acréscimo de receitas derivado do ajustamento de tarifas agora verificado não seja suficiente para anular os prejuízos previstos, torna-se, portanto, imperioso reduzir os défices de exploração das empresas, para níveis comportáveis.

Custos e receitas médias por quilómetro percorrido e respectivas variações de 1973 a 1975

Empresas (1)	1973			1975		
	Cust.	Rec.	Déf.	Cust.	Rec.	Déf.
Carris	12:46	11:54	:92	25:59	15:11	10:48
S.T.C. Porto	13:78	11:80	1:98	26:75	17:98	8:77
Metropolitano (2)	39:93	23:60	16:33	57:29	29:26	28:03
Táxis	2:05	2:30	—	3:67	2:90	:77
Letra «A»	2:12	2:00	:12	3:80	3:10	:70
Autocarros	9:45	9:40	:05	16:57	12:65	3:92

Variações de 1973 a 1975 em percentagens

	Custos	Receitas	Défices
Carris	105 %	31 %	1039 %
S. T. C. Porto	94 %	52 %	343 %
Metropolitano (2)	43 %	24 %	72 %
Táxis	79 %	26 %	—
Letra «A»	79 %	55 %	483 %
Autocarros	75 %	35 %	7740 %

(1) Para os transportes fluviais no Tejo não se possuem elementos suficientemente detalhados para as empresas, agora nacionalizadas, que permitam uma análise idêntica à efectuada para os outros operadores, prevendo-se, contudo, que o défice de exploração para 1976 seja de 41 000 contos, não estando incluída a linha T. Paço-Barreiro, que é explorada pela CP.

(2) Nos cursos de exploração do Metropolitano contam-se os encargos financeiros da empresa.

«Deste modo, o Estado terá que continuar a suportar, através de subsídios não reembolsáveis, parte significativa dos custos de muitas das empresas de transportes.»

NÃO PODE HAVER REDUÇÃO DOS EFECTIVOS EM PESSOAL

«Está-se plenamente consciente que a difícil situação em que se encontra o sector, não resulta somente do sucessivo agravamento no custo de alguns dos factores produtivos, mas também em parte das deficiências estruturais agravadas ao longo dos anos.

«Estas deficiências verificaram-se não só na orgânica empresarial, como na estrutura das redes existentes na composição, qualidade e aproveitamento do parque do material circulante.

«Apesar do esforço que este Ministério tem vindo a desenvolver na reorganização e reequipamento dos transportes colectivos, fluviais e terrestres, a correcção significativa das distorções e estrangulamentos existentes não é materialmente possível no prazo imediato, até porque os resultados das acções empreendidas, em curso e programadas, só progressivamente se irão fazer sentir.

«Por outro lado, o facto de haver uma situação de sem-prego não consente que se tomem determinadas medidas da simplificação e reestruturação de serviços que poderiam conduzir à redução de efectivos e, portanto, de encargos.»

ALTERAÇÃO DOS SISTEMAS TARIFÁRIOS

«Em face do exposto, o Governo viu-se na contingência de proceder à revisão tarifária em diversos operadores de transportes públicos.

«Essa revisão teve em conta determinados critérios, tendentes não só à simplificação dos sistemas tarifários em vigor, mas também, e principalmente, a impedir que o aumento fosse afectar de forma extrema as classes trabalhadoras que por razões decorrentes da sua actividade, são os principais utentes dos transportes colectivos.

«Assim, procedeu-se a uma alteração profunda dos sistemas tarifários que, para além do aumento de receitas, visou: reduzir a proliferação de critérios e sistemas tarifários; suprimir, nos preços, as fracções de escudo; atenuar as principais distorções e rupturas tarifárias existentes; introduzir de imediato os passes sociais nos operadores urbanos e suburbanos de Lisboa e Porto onde tecnicamente se mostrou possível, e definir os critérios para o alargamento rápido desses títulos de transporte aos restantes serviços suburbanos interurbanos.

«Embora o agravamento de tarifas agora decidido atinja, nos transportes colectivos, em média e nos bilhetes simples, uma percentagem da ordem dos 40 por cento a criação de passes sociais para número ilimitado de viagens veio proporcionar a muitos utentes uma redução sensível do seu orçamento familiar com transportes, ou aumentos pouco significativos.

«Registe-se que a introdução do novo passe social pelo preço de 225 escudos corresponde, nos casos de Lisboa e Porto, a uma diminuição respectivamente de 45 por cento e 33 por cento nas assinaturas em vigor até 31 de Dezembro.

«Aliás, para Lisboa, o utente do novo passe pode usá-lo indiscriminadamente nos autocarros ou eléctricos, ao contrário do que vigorava anteriormente.

«Ainda no que respeita aos passes sociais, encontram-se desde já em curso estudos que vão permitir o seu alargamento aos operadores suburbanos e interurbanos.

«O aumento das tarifas nos táxis foi apenas de 20 por cento, percentagem inferior portanto à média do agravamento das tarifas agora decidido.

«Chama-se, por fim, a atenção das empresas de transportes e do público em geral, que enquanto os novos preçários, não se encontrarem sancionados, carreira por carreira, junto da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres e da Administração-Geral do Porto de Lisboa respectivamente, para os transportes terrestres e fluviais no Tejo, deverá a nova tabela de tarifas ser afixada em todos os veículos ao serviço, a regularização dos respectivos títulos de transporte.

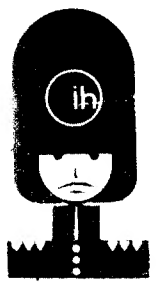
«As novas tarifas que assim devem ser afixadas, são as entradas em vigor no dia 1 de Janeiro e foram para o efeito impressas na Imprensa Nacional, onde podem ser adquiridas pelas empresas interessadas.»

JORGE CAMPINOS DEBATEU TURISMO NO ALGARVE

FARO, 5 — A fim de debater alguns problemas do turismo do Algarve, o ministro do Comércio Externo e Turismo, Jorge Campinos, reuniu-se com várias entidades ligadas ao turismo durante a sua estada de cinco dias nesta província. Entre essas entidades contam-se a Comissão Administrativa da Comissão Regional de Turismo do Algarve, o ministro do Coabitadores deste organismo, Sindicato do Pessoal da Indústria Hoteleira e Associação dos Hoteleiros e Similares do Algarve.

Aquele membro do Governo avistou-se ainda com o governador civil do distrito.

APRENDA **LÍNGUAS** CONNOSCO



SOMOS ESPECIALISTAS

- Fazemos parte da organização **INTERNATIONAL HOUSE**
- Publicamos as revistas **BBC/Modern English e Modern English Teacher**
- O nosso centro de pesquisas e aperfeiçoamento pedagógico prepara mais de 1000 professores anualmente
- O nosso grupo de teatro **«THE ENGLISH TEACHING THEATRE»** já actuou em mais de 20 países da Europa incluindo Portugal
- Ensinamos mais de 20 000 pessoas anualmente, em 15 países

ABRIMOS CURSOS NOVOS EM JANEIRO
INGLÊS E **ALEMÃO** EM REGIME INTENSIVO E NORMAL

PARA INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES, Rua Marquês Sá da Bandeira, 16 — Telefs. 571496, 534054, 534062

Geral

Moçambique chama cooperantes

..A Secretaria de Estado da Cooperação tornou público que estão abertas as inscrições para cooperantes com a República Popular de Moçambique nas seguintes especialidades:

AGRICULTURA

Agrónomos, silvicultores, especialistas de pesca, de agricultura, de fitopatologia, engenheiros geógrafos, licenciados em matemática, geodesia, veterinários, biólogos, engenheiros químicos, economistas agrários, regentes agrícolas e contabilistas.

..Preferência: especialistas em culturas tropicais, fertilizações e análises foliares, químicas e físicas de solos, fisiopatologia da reprodução, culturas cerealíferas, classificação comercial, defesa fitossanitária de produtos das zonas tropicais, empresas agro-pecuárias e docência agrária.

ENSINO TÉCNICO

..Professores de Mecânica e Mecanotécnica, Electricidade e Electrotécnica, Química e Quimicotécnica, educadores de ensino pré-primário e infantil e bibliotecários.

TRANSPORTES

..Engenheiros, técnicos, especialistas e práticos de sinalização e comunicações ferroviárias, conservação de frio, informática, postos, operações ferro-portuárias, planeamento e formação de quadros, operações ferro-rodoviárias, aprovisionamento e armazéns, coordenação de tráfego, instalações frigoríficas, equipamento portuário, transportes rodoviários, dragagens, farolagem, hidrográficos, cartógrafos, navegadores de hidrografia, pilotos de barra e farolagem, especialistas de Ils, DME, Vor e radiocomunicações, transportes aéreos e controladores de tráfego aéreo, oficiais de Marinha Mercante e economistas de transportes.

METEOROLOGIA

Meteorologistas e observadores.

TELECOMUNICAÇÕES

Engenheiros, práticos, técnicos e especialistas de altas frequências, comutação telefónica, comutação telegráfica, micro-ondas e ondas decamétricas.

TRABALHO

Licenciados em Direito, Economia, engenheiros químicos, agentes técnicos e técnicos de prevenção de acidentes e segurança social.

FINANÇAS

..Juristas, programadores, financistas, técnicos contabilistas e auditores.

OBRAS PÚBLICAS E HABITAÇÃO

..Encarregados de obras, topógrafos, mecânicos de terraplanagem, experimentadores, urbanistas, engenheiros civis, arquitectos e engenheiros electrónicos.

MEDICINA E ASSUNTOS SOCIAIS

Todas as especialidades de nível superior, médio e secundário.

ENSINO UNIVERSITÁRIO

Doutores e licenciados dos cursos de Veterinária, Economia, Matemática, Física, Química, Geologia, Geografia, História, Arqueologia, Antropologia, Sociologia, Documentação e Informação, Linguística, Germânicas e Românicas, Medicina, Agronomia, Engenharia Electrónica, Mecânica, Química e Biologia.

2. CONDIÇÕES OFERECIDAS

POR MOÇAMBIQUE:

..Regalias sociais idênticas aos funcionários moçambicanos, vencimentos conforme a especialidade, dos quais poderão transferir 25 por cento para Portugal e subsídio de renda de casa de 2500$00.

POR PORTUGAL

Salvaguarda dos direitos adquiridos perante a administração pública ou privada portuguesa; pagamento dos encargos de Previdência; complemento de remuneração mensal conforme a especialidade.

3. As respostas a este comunicado deverão ser dirigidas pelos interessados, indicando identificação completa, estado, nacionalidade, profissão e local de trabalho, situação militar do cooperante ou cônjuge, especialidade e experiência profissional, residência actual e telefone, para o Gabinete Coordenador para a Cooperação, Avenida Ilha da Madeira (Restelo), 6.º piso do edifício do E. M. G. F. A.

MÉDICOS E PARAMÉDICOS

Entretanto uma nota da mesma Secretaria de Estado informa médicos e paramédicos interessados de que, nos termos do acordo celebrado entre Portugal e Moçambique, se aceitam inscrições para serviço naquele país, sendo preferidas as seguintes especialidades:

..Ortopedistas, otorrinolaringologistas, oftalmologistas, neurologistas, neurocirurgiões, psiquiatras, urologistas, dermatologistas, cirurgiões, anestesiologistas, tisiologistas, pediatras, epidemiologistas, estatística médica, Direito e legislação sanitária, administradores hospitalares, engenheiros sanitaristas, físicos (radioterapia e radioisótopos), bacteriologistas (análises clínicas), analistas de alimentos (bacteriologia e química), anatomopatologistas, virulogistas, analistas, clínicas gerais, farmacêuticos, micologistas, médicos legistas, enfermeiros monitores, técnicos de raios X, laboratórios, radioterapia, máquinas de lavar e de incinerar lixo, de cadeiras de dentistas, técnicos de creches e infantários, educadores de infância e puericultura, pessoal para assistir diminuídos físicos e mentais, e professores (doutores e licenciados) dos cursos de Medicina, Veterinária, Farmácia e Saúde Pública.

2. CONDIÇÕES OFERECIDAS POR MOÇAMBIQUE:

Regalias sociais idênticas aos funcionários moçambicanos; vencimentos que oscilam entre 7500$00 (paramédicos), 16.000$00 (licenciados) e 35.000$00 (doutores), dos quais poderão transferir para Portugal 25 por cento ou mais; subsídio de instalação à volta de 15.000$00; subsídio de renda de casa não inferior a 2500$00, e enquadramento do cônjuge como cooperante.

POR PORTUGAL:

..Salvaguarda dos direitos adquiridos perante a administração pública ou privada portuguesa; pagamento dos encargos com a aposentação, pensão de sobrevivência e outros descontos obrigatórios; equivalências ao tempo de periferia; contagem do tempo de internato da especialidade; preferência para entrada no internato da especialidade; preferência para concursos no quadro permanente dos hospitais; conservação dos direitos do cônjuge; complemento da remuneração mensal pago em moeda portuguesa que oscila entre 5000$00 (paramédicos), 10.000$00 (licenciados), 15.000$00 (especialistas) e 20.000$00 (doutores).

3. As respostas a este convite deverão ser dirigidas pelos interessados, indicando identificação completa, estado, nacionalidade, profissão e local de trabalho, situação militar do cooperante ou cônjuge, especialidade e experiência profissional, para o Gabinete Coordenador para a Cooperação.

Encarregados de segurança

. Por iniciativa da Direcção-Geral dos Serviços de Prevenção e Riscos Profissionais iniciam-se no próximo dia 5 cursos gratuitos para encarregados de segurança, em que estão abrangidas as indústrias metalúrgicas, metalomecânicas, de obras e construção civil.

Estes cursos terão a duração de três semanas, realizando-se, em princípio, todos os meses, com o horário das 14.30 à 01.30, na sede da direcção do Serviços de Prevenção e Riscos Profissionais (Lisboa, Avenida da República, 84, 8.º) e na delegação do Porto (Rua do Breyner, 188, 1.º), para onde os interessados poderão solicitar os respectivos programas e inscrição.

Os cursos visam não só a preparação de novos técnicos de prevenção destinados a assumir funções de encarregados de segurança nas empresas, como também à reciclagem dos que já exerciam essas funções.

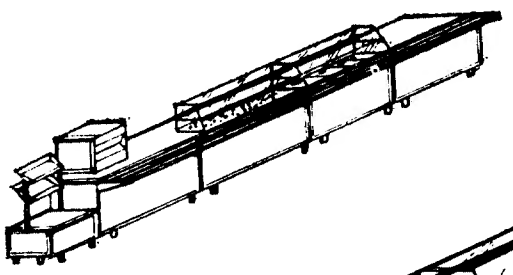
Expropriações de prédios rústicos em Portalegre

Por portaria publicada na folha oficial, o Ministério da Agricultura e Pescas, sob proposta do Conselho Regional da Reforma Agrária de Portalegre, determina a expropriação de diversos prédios rústicos naquele distrito.

INDÚSTRIA NACIONAL EM MOVIMENTO...

ESTAMOS A FABRICAR RÁPIDO E BEM. ATÉ FINS DE JANEIRO APRESENTAMOS NO MERCADO MATERIAIS A NÍVEL INTERNACIONAL.

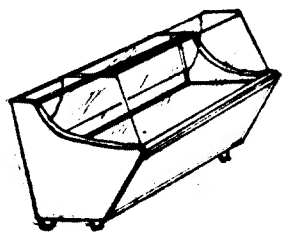
BALCÕES SELF-SERVICE



MÓDULOS SEGUNDO GASTRO NORM EM INOX MODELOS NORMAIS, E, ESPECIAIS POR ENCOMENDA

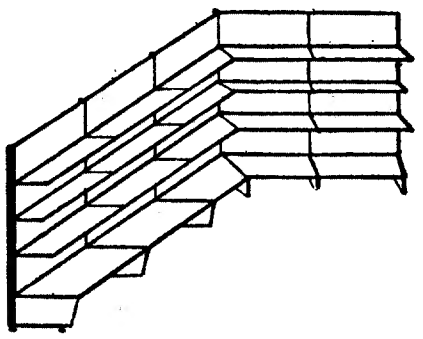
VITRINAS FRIGORÍFICAS

DOS MAIS VARIADOS TIPOS, ARMÁRIOS FRIGORÍFICOS PARA FRIO COMERCIAL



ESTANTERIA MODULADA

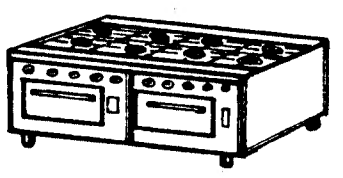
PARA TODO O GÉNERO DE ESTABELECIMENTOS SUPERMERCADOS AUTO-SERVIÇOS, PRONTO A VESTIR, ETC....



UM ESFORÇO SADIO PARA AJUDAR A ECONOMIA NACIONAL

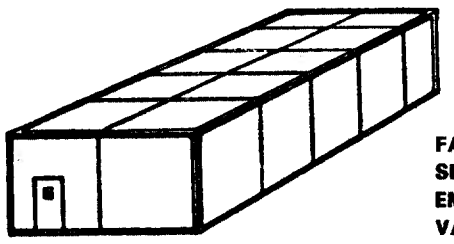
COZINHAS INDUSTRIAIS

TODOS OS TIPOS DE UNIDADES MODULADOS SEGUNDO «GASTRO NORM» EM AÇO INOX PARA HOTELARIA, QUARTÉIS, HOSPITAIS, ETC....



CÂMARAS FRIGORÍFICAS DESMONTÁVEIS

DE CONGELAÇÃO E CONSERVAÇÃO



FRIO INDUSTRIAL PARA TODO O GÉNERO ALIMENTAR E APOIO NA REFORMA AGRÁRIA.

FABRICAMOS PARA FORNECER TODO O MERCADO SEM RECORRER AO ESTRANGEIRO
EM BREVE ESTAREMOS EM POSIÇÃO DE EXPORTAR
VAMOS COMPARTICIPAR NA INDÚSTRIA NACIONAL
E HONRAR OS BRIOSOS E COMPETENTES OPERÁRIOS PORTUGUESES

EM BREVE INDICAREMOS AS FÁBRICAS QUE ACREDITARAM NAS NOSSAS INICIATIVAS E TIVERAM A CORAGEM E DIGNIDADE DE COLABORAR NO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA NACIONAL

NOVIMPORTA

COMERCIALIZAÇÃO DE

CENTRO COMERCIAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.

ESTRADA DA LUZ, 173-A/B/C/D

TELS. 782694-787111/2 LISBOA-PORTUGAL

Nacional

Foi a sepultar um operário morto em Custóias

PORTO, 5 — Milhares de pessoas incorporaram-se ontem no funeral do operário metalúrgico Celestino Rebelo Teixeira, morto a tiro durante os incidentes do dia 1 em Custóias. O corpo saiu em cortejo fúnebre com mais de duas centenas de automóveis desde o necrotério do Instituto de Medicina Legal até ao Largo da Igreja, em Vilar do Paraíso, terra da naturalidade do falecido, seguindo depois a pé até ao cemitério de Valadares.

O ambiente em Vilar do Paraíso à chegada do cortejo era de profunda tristeza sobretudo porque Celestino Teixeira, o «Tininho» como alguns dos seus conhecidos e amigos a ele se referiam, era uma pessoa considerada em geral e, particularmente, pelos operários seus camaradas de trabalho.

Membro do Partido Comunista, Celestino Teixeira fez a sua última viagem numa urna coberta pela bandeira daquele partido. Sucessivamente pegaram na urna, durante o extenso percurso desde Vilar do Paraíso até ao cemitério, um grupo de familiares, camaradas das células do P.C.P. da UTIC e da Sepsa, um grupo de trabalhadores da UTIC e da empresa CECCA, bem como da Alumínia e da Efacec, seguindo-se delegados sindicais metalúrgicos, grupos de trabalhadores, representantes das comissões de moradores, comissão de freguesia de Valadares, dirigentes sindicais, um grupo de amigos antifascistas, comissão de fregesia de Vilar do Paraíso, camaradas de trabalho da UTIC, dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos e, finalmente, à chegada ao cemitério, de novo elementos da célula do P.C.P. da UTIC.

Em Valadares centenas de pessoas aguardavam também, junto ao cemitério, a chegada do cortejo. Entre elas estava o professor dr. Ruy Luis Gomes, reitor vitalício da Universidade do Porto e o eng. Oliveira Dias, ex-director da Faculdade de Engenharia do Porto. Uma bandeira nacional e diversas outras do partido a que pertencia Celestino Teixeira, enroladas e com fita negra, viam-se no cemitério onde o pároco de Valadares procedeu às cerimónias religiosas antes de o corpo se dirigir para o local onde foi enterrado.

Junto à campa falou, com o cemitério repleto de gente, o dirigente do P.C.P. (DORN) António Mota para prestar as últimas homenagens ao «camarada Celestino tombado pelas balas traiçoeiras e assassinas, quando defendia as liberdades alcançadas e as conquistas da Revolução». Referiu Celestino Teixeira como «o exemplo de como a classe trabalhadora defende os seus amigos, neste caso os militares revolucionários presos que nos libertaram do terror fascista» e, sublinhou adiante: «Caiu um nosso camarada mas outros irão ocupar o seu lugar para lutarem em defesa de uma sociedade sem exploração do homem pelo homem». E a terminar: «Unamo-nos todos, firmes e decididos, sem aventureirismos nem demagogias, e teremos a certeza de que conquistaremos uma nova sociedade onde os trabalhadores jamais serão abatidos a tiro e explorados».

Usaram ainda da palavra um camarada de trabalho, um elemento do CAARP e um director do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto. Diversos representantes de órgãoa de Informação estrangeiros, nomeadamente três repórteres fotográficos franceses, acompanharam este funeral.

OUTRO FUNERAL

Entretanto realizou-se esta tarde o funeral de Arménio Pereira da Silva, trabalhador metalúrgico da Sepsa, também vítima dos incidentes em Custóias. O corpo saiu às 15 horas do Instituto de Medicina Legal tendo havido concentração no Padrão da Légua após o que o cortejo fúnebre se dirigiu para o cemitério de Leça do Balio.

MANIFESTAÇÃO SEM INCIDENTES

Decorreu sem quaisquer incidentes como todas as que se efectuaram no mês de Dezembro, a nova concentração de amigos e familiares dos detidos em Custóias, que teve lugar ontem à tarde a partir das 15 horas e que se prolongou até cerca das 18 horas. Local de concentração, o mesmo de sempre: os terrenos fronteiros ao topo Norte do presídio. Foram entoadas canções e proferidas várias palavras de ordem, tais como: «O M.F.A. fora da cadeia, já», «O povo vingará a morte dos camaradas», «Povo unido jamais será vencido», «Operários, camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos, etc.

O povo voltou a Custóias, deste modo três dias depois dos acontecimentos sangrentos que se traduziram na perda de quatro vidas. Como era natural, os acontecimentos do dia 1 de Janeiro motivaram, durante toda a tarde, diversas discussões entre os manifestantes que no total, rondariam por cerca de um milhar de pessoas. De regiões do Norte, nomeadamente de Braga e de Guimarães, vieram diversos automóveis com militantes antifascistas para juntar o seu apoio aos que continuam detidos naquele presídio.

Como de todas as vezes os militares e civis detidos responderam também com canções e palavras de ordem, enquanto das janelas das celas se podiam ver braços que acenavam à distância. No final foi entoado por todos o hino nacional. De dentro responderam em coro: «obrigado, obrigado camaradas» ao que os manifestantes garantiram: «coragem camaradas, nós voltaremos».

Foi depois decidido sair do local em cortejo cantando até que todos os manifestantes tivessem abandonado as imediações da cadeia de Custóias. Assim aconteceu e todas as pessoas passaram de novo diante do portão donde, quatro dias antes, partiram os tiros.

Diante desse portão, ontem, um improvisado serviço de ordem, constituído apenas por quatro pessoas, mandava seguir sempre e cantar sempre os manifestantes em cortejo. Elementos da G.N.R. montados permaneciam diante do portão, assim como estiveram, durante toda à tarde, à esquina do topo Norte da cadeia armados de G-3. Também diante dos manifestantes, no topo Norte, foi feito um longo risco no chão com tijolos para que ninguém ultrapassasse essa linha. Do outro lado da linha, mesmo junto aos manifestantes, passeou toda a tarde um tenente da G.N.R. o qual por vezes falava e trocava impressões com os manifestantes.

DEPUTADO INGLÊS COMENTA CUSTÓIAS

PORTO, 5 — «Os acontecimentos de Custóias horrorizaram-me. A principal responsabilidade neles é de quem tinha as armas e de quem deu ordem para disparar. No meu país não se responde a «slogans» e manifestações com balas. Por isso estou horrorizado, tanto mais que verifico que as versões oficiais estão em contradição com os factos» — afirmou o deputado trabalhista britânico Tom Litterick, durante uma conferência de Imprensa dada na cidade do Porto. Este membro do Parlamento inglês encontrava-se acompanhado de François Leclerc, ambos membros do Comité Russell para Portugal, comité este formado, segundo disseram, há vários meses e que decidiu enviar dois representantes a Portugal após os acontecimentos de 25 de Novembro.

Tom Litterick afirmou ainda, a propósito do que soube e averiguou em Portugal: «vou contar tudo no meu país certo de que a verdade toda só será conhecida se não houver, como se quer, inquéritos secretos. Inquéritos secretos não são inquéritos, são operações de cobertura. Por isso sugiro que o povo e os operários façam o seu próprio inquérito e constituam o seu próprio tribunal, reunindo factos e testemunhos. A responsabilidade é vossa, pois são os vossos interesses que estão em jogo, e se permitirdes que as autoridades camuflem o que se passou desta vez falo-ao de novo noutra oportunidade».

Estes dois membros do comité Russell avistaram-se no Porto com o Governador Civil, com o subchefe do Estado Maior da R. M. N., major Maia depois de terem igualmente estado na reitoria da Universidade com o professor dr. Ruy Luis Gomes, afirmaram também que as conclusões do inquerito a que procedem entre nós serão apresentadas a toda a Imprensa mundial e a organismos internacionais.

Um aspecto do cortejo fúnebre em direcção ao cemitério de Valadares

«COBARDIA OFICIAL»

A perguntas dos jovens jornalistas, a propósito de Custóias, disse Tom Litterick: «a minha impressão mais forte depois da conversa com as autoridades, é que ninguém era responsável excepto as pessoas, que estavam diante das espingardas. Isto é normal com os inquéritos oficiais. O espírito oficial não pode errar... Quando passarem frente a um soldado tenham cuidado, ele é nervoso e as vossas ideias podem fazer com que a espingarda dele dispare. Isto é incrível. Ninguém reconhece os erros, ninguem quer ser responsável, mas há gente morta e tem que haver responsáveis para serem levados à justiça se ainda há justiça em Portugal».

E mais adiante: «vocês sabem melhor do que eu a confiança que podem ter na lei e do uso que dela se faça. Se não tem confiança, as leis devem ser, modificadas e as pessoas substituídas. Não há ninguém que diga ter qualquer responsabilidade sobre o que sucedeu em Custórias. Isto é cobardia oficial. Vocês não pagam aos poderes publicos para serem cobardes e se assim for devem substituí-los».

Os membros do Comité Russel afirmaram a propósito da entrevista com o ministro da Administração Interna, Almeida Costa: «ele deu-me a versão oficial dos acontecimentos de Custórias. As vítimas são as responsáveis, provocaram os guardas, insultaram e havia estrangeiros que não deviam lá estar. Eu sou estrangeiro, e estive em Caxias e não morri, ninguém morreu».

Sobre a entrevista no Quartel-General do Porto afirmou Tom Litterick a dado passo: «o oficial com quem me avistei disse-me que o artigo quarto do Código Militar preve o máximo de 48 horas para a incomunicabilidade, mas que não podia ser aplicado com facilidade».

Sobre a entrevista com o governador do Porto afirmaram nomeadamente: Ficamos com a impressão de que o governador é um homem sério. Acreditamos que ele gostaria de saber a verdade. Mas penso que não é ele quem manda e que ele tem consciência disso. Quem manda é o ministro da Administração Interna e este quer uma verdade diferente».

ADVOGADOS PROTESTAM

Em reunião efectuada ontem o grupo de advogados que se propõe defender os antifascistas detidos, deu conta aos órgãos de informação de que persistem as dificuldades para o desempenho das suas actividades legais. Foi dito nomeadamente que ainda faltam ser passadas mais de vinte Procurações e que com estas surgem dificuldades porque os papéis têm que andar para trás e para diante, por vezes as assinaturas não coincidem perfeitamente e há problemas com o seu reconhecimento.

Afirmaram necessitar que sejam criadas condições para contactar com os presos e defendem que lhes deve ser dada possibilidade de se dirigirem a Custóias acompanhados de um notário a fim de serem passadas as procurações. Um dos advogados presentes afirmou que à face da lei penal vigente estas dificuldades sao da mais flagrante ilegalidade. Entretanto num comunicado distribuído pelo Caarp afirma-se: «o medo que as autoridades parecem ter de que os detidos sejam informados da sua situação ilegal, vai ao ponto de ter originado uma absurda e ridícula ordem de serviço, que diz que qualquer dos familiares (inclusive pais) com direito a visita, ficam proibidos de as efectuar, caso se trate de advogados ou magistrados.»

TELEGRAMA A COSTA GOMES

Um grupo de advogados, entretanto, enviou ao sr. Presidente da República uma mensagem em que afirmam reclamar «a reposição pública da verdade testemunhada por milhares de pessoas que é contrária ao conteúdo das notas do Comando da Região Militar do Norte e do Governo Civil do Porto». E acrescentam: «Os signatários entendem que a provocação montada nesse dia e que teve a participação de indivíduos, quer das forças armadas quer de outros colocados entre os manifestantes, não pode servir de pretexto para agravar as condições prisionais, a parcialidade dos órgãos de informação sob controlo do estado, o espírito de vingança e de retaliação e a própria evolução política donpaís no seu conjunto». Esta mensagem foi enviada com data de 2 do corrente.

FERIDOS MELHORAM

O estado de saúde de Maria Isabel Arnão Metello, familiar do tenente-coronel Arnao Metello, ferida em Custóias bem como o de Jacinto Ferreira Peixoto é satisfatório e continuam a registar-se melhoras, informou-nos esta manhã do hospital de S. João, o professor Joaquim Bastos. «Estão a reagir favoravelmente», disse expressamente aquele professor.

TELEGRAMA

Os militares e civis detidos em Custóias enviaram às famílias das vítimas dos acontecimentos de 1 de Janeiro o seguinte telegrama: «civis e militares progressistas presos em Custóias expressam seu profundo sentir familiares e amigos das vítimas assassinadas frente Custóias 1 de Janeiro. Verdade e justiça vencerão. Presos revolucionários».

Solidariedade a Portugal dá troca de impressões no C.R.

. Representantes do Conselho da Revolução receberam delegados de vários comités de solidariedade com Portugal, tendo havido troca de informações sobre o desenvolvimento da actividade dos comités e sobre a actual situação política portuguesa.

A delegação, que era constituída por representantes dos comités alemão, sueco e finlandês, o dr. Silas Cerqueira, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, e capitão António da Silva Fernandes, do M.F.A., foi recebida pelos capitão Sousa e Castro e comandante Martins Guerreiro, do C.R.

O comandante Martins Guerreiro salientou que o Conselho da Revolução está muito interessado nestes contactos e deseja desenvolvê-los no futuro, tendo o dr. Silas Cerqueira, por seu turno, afirmado que «o fomento da solidariedade progressista e unitária da opinião pública internacional para com Portugal está a tornar-se um aspecto cada vez mais importante na gama de actividades do C.P.P.C».

O representante do comité sueco, Alex Calberg, declarou a sua intenção de «chamar a atenção da opinião pública sueca para a necessidade de impedir que Portugal seja o novo Chile da Europa. Tencionamos dizer-lhes para se mostrarem solidários agora e não quando for demasiado tarde».

O seu colega finlandês afirmou também que, apesar de a Revolução portuguesa ter sofrido um retrocesso com o 25 de Novembro, estava confiante de que a Revolução prosseguiria e que o povo finlandês continuaria solidário com o povo português.

Nacional

"República" em plenário hoje

Reunidos em plenário desde o princípio da tarde, os trabalhadores do «República» procuram criar novas formas de luta e a expressão maioritária que permita aos que inicialmente discordavam com a plataforma negociadora junto da anterior administração encontrar novos meios que apressem a solução para o impasse em que cerca de duas centenas de trabalhadores caíram.

Como tivemos oportunidade de noticiar, a administração que geriu os destinos do jornal até 19 de Maio último, recusou-se a aceitar os termos para a negociação apresentados por um dos sectores da empresa, considerando-os inadmissíveis, quer (conforme opinião expressa) pelas suas dívidas, quer pela débil tiragem a que chegou. Remete a resolução do mesmo para o Conselho da Revolução, o qual quando da crise verificada naquela empresa, em Maio passado, se decidiu pela entrega do jornal aos accionistas, confirmando assim a administração e direcção vigentes.

O Copcon, encarregado de fazer cumprir aquela deliberação, avalizou como justa a luta dos trabalhadores e não executou a ordem, o que levou o P. S. a tomar posição e a abandonar o Governo, na altura o IV, verificando-se a mesma atitude por parte do P. P. D.

Depois de todas estas alterações, culminadas com a atitude de 47 trabalhadores que, em 190, aprovaram uma proposta no sentido de entrar em negociações com a ex-administração, sob a égide do titular do M. C. S., temos o plenário de hoje, que poderá estabelecer a curto prazo medidas de actuação concretas por forma a que a actual situação seja ultrapassada sem mais convulsões.

SUSPENSOS DO R. C. P. CONTRA RADIODIFUSÃO

Os trabalhadores do Rádio Clube (Lisboa e Porto Alto) que ontem se reuniram em plenário no Sindicato das Telecomunicações para discutir o «caso dos 22 colegas suspensos», protestaram, no decorrer da assembleia, contra o facto de a Radiodifusão Nacional, que incorpora todas as emissoras particulares e oficiais, excepto a Rádio Renascença, ter já ontem funcionado, porquanto a proposta para aprovar o início das suas actividades, que foi distribuida por todos os trabalhadores, previa o dia 15 do corrente como arranque.

Assim, decidiram tornar público «que isso significa que todos os outros trabalhadores (locutores, operadores de rádio, realizadores, assistentes musicais e de produção) foram objectivamente suspensos pela administração da Empresa Pública de Radiodifusão», denunciando ainda esta atitude como «mais uma prepotência dos que se dizem defensores do pluralismo da Informação e que, na prática, manobram com vista a um monolitismo que lhes sirva».

Entretanto as emissões experimentais da Radiodifusão Nacional iniciaram-se ontem através das antigas frequências do Rádio Clube, Emissores Associados de Lisboa, Rádio Alto-Douro e Ribatejo e Emissores do Norte Reunidos. Durante 10 dias as emissões da E. P. R. funcionarão com 16 horas diárias, sendo a sua transmissão operada em Lisboa e Porto, em períodos alternados de quatro horas.

A chefia da comissão instaladora criada para o efeito está a cargo do major João Figueiredo, actual presidente da direcção da Emissora Nacional, que tem como adjuntos o tenente-coronel Alcide de Oliveira, major Teodósio e engenheiros Azevedo e Beltrão.

Após esta fase experimental, em que serão transmitidos noticiários (estes em cadeia com os blocos informativos da E. N.) e música, está prevista uma outra, com seis meses de duração e já com quatro canais: dois no tipo de programação da E. N. e os restantes publicitários.

Augusto Abelaira demitiu-se da S.N.T.

«Deve chegar ou ter chegado hoje à administração o pedido de demissão de Augusto Abelaira» — disse-nos esta manhã um elemento da redacção da «Vida Mundial», por nós interrogado acerca da situação criada na revista pela não-confirmação, por parte da administração da S. N. T., do autor de «A Cidade das Flores» como director da publicação.

Não-confirmado, Abelaira fora posto perante uma alternativa: ou saía da empresa, ou continuava ligado à empresa, como jornalista, na redacção da «V. M.», ou na redacção de qualquer outra publicação que a empresa faz sair semanalmente, além do jornal «O Século»: «O Século Ilustrado», «Mulher, Modas e Bordados». Abelaira deixou a decisão suspensa até hoje.

«Decidiu demitir-se» — disse-nos o redactor da «V. M.», que acrescentou ter Abelaira invocado no seu pedido de demissão, a situação que lhe foi criada pela não-confirmação como director da «V. M.».

Como se sabe, o lugar de director da «V. M.» vai ser ocupado por Natália Correia. Por sua vez para o lugar de chefe de redacção, que era ocupado pelo jornalista Alexandre Manuel, foi nomeada (pela administração) a jornalista Maria Antónia Palla.

«Abelaira demite-se e é muito provável que os mais de nós lhe sigamos o exemplo» — disse-nos ainda o mesmo redactor da revista, que precisou: «A administração convocou-nos para uma reunião na passada sexta-feira. Foi um encontro algo penoso. Pediram-nos que colaborássemos com Natália Correia, ou que, caso persistíssemos na nossa posição de solidariedade com Abelaira, nos transferíssemos para outras publicações da casa. Vamos reunir-nos esta tarde. Continuamos solidários com o director, por isso não deveremos ficar. Trata-se de uma decisão política, como política é a decisão de tirar Abelaira e colocar Natália Correia no seu lugar. É importante que se saiba: a «Vida Mundial» vai ser outra coisa politicamente no futuro. Não vemos que isto não possa afirmar-se desde já, antecipadamente».

Não se sabe que vai fazer Abelaira doravante. Presume-se, porém, que deixará o jornalismo. Quanto aos sete redactores que com ele se solidarizaram, dois deles trabalham em redacções doutras publicações, e cinco, a saírem da empresa, ficam em situação de desemprego.

Vasco, Fabião e Otelo apresentados no E.M.E.

Vasco Gonçalves, Carlos Fabião e Otelo Saraiva de Carvalho, respectivamente ex-primeiro-ministro, ex-chefe do Estado-Maior do Exército e ex-comandante do (extinto) Copcon, continuam a «aguardar colocação», segundo informa o E. M. E.

Todos estes militares, antigos membros do Conselho da Revolução, já fizeram a sua apresentação no Estado-Maior do Exército, após o prazo de licenças disciplinares.

Entretanto, uma local publicada na edição de anteontem de «A Luta», escrevia que o major Otelo tinha participado numa reunião com o brigadeiro Pezarat Correia, em Évora, e que havia pernoitado no «Roncão Del Rei, uma casa agrícola de S. Marcos do Campo, actualmente ocupada».

O escrito ia mais longe: o major Otelo Saraiva de Carvalho teria abastecido o seu carro com gasolina, servindo-se, para pagamento, de uma requisição do Conselho da Revolução.

«A Luta» alude, depois a «um inusitado movimento de elementos da Intersindical, facto que leva muitos habitantes daquela cidade (Évora) a pensar que algo poderá estar em curso neste momento». A partir daqui o jornal conclui: «A confirmar-se a notícia o referido encontro surgiria como primeira actividade, presumivelmente política, atribuída a Otelo após o seu recente afastamento»

Todavia, uma nota agora distribuida aos órgãos da Informação pelo Estado-Maior do Exército vem pôr em causa as «fontes» de «A Luta», nomeadamente no que respeita ao encontro entre Otelo e Pezarat Correia: «Tal notícia não corresponde à verdade, pois não houve qualquer encontro entre os referidos oficiais».

Necrologia

Padre Júlio Marinho, S.J.

Da igreja da Lapa para o cemitério da Ajuda realizou-se esta manhã o funeral do padre Júlio Marinho, S.J., falecido ontem de madrugada em Lisboa.

Reitor da igreja de S. Roque e capelão da Santa Casa da Misericórdia, o padre Júlio Marinho, desaparecido aos 84 anos de idade, era uma figura prestigiosa da Igreja e da Companhia de Jesus, tendo exercido nesta última, durante dois longos períodos (1940-1947 e 1950-1954), as funções de superior provincial.

Superior de diversas casas da sua ordem, designadamente reitor do Instituto Nun'Álvares (Caldas da Saúde) e do Colégio de S. João de Brito (Lisboa), o padre Marinho dedicou-se também a tarefas paralelas como a Obra de Protecção às Raparigas e a Juventude Universitária Católica, de que foi assistente desde 1928 e até 1959 na primeira e 1936 na segunda.

Ao longo do seu ministério sacerdotal, sobressaiu sempre como guia e conselheiro amigo, seguro e experimentado. Inúmeras pessoas procuraram-no, até ao último dia, para consultas particulares, reconhecendo-lhe a ponderação, a informação profunda e a bondade natural.

Miguel Torga vai dirigir um semanário de Viseu?

O escritor Miguel Torga pode vir a ser o director do jornal «Faina», que deve começar a publicar-se brevemente em Viseu. A hipótese corre como possível nos meios sobretudo políticos desta cidade, onde o aparecimento do jornal anunciado se espera com alguma espectativa. Ainda que o director venha a ser outro, o aparecimento do jornal é dado desde já como certo.

Com a empresa ainda por constituir, aventa-se também a hipótese de o jornal se poder chamar «Beira». A redacção teria sede em Viseu, mas com delegações em Coimbra, Aveiro, Guarda e Lamego.

A sair em Viseu, «Faina» alargará portanto o âmbito da sua acção a todo o distrito e igualmente, em noticiário e circulação, a toda a região da Beira. No projecto estão empenhadas várias individualidades conhecidas no meio e as perspectivas apontam para uma publicação de razoável envergadura, dotada das infra-estruturas minimamente necessárias, entre elas uma redacção a formar por jornalistas profissionais. Inicialmente «Faina» sairá uma vez por semana, prevendo-se, no entanto, a sua passagem a trissemanário a curto ou a médio prazo.

Publicam-se actualmente em Viseu quatro jornais: «Jornal da Beira», ligado à Igreja Católica e politicamente ultraconservador; «A Voz das Beiras», sem nenhuma ligação específica mas igualmente conservador do ponto de vista político; «Notícias de Viseu», predominantemente noticioso, incaracterístico, sem acentuada coloração política; e um jornal desportivo, «Desportivo das Beiras».

Uma tentativa de produzir um jornal politicamente progressista («25 de Abril», designação que depois mudou para «Viseu 25 de Abril») falhou recentemente, tanto por carência de meios como em consequência de conflitos partidários.

CTT

Correios e Telecomunicações de Portugal

OBRIGAÇÕES CTT 5 3/4 % — 1969

SORTEIO

No dia 6 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, na Direcção dos Serviços de Edifícios, na Rua Alves Redol, n.º 9, Lisboa, realizar-se-á o sorteio n.º 10, das 6081 obrigações que serão amortizadas a partir de 1 de Fevereiro seguinte, conforme respectivo plano de amortização.
A lista dos títulos sorteados será depois publicada.

PUB

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Praça Marquês de Pombal, 6, 3.º-D. — Lisboa 1
Telefones 4 17 51 — 53 55 47

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os profissionais de Enfermagem para uma ASSEMBLEIA GERAL, a realizar no dia 10-1-76, pelas 16 horas no HOSPITAL D. ESTEFÂNIA, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Apresentação do Orçamento para o ano de 1976.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1976

Pel'O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
Marília da Assunção Cavaco Reis

RODOVIÁRIA NACIONAL
«GRUPO BELOS»

INFORMA O PÚBLICO QUE AS NOSSAS SECÇÕES DE DESPACHOS, PASSAM A ENCERRAR AOS

SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

COM INÍCIO EM 10-1-76

EXTERNATO SÉNECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA
— PREÇOS MAIS BAIXOS —
Ciclo – Liceal – Computadores – Línguas
SALAS DE ESTUDO
MANHÃ • TARDE • NOITE
AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)

Trabalho

DIRECÇÃO SUSPENSA DA J.N.P.P.

"Mais um saneamento á esquerda"

— afirma a C.T. do Matadouro de Lisboa

«Mais um saneamento à esquerda» assim foi classificada num plenário dos trabalhadores do Matadouro frigorífico de Lisboa, a suspensão da direcção da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Na reunião estavam presentes cerca de 600 trabalhadores, tendo sido aprovada apenas com cinco abstenções, a moção em que se considera que uma medida como esta «colide flagrantemente com as regras mais elementares da democracia e dos direitos dos trabalhadores e são lesivas dos interesses dos trabalhadores, pois a referida direcção era da sua inteira confiança».

«Não permitiremos que estes ou outros saneamentos se façam, sem que para isso haja uma justa causa e sem que primeiro sejam ouvidas as Comissões de Trabalhadores», salienta-se ainda no mesmo documento.

Os trabalhadores do Matadouro exigem que a sindicância mandada efectuar à J.N.P.P. seja feita com a maior brevidade, e que sejam devidamente inteirados dos resultados; exigem por último, a presença de elementos da Comissão de Trabalhadores nesta sindicância, e que a defesa da direcção suspensa seja feita em plenário de trabalhadores.

«ARBITRÁRIA E DISCRICIONAPRIA»

Salomão Benoliel, Pinto Cardoso e Bruto da Costa, elementos da direcção da J.N.P.P., agora suspensa, emitiram um comunicado em que classificam do Ministério do Comércio Interno de «arbitrária e discricionária».

Sobre os comunicados oficiais e face «à tentativa de manipulação da opinião pública que desde já se começa a desenhar sob a forma do lançamento de boatos caluniosos», esclarecem:

. «O lacónico despacho do Ministério do Comércio Interno, sob proposta do secretário de Estado do Abastecimento e Preços, que determina a suspensão da direcção da J.N.P.P. não especifica qualquer fundamento legal nem refere qualquer motivo factual, em flagrante incoerência com a legalidade democrática que se pretende instituída».

«Apesar da direcção da Junta» — prossegue — «agora suspensa e nomeada já durante o ano em curso, ter oportunamente requerido em documento amplamente fundamentado, um inquérito às actividades das direcções anteriores, pública e repetidamente acusadas de servir preferencialmente os interesses de latifundiários e monopolistas, estranha-se que só agora se mande proceder a uma sindicância ao organismo, com simultânea suspensão dos signatários, declarada e consequentemente ao serviço das classes mais desfavorecidas (trabalhadores rurais, pequenos agricultores, pequenos industriais, pequenos comerciantes e respectivas associações), em plena coerência com o espírito revolucionário do 25 de Abril.

«Estranha-se tanto mais quanto, em quase quatro meses de Governo, o Ministério do Comércio Interno/Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços apenas tenha tido oportunidade para nos receber uma única vez, mau grado as nossas repetidas insistências nesse sentido, dados os inúmeros e instantes problemas que estavam a afectar gravemente o sector e, por isso, a carecerem de urgentes instruções superiores. Foi no seguimento desta ostensiva marginalização, chegando a assumir a forma pública, que se consumou a suspensão da actual direcção da J.N.P.P.

«Tranquilos e confiantes,» — concluem — «denunciamos esta sindicância como uma manobra de diversão para encobrir o afastamento de mais uma direcção *consequentemente* empenhada na luta dos mais desfavorecidos que, dentro e fora do organismo, nela confiam como garantes da defesa intransigente dos seus mais caros e legítimos direitos.»

O aumento do preço dos produtos essenciais afecta directamente as classes trabalhadoras pior remuneradas

O aumento de preços exige medidas sociais

— defendem os sindicatos

«O aumento de preços terá de ser acompanhado por medidas de carácter social, de forma a não diminuir o salário real das massas trabalhadoras que auferem rendimentos mais baixos», adianta-se num documento sobre o aumento do custo de vida, analisado no último plenário da Intersindical Nacional.

«O constante aumento de preços dos bens de grande consumo afecta essencialmente as camadas da população de mais baixos rendimentos, cujos efeitos imediatos tendem a aumentar as desigualdades existentes, provocando um maior fosso entre os rendimentos dos capitalistas e os salários dos trabalhadores.

Para os aumentos agora decretados têm sido apresentados, como razões justificativas. quer os aumentos de salários quer a situação deficitária da nossa balança comercial.

Onde os aumentos de salário mais se fizeram sentir, após o 25 de Abril, foi nas classes trabalhadoras que auferiam menos rendimentos, o que implicou alteração, dos padrões de consumo para esses trabalhadores, aumentando consequentemente a procura, em particular para certos bens alimentares e de primeira necessidade.

Até este momento tem-se tentado, sempre que se verifica a necessidade de revisão de preços, que não sejam afectados os bens de primeira necessidade. Por isso foi decretado o congelamento de preços de produtos essenciais logo após o 11 de Março para vigorar até ao fim de 1975.

Por isso era seguida a orientação até ao V Governo de que os aumentos de preços não repercutissem os aumentos salariais, numa tentativa de obrigar os empresários a baixar as suas margens de lucro e a melhorar as condições da produção. Estas medidas contribuíram para a contenção da inflação e consequentemente para o não agravamento das condições de vida dos trabalhadores.

Contudo, a política de preços que está a ser levada a cabo pelo VI Governo vem procurar um abaixamento do salário real das classes trabalhadoras, permitindo aos capitalistas repor o nível de lucros praticado antes de 25 de Abril, dentro de uma política que visa a recuperação do capitalismo.

Também a situação deficitária da nossa balança comerical terá de ser resolvida não através de aumentos de preços mas com medidas de fundo, fazendo avançar a reforma agrária, e seguindo uma política que vise o desenvolvimento industrial e a reestruturação dos sectores em crise, a maior parte deles ligados à exportação, que se desenvolveram de acordo com o interesse dos monopólios internacionais.

Outra medida enquadrada no contexto da política de salvação do capitalismo à custa dos trabalhadores, é o aumento dos impostos indirectos que, incindindo sobre os bens de grande consumo, equivale a um agravamento dos preços, logo a um aumento do custo de vida.

O sistema fiscal português herdado do fascismo apresenta uma característica essencial: haver um maior peso de impostos indirectos em prejuízo dos impostos directos.

Estes atingem o contribuinte na proporcionalidade dos seus rendimentos, aqueles atingem o contribuinte independentemente do seu rendimento e da forma como ele é obtido, visto serem cobrados no acto da compra dos bens de consumo.

O facto do Governo recorrer ao aumento dos impbstos indirectos, traduz por um lado a sua incapacidade para controlar as fugas fiscais, que montam a muitos milhões de contos, na cobrança dos impostos directos e por outro, uma opção de classe, em favor dos exploradores, os menos afectados com aquele tipo de impostos.

Se por um lado, desapareceram alguns dos factores que, no tempo do fascismo, mais contribuíram para o crescimento da inflação, outros factores há que continuam a manter-se, nomeadamente os de carácter estrutural, assim, e no que se refere aos bens alimentares e da agricultura, não têm sido tomadas medidas que possibilitem a reestruturação do sector, com o avanço decisivo da Reforma Agrária, continuando os circuitos de comercialização e de distribuição a funcionar nos antigos moldes, o que tem como consequência o agravamento dos preços no consumidor; também no sector industrial grande parte da nossa produçao e preveniente de empresas de pequena dimensão, tecnicamente mal equipadas, com custos de produção elevados, o que não lhes permite suportar os aumentos de custos que surgem.

O aumento de preços terá pois de ser acompanhado por medidas de carácter social, de forma a não diminuir o salário real das massas trabalhadoras que auferem rendimentos mais baixos e, parcialmente, há que tomar medidas que visem modificar as actuais estruturas da economia, pondo-a ao serviço do Povo Português.»

PUB

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27 - 29 — Telef. 57 40 73
LISBOA

CONVOCATÓRIA

CCT EDITORES E LIVREIROS, ARTES GRÁFICAS, FOTOGRAFIA E ACTIVIDADES PUBLICITÁRIAS

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos pelo CCT acima referido a comparecerem em massa no plenário que se realiza no dia 5 de Janeiro de 1976 (segunda-feira), pelas 21.00 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico.

Chama-se a atenção dos trabalhadores para o facto de irem munidos dos respectivos cartões de identificação sindical ou de quaisquer outros documentos comprovativos do exercício de profissão.

Convocam-se igualmente todos os delegados sindicais e comissões de trabalhadores para uma reunião preparatória do plenário a realizar no dia 5 de Janeiro de 1976, pelas 15.00 horas, no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1976.

Os Sindicatos Outorgantes

PELO CUMPRIMENTO DO CCT
NÃO ÀS MANOBRAS DO PATRONATO
PELO AVANÇO DA ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS
CONTRA A SUSPENSÃO DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA
A LUTA CONTINUA

PUB

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL

Sede: Rua Jardim do Regedor, n.º 37 - 2.º
LISBOA-2

CONVOCATÓRIA

C. C. T. S. V. da Indústria Química e Empresas Petrolíferas

Convocamos os Engenheiros Técnicos que exercem a sua actividade profissional nos seguintes sectores:

— Empresas Petrolíferas
— Sabões e Detergentes
— Cosméticos e Óleos Essenciais
— Borrachas e Plásticos
— Adubos e Pesticidas
— e outras Indústrias Químicas,

para uma reunião a efectuar no próximo dia 7 de Janeiro de 1976. 4.ª feira. pelas 21.00 horas. na sede do nosso Sindicato.

A DIRECÇÃO

Trabalho

Vendedores de Lisboa querem deixar o Sindicato do Comércio

. «Muito em breve entraremos numa economia de raridade, onde como é lógico a política de concorrência comercial será atenuada e onde talvez se queira vender e não haverá que vender ou dinheiro para comprar» — assim justificado o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, a sua tomada de posição (aconselhando a maior solidariedade») sobre «o problema dos vendedores», que hoje à noite, às 21 horas, efectuam um plenário, no Pavilhão dos Desportos, tendo como ponto único de ordem de trabalhos a «apreciação e votação, da aderência da classe ao Sindicato dos Trabalhadores Técnicos de vendas.

Em carta que dirigiu ao jornal «O Século», o Grupo Preparador do Plenário de Vendedores refuta a posição assumida pela Direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, considerando-a inexperiente e incapaz de resolver os problemas que afectam os 65 mil associados da classe. Acrescenta que com uma série de assuntos por decidir a direcção do Sindicato só tem demonstrado inoperância e falta de tacto.

Esta carta, segundo «O Século» interroga porque não deram ainda aos trabalhadores do Sindicato uma satisfação «sobre os documentos que estão na secção de justiça da P.S.P., desde o dia 17 de Setembro e que encontrados no aparelho técnico do Sindicato comprometiam a comissão directiva com o partido político que a dominava».

Deste modo, para os vendedores só o plenário demonstrará a vontade da classe e só a eles pertence o direito de decidirem do seu próprio futuro.

A POSIÇÃO DO SINDICATO

Considerando as actuais circunstâncias, o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa entende seu dever aconselhar a maior solidariedade possível entre trabalhadores. E o «instrumento dessa solidariedade será sempre um Sindicato forte, unido e verticalizado».

Num extenso comunicado sobre este plenário dos Vendedores que deste modo pretendem concretizar a sua integração num Sindicato que viria provocar a divisão no dos Trabalhadores do Comércio, assinala de resto, a direcção que os vendedores se encontram nela própria representados, assim como na Assembleia de delegados.

Iniciando este documento, afirma o Sindicato que «é na unidade e solidariedade da classe que os trabalhadores conseguem consolidar a força, defender os seus direitos e fazer recuar pela força e razão do seu combate, as burguesias — do dinheiro, da política e da cultura — que pretendem subjugar e explorar as classes laboriosas». E prossegue: «Foi para tentar quebrar a unidade e solidariedade dos trabalhadores que o Governo fascista, chegado ao Poder, dissolveu a Confederação Geral do Trabalho, CGT, e impôs pela força, o sistema corporativo que veio possibilitar a unidade patronal contra a debilidade de um movimento sindical, não só controlado pelos patrões e governantes fascistas, mas dividido por 326 sindicatos diferentes».

No mesmo comunicado, já publicado em vários órgãos de Informação, o Sindicato chama a atenção para o facto de, depois do 25 de Abril, os trabalhadores terem fixado como tarefa prioritária» proceder à reestruturação do movimento sindical, de maneira que a unidade e a solidariedade de todos fosse possível uma só força (Central Sindical Única) e num Sindicato de indústria ou ramo de actividade (Verticalização dos Sindicatos de Profissão)».

A QUESTÃO DOS VENDEDORES

A direcção do Sindicato faz questão de vincar o comportamento democrático «que manifestaram os representantes daqueles vendedores vindo informar esta direcção do processo em curso, e também das razões que dizem existir para essa luta».

Afirma mais adiante que na tarefa enorme de unir todos os trabalhadores do Comércio, uns ainda não tiveram ocasião de aderir e outros ainda não sentem verdadeiramente consolidada e justificada a sua permanência neste Sindicato. «Neste último caso se situam os vendedores».

Mas, «não é novo o problema dos vendedores neste Sindicato. Desde alguns anos que um grupo de vendedores vem declarando que se não sente representado nem defendido neste Sindicato. Pelo contrário, dizem, têm a agressividade e sido alvo de graves acusações da parte de outros trabalhadores do Comércio».

Depois de assinalar que «a sua luta (dos caixeiros) não pode ser feita contra os trabalhadores do comércio, mas ao contrário com eles, contra o patronato explorador», a direcção do Sindicato escreve: «A maioria, esses vendedores que fazem multidão, recebe um salário um pouco mais ou menos, segundo os casos da sorte, que os não distingue do nível de vida de outros trabalhadores. Ora estes são também explorados e a sua luta é a luta unida de todos os explorados».

Trabalhadores em autogestão lutam pelas credenciais

Começou a funcionar, esta manhã, na sede do Sindicato dos Têxteis do Porto, um Grupo do Apoio Técnico às empresas em autogestão e para elaboração dos pedidos de credenciais das Comissões de Trabalhadores, passadas pelo Ministério do Trabalho.

A constituição de tal grupo resultou de uma reunião que decorreu, no sábado, no Grupo dos Modestos, promovida pela União dos Sindicatos e na qual estiveram presentes representantes de muitas das duzentas empresas em autogestão do distrito do Porto e que empregam cerca de 25 mil trabalhadores. Nessa reunião foi aprovada, por unanimidade, uma proposta do seguinte teor:

. «Dado que todas as empresas que se encontram em autogestão foram arrastadas para esta situação pela fuga da entidade patronal ou pela incapacidade para garantir o lugar de trabalho a todos os trabalhadores e considerando que os trabalhadores conseguiram sem patrão manter os seus lugares e que isto é uma conquista irreverssível dos mesmos, exigem ao M. T. que todas as credenciais pedidas pelos trabalhadores sejam automaticamente concedidas, não reconhecendo ao M. T. legitimidade para as recusar e que a qualquer credencial recusada responderão os trabalhadores de todas as empresas em autogestão e cooperativas aqui representadas com formas de luta unitárias».

Nesta reunião, a nota da Secretaria de Estado do Trabalho que faz caducar em 31 de Janeiro corrente as credenciais das Comissões de Trabalhadores, foi considerada como uma manobra do Governo no sentido de abrir as portas aos patrões.

Bancários protestam contra a nova comissão de saneamento

. A propósito da nomeação pelo Ministério das Finanças, de uma comissão de saneamento para proceder à revisão dos saneamentos nos bancos nacionalizados, as comissões de saneamento enviaram um memorial ao Conselho da Revolução, pois consideram que só «aos trabalhadores bancários compete tomar posição sobre saneamento efectuado na Banca».

«As comissões de saneamento são órgãos representativos dos trabalhadores bancários, porque foram por eles eleitas democraticamente» — esclarecem no mesmo documento.

«Largos sectores dos trabalhadores bancários, ao tomarem conhecimento da nomeação da referida comissão de saneamento», prossegue, «sem de qualquer forma ter sido ouvida a posição dos trabalhadores, tanto mais que todas as deliberações sobre saneamento foram por eles tomadas, em reuniões gerais, e após análise individual de cada caso, sentem que sobre toda a classe bancária é lançado um «balde de lama» sob a forma de acusação de os saneamentos em geral terem sido feitos de forma incorrecta e por motivos partidários».

Depois de destacarem os princípios gerais para aplicação do sanemaneto da Banca utilizado por estas comissões — aplicação das normas legais, preocupação principal de que o mesmo incidisse fundamentalmente sobre as estruturas e sujeição de todos os processos, desde que não abrangidos por processo elaborado pela Comissão de Extinção da P. I. D. E. / D. G. S., à deliberação dos trabalhadores em RGT» — afirmam que apenas os trabalhadores bancários têm de tomar posição sobre os saneamentos efectuados.

Jornalistas discutem demissão dos dirigentes sindicais

As actividades da direcção do Sindicato dos Jornalistas vão ser objecto de discussão pela classe, esta tarde, na Casa da Imprensa, durante uma assembleia geral extraordinária expressamente convocada para demitir aquele órgão, eleger ua comissão directiva provisória, e marcar novo prazo eleitoral.

Esta reunião foi marcada na sequência de um abaixo-assinado subscrito por meia centena de sócios, todos de acordo em que «a vida sindical no Sindicato dos jornalistas se encontra altamente perturbada e paralisada, com grave prejuízo para todos os profissionais».

A actuação da direcção, eleita em Agosto do ano passado, tem sido objecto de um amplo movimento de crítica, abarcando sectores ideológicos muito diversos. As razões de fundo. repetidas vezes invocadas, constam do referido abaixo-assinado:

. — «Repetidas violações dos Estatutos pela Direcção, com o testemunho, de resto, as próprias declarações orais e escritas do Presidente da Mesa da Assembleia Geral, quer no decorrer da última A. G., quer na Imprensa, quer ainda numa declaração distribuída à classe»;

— «inequívocas e profundas desinteligências no seio da Direcção com vários dos seus membros demissionários»;

. — «absentismo e demissionismo de vários dos seus elementos, em flagrante desrespeito pelo art.º 81 dos Estatutos e pelas mais elementares normas associativas»;

. — «a exemplo do que já havia acontecido em várias ocasiões, e em particular àquando da destruição da Renascença, a direcção manteve-se a mantêm muda e impassível face a tudo o que se está a passar no domínio da Informação escrita, da rádio e da TV»;

. — «a Direcção, em lugar de lutar pela unidade dos trabalhadores, tudo tem feito para cavar entre eles maiores divisões».

Os dirigentes do Sindicato haviam sido suspensos no dia 21 de Novembro, de acordo com uma decisão da assembleia geral que foi, posteriormente, considerada ilegal. Em reunião posterior, em 10 de Dezembro, convocada a pedido dos sócios para discutir, já então a demissão da direcção, mas que funcionou com ordem de trabalhos diversa imposta pelos corpos gerentes, estes viriam a abandonar a sala, por considerarem que os sócios estavam a afastar-se do teor da assembleia.

Não desejando protelar por muito tempo a discussão do assunto, os jornalistas presentes, observando a mais estrita legalidade estatutária, elaboraram um requerimento, que enviaram ao presidente da mesa da A. G., convocando a assembleia para hoje, pelas 15 horas.

Livreiros vão reunir

Os trabalhadores das livrarias de Lisboa voltam a reunir-se, esta noite, às 21 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, para discussão das formas de luta a adoptar perante a relutância do patronato na aplicação do Contrato Colectivo de Trabalho aprovado pelo Ministério. Além do mais, trata-se de apoiar o seu Sindicato nos contactos que se vão desenvolver no Ministério do Trabalho, para serem reescritas algumas cláusulas que não foram convenientemente reproduzidas no texto final do acordo. Mas, algumas perspectivas se abrem de que seja tentada a renegociação do Contrato, o que para além de ser negativo de um ponto de vista estritamente de classe tem um significado mais amplo e profundo, na medida em que poderia abrir o precedente para revisão de outros contratos já negociados, como no caso da Construção Civil.

Recordamos que os livreiros já tinham cumprido um período de uma semana de greve, nos dias que antecederam o Natal, no sentido de pressionarem o patronato para cumprimento do C.C.T. Tal foi conseguido, no respeitante a tabelas salariais mas o recuo do patronato parece ter sido no sentido de obter mais tarde a renegociação. Lembramos ainda que, na altura, o Ministério do Trabalho divulgou uma nota oficiosa apoiando os trabalhadores. No entanto, no Porto registaram-se incidentes com a intervenção da P.S.P., quando os trabalhadores do sector pretendiam fazer cumprir a greve que também aí já tinham decidido. A violência parece ter sido a razão suficinente para pôr fim à greve na capital do Norte.

Plenário de artistas

A análide das dificuldades de muitos artistas em actividade e a possivel «reconversão do sector em moldes mais actuantes», constituem os dois principais pontos da ordem de trabalhos do plenário de profissionais de variedades, convocado para o Circo Mariano que se encontra instalado na Alameda D. Afonso Henriques.

A transferência dos aludidos artistas para o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos face à situação criada aos trabalhadores e a confirmação de uma comissão que cuide dos interesses dos mesmos, são outros pontos da mesma ordem,

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES

Aceites as condições do patrão

Contrariamente ao que em Dezembro haviam decidido, retomaram hoje a actividade laboral os trabalhadores da Têxtil Manuel Gonçalves, com sede em S. Cosme do Vale, Famalicão. A decisão foi tomada em plenário realizado nas instalaçoes da empresa e no qual foram também aceites as condições de regresso dos patrões. Entre elas conta-se a suspensão de 17 trabalhadores para a «criação de um clima de confiança e bom entendimento de trabalho», conforme assinala o documento dos patrões que começa por considerar «sensibilizadora» a decisão dos trabalhadores (tomada no plenário de 14 de Dezembro) em não retomar o trabalho sem que se registasse o regresso da anterior administração. Recorde-se que o desvio de elevadas quantias e a aplicação dos empréstimos da Banca para fins alheios aos interesses da empresa justificaram há meses a aplicação do Decreto-Lei 660/74 com a consequente intervenção estatal e imediata nomeação de uma comissão administrativa.

Os trabalhadores agora suspensos são:

. Manuela Lago (Escritório do Porto); Maria do Céu Ferreira da Costa (Secretaria da Administração; Artur Antunes de Andrade (Contabilista); Célia Maria Rosa de Oliveira (Serviços Comerciais); Isabel Granja, Manuela Granja, Francisco Cunha Guimarães e Rodolfo Almeida Castro (Escritórios de Famalicão — Computador); António Sampaio Marques e Valter Gonçalves (Escritórios de Famalicão — Computador); António Fernando Pires (Famalicão — Organização e Métodos); Lino Silva (Tecelagem); José Moreira Morais Marques (Tecelagem); Manuel Faria de Carvalho (Tecelagem); Joaquim Brito Guedes Salazar (Laboratório têxtil) e Ernesto de Sousa Ferreira (Criação têxtil).

O documento «dos patrões» foi aprovado por cerca de 2500 trabalhadores com 5 abstenções e 40 votos contra. Contudo, o documento terá agora de ser apreciado e votado pelo Conselho de Ministros. O regresso da entidade patronal, a sua responsabilidade, cabe agora ao Conselho de Ministros.

Nacional

«Os homens são mais moralistas em relação às mulheres que uma velha tia de província».

Depoimento de Vitorino de Almeida

O HOMEM É REA FACE À MULHER

Na RTP no último «Tema e Variações» do ano que acaba de findar, Vitorino de Almeida abordou o tema da opressão da mulher. Há já algum tempo, num «Teleforum» em que este assunto foi debatido, suscitou inúmeras críticas, como se o público estivesse a ser alvejado com matéria escandalosa. Desta vez, também choveram os protestos, embora os aplausos também se tenham feito sentir.

O problema da luta específica da mulher continua a não ser encarado de frente porque, como afirmou Vitorino de Almeida, a mancha vergonhosa do machismo continua a ser uma das mais graves ameaças à liberdade reivindicada por uma sociedade que se diz a caminho do socialismo.

Se a História tem comprovado que são sempre os oprimidos a conquistar os direioos que o opressor lhes recusa, no caso das mulheres, não podemos deixar de salientar que muitas delas continuam a fechar os olhos à situação económica, social, política e cultural que as discrimina. Portanto, abordar o tema da exploração da mulher não é só um acto de coragem como uma necessidade premente se queremos destruir os falsos valores que continuam a viciar o nosso quotidiano. Que razões levaram Vitorino de Almeida a abordar um tema tão «subversivo» como este?

. «Um dos estímulos que me levaram a fazer este programa — diz-nos Vitorino de Almeida foi a consciência de que todos nós, homens e mulheres, estamos viciados por critérios de discriminação relativa a uma falsa e absurda superioridade de um sexo sobre o outro.» «Quero desde já esclarecer que os viciosos quando se curam, se é que se curam, não o fazem apenas devido à sua boa vontade. Isso acontece com os viciosos de baixa escala. Quanto aos grandes vícios, toda a gente sabe que são aspectos patológicos sociais dos quais não nos libertamos facilmente. Daí até o problema do final do filme. Há que confessar que eu e a equipa enfermamos, talvez não a um nível tão flagrante comos mostrámos, de uma má interpretação sobre a verdadeira situação da mulher.»

No final do filme, desfilam os vários elementos da equipa, tendo cada um, por sua vez, dirigido piropos a uma rapariga que se passeia num parque, de costas para a câmara. A objecção apresentada foi a seguinte: Até que ponto, o espectador depois de ter ouvido uma série de situações que denunciam a opressão da mulher, não fica tranquilizado ao constatar que afinal até os próprios autores da denúncia acabam por desempenhar o papel do clássico conquistador que não resiste à mulher bonita com quem se cruza no caminho?

«Outro estímulo — continua Vitorino de Almeida — foi o facto de pensar que nunca mais conseguiremos endireitar uma sociedade enquanto mantivermos nela os vírus da escravatura. É necessário liquidar de base esses vírus que são alarmantes no que se refere à mulher. Tal como há colonialismo e neocolonialismo, há escravatura e neoescravatura. Evidentemente que os problemas têm que ser analisados na sua época de acordo com os contextos sociais, políticos e até geográficos em que se inserem. A vida de um escravo na Grécia era talvez melhor que a de um assalariado no século XIX. Evidentemente que a vida de certas senhoras é «a priori» ideal: estão sentadas num sofá, com um cãozinho ao colo, a tomar chá com as amigas. Como não trabalham, pergunta-se: em que é que a vida destas mulheres é infeliz? O que não significa que por trás desta situação não esteja um critério de escravatura ainda mais perverso que considera as mulheres como objectos de luxo.

O escravo na Grécia era um objecto de luxo tratado com todos os cuidados porque custava caro e se morria acabava-se a fonte de trabalho. Que se passa em relação à mulher? A sociedade exige dela um papel que vai do aspecto social ao sexual. Ela executa todo o trabalho doméstico deve ter boa apresentação. Para usar uma imagem: a mulher é um veículo sem motor próprio, o qual, tradicionalmente, é dado pelo homem. Ora o espírito de companheirismo só pode existir quando houver dois veículos que, voluntariamente, vão lado a lado, cada um com o seu motor.

Tal como sabemos que o cérebro humano só tem sido aproveitado em 50 por cento, também a humanidade tem prescindido de metade dela própria. O contributo das mulheres foi desperdiçado tal como aconteceu com todos os contingentes de explorados e oprimidos.»

ABOLIR O CONCEITO DE ESCRAVATURA

Muitos negam o carácter específico da opressão da mulher, afirmando que o desenvolvimento da luta de classes e a resolução do problema económico acabará com a actual discriminação da mulher. A solução económica é suficiente para eliminar a dupla exploração que vitima as mulheres na sociedade capitalista?

. — «Entre os gregos, generalizou-se a máxima segundo a qual o homem é a medida de todos as coisas. Ele é também a medida da economia. No próprio caso de Marx, verificamos que começou por ser um filósofo humanista. O jovem Marx debruçou-se sobre os problemas humanos, o que o torna mais acessível a todas as pessoas, ainda que formalmente não seja fácil. Só mais tarde viria a desenvolver a sua teoria económica.

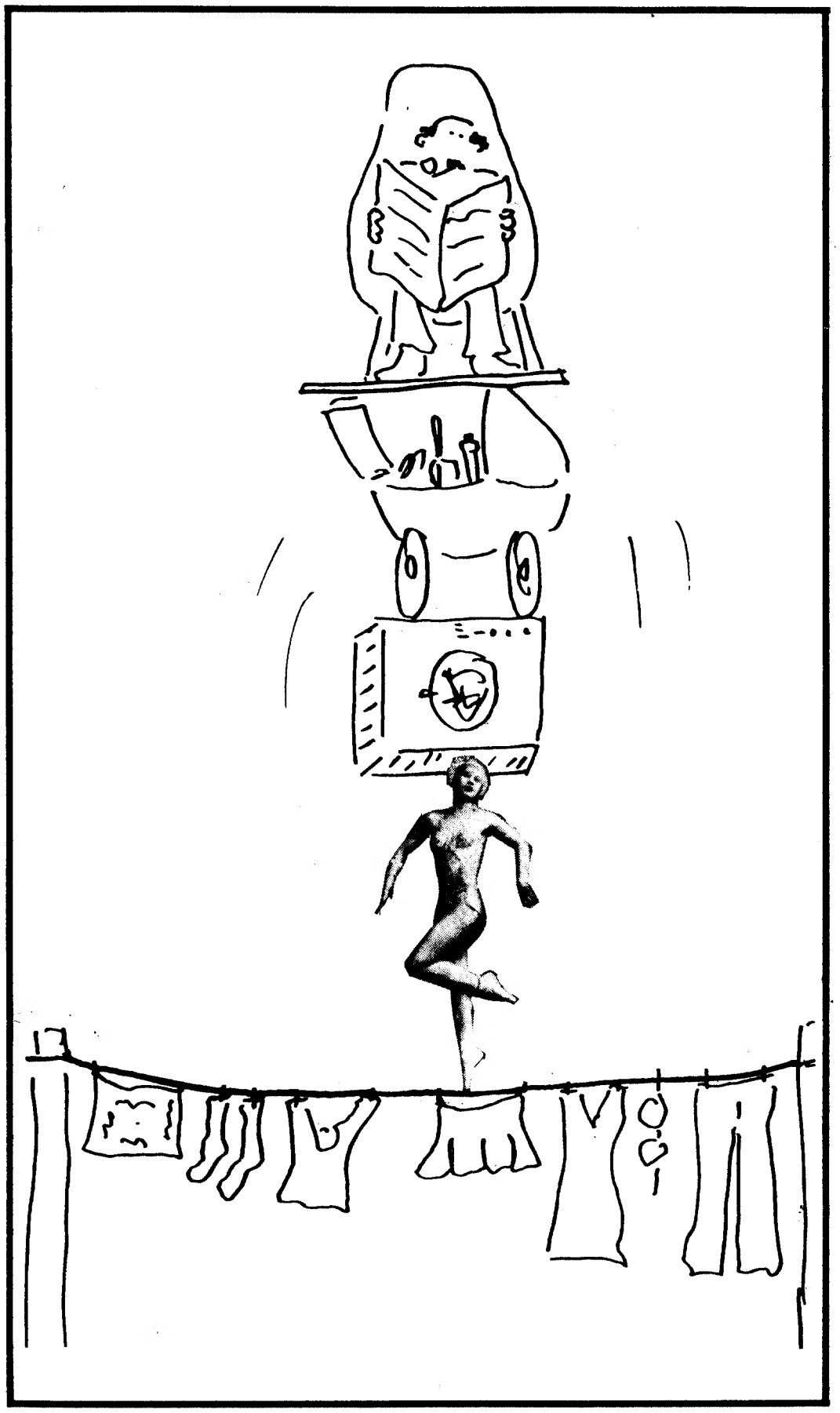
O que é absurdo é que certas pessoas que desconhecem o jovem Marx, e poderiam vir a apaixonar-se pelos temas que ele desenvolve, queiram convencer-nos de que se apaixonaram pelo economista. Isto é o mesmo que dizer: converti-me à teoria da relatividade. São coisas a que as pessoas não se convertem, entendem ou não entendem.

Em primeiro lugar, surge a preocupação pelos problemas sociais e humanos e só depois se desenvolve a teorização política respectiva. Todos sabemos que há muitas pessoas que sempre se marimbaram para os problemas sociais e para as condições de vida do seu semelhante e que surgem agora obsecadas por problemas políticos. Isto é pôr o carro à frente dos bois.

Penso que as soluções económicas não poderão, por si só, resolver todos os problemas humanos sobre os quais de debruçaram as melhores cabeças, nomeadamente Marx. Para esta necessidade de revolucionar os conceitos todos podem contribuir, de acordo com a sua especialidade. Quando se fala sobre aquilo que desconhecemos estamos a espalhar a confusão e a criar problemas que poderiam ser evitados.

Logo, não estou de acordo em que o problema da mulher e da escravatura a que ela se encontra sujeita, possa resolver-se com uma solução economicista. Considero que são necessárias pessoas saudáveis para resolver este problema que tenham já abolido o conceito de escravatura para assim poderem escolher caminhos que acabem com esta exploração.

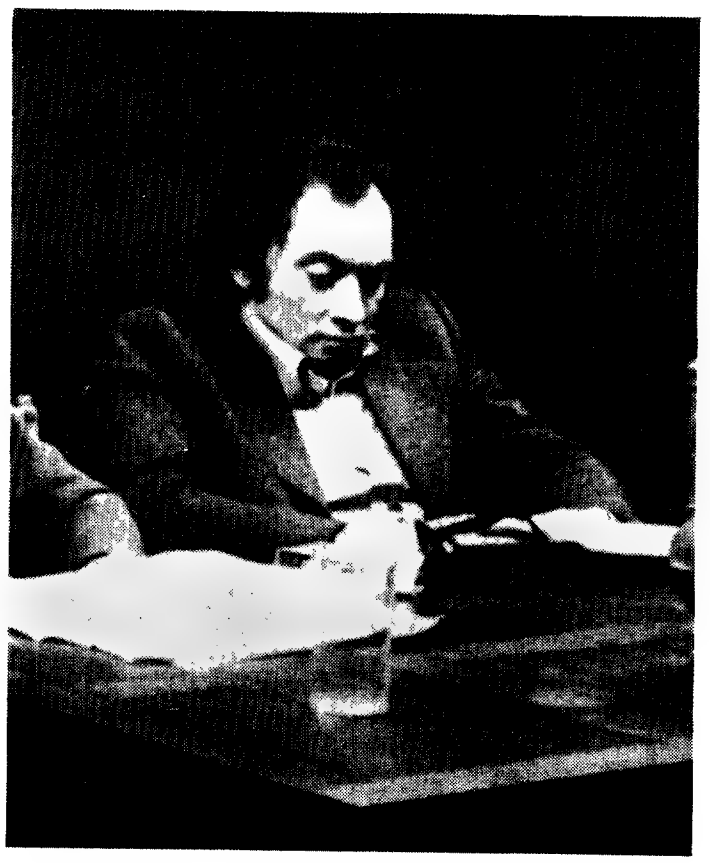
O que posso acrescentar a este respeito, é que dentro de



«O homem encara a mulher como um veículo sem motor próprio...»

ACCIONÁRIO

R



A luta de libertação da mulher tem seguido caminhos errados, mas a direcção está certa.

Texto de Helena Balsa

uma direcção errada, não pode haver caminhos certos, mas dentro de uma direcção certa pode haver caminhos errados. O facto de estarmos numa direcção certa não pode servir de alibi a ninguém para justificar caminhos errados. Por outro lado, é lamentável que muitas pessoas estejam hoje encarniçadas contra os caminhos errados de outros para justificarem o facto delas próprias terem mudado de direcção.»

— Verifica-se frequentemente uma falta de perspectiva global nas lutas feministas. Que significado atribuis às várias experiências levadas a cabo no sentido da libertação da mulher

. — «Na tentativa de acabar com a escravatura da mulher, têm-se percorrido caminhos errados, têm sido cometidas asneiras, mas a direcção está certa. Portanto, é perfeitamente mal intencionado que certas pessoas servindo-se de excessos e erros, venham justificar a sua direcção errada com o pretexto de que os outros estão no mau caminho.

É necessário resolver o problema das mentes viciadas por toda uma moral de hipocrisia porque os problemas económicos e políticos serão altamente beneficiados com o aparecimento de pessoas mais limpas de corpo e alma. Assim desaparecerão os oportunismos, as incoerências, as inconsciências e os ódios.»

ELIMINAR O PATERNALISMO

O machismo é uma espécie de 'pide' em relação a uma população que pode oferecer perigos.» Esta foi uma das muitas frases proferidas no «Tema e Variações» a que nos temos estado a referir. Gostaria de ver esta afirmação justificada porque ela me parece encerrar um aspecto que é fundamental desmistificar.

— «Observei que nos grupos de homens, por exemplo os que se reunem nos cafés, todos os comentários sobre mulheres que passam na rua, que se sentam nas mesas ou que por qualquer outra razão se cruzam com eles, denotam uma vigilância constante às características e ao sistema de vida dessas mulheres. Naturalmente, os comentários insidem sobre problemas de carácter espantosamente moralista.

Por maior que seja a abertura de espírito desses homens, são perfeitamente execráveis as exigências morais que fazem às mulheres. No fundo, são tão limitados nos seus critérios como uma velha tia de província: querem saber se elas se portam bem ou mal; se esta dá facilidades ou não dá; se com esta é possível ir para ali ou não é; se aquela foi com fulano ou não foi... Tudo isto é denunciado, assentado, e taxado, num espírito de ficheiro pidesco.

Alguns desses homens são evoluidos a nível político mas no aspecto relativo às mulheres, mantêm uma posição o mais reaccionária possível. Na melhor das hipóteses, as mulheres são tratadas com total paternalismo, sendo orientadas para que não caiam na «má vida». Este paternalismo está completamente errado, são as mulheres que têm que resolver os seus problemas. Sabemos como esta sociedade está organizada de forma a criar todos os problemas, perigos e armadilhas às mulheres.»

O número de homens conscientes da opressão da mulher é ainda extremamente reduzido. Estão de tal modo longe do problema que só em circunstâncias muito especiais se consciencializam. Sob este aspecto, parece-me admirável, o filme de Biberman «O Sal da Terra» cuja projecção é de desejar em todos os locais de trabalho e nas comissões de moradores. Como é que para ti o problema da opressão da mulher foi tomando corpo?

— «Considero que é uma coisa que vem germinando em mim há muito tempo e que também tem encontrado em mim os maiores obstáculos. Compreendo, perfeitamente, as reacções da sociedade perante a libertação das mulheres porque as encontro dentro de mim próprio. Na verdade, tenho toda uma série de preconceitos machistas.

As pessoas mesmo que se sintam teoricamente inclinadas a aceitar as coisas de vanguarda, têm sempre o alibi de dizer: pois é, eu sou assim, mas a sociedade não é. Logo, tenho que salvaguardar as mulheres que me estão ligadas. Este género de alibi não resolve o problema. Parece-me uma coisa altamente positiva, estar consciente da situação porque isso já é meio caminho andado para a corrigir.

Há muitos aspectos sobre os quais considero que ainda nem sequer descobri os erros e estou muito longe de poder dar alguma lição de cátedra sobre o assunto. O que verifiquei, isso sim, é que a actual situação em que se encontra a mulher é perfeitamente anómala e ilógica e não se baseia em nenhum critério honesto nem do ponto de vista físico nem ético.»

A AUTONOMIA É FUNDAMENTAL

Admitindo que só a auto-organização das mulheres nos seus lugares de trabalho e inseridas no contexto da luta de classes pode levar à sua libertação, qual poderá ser o contributo dos homens progressistas que recusam o paternalismo da mentalidade machista?

. — «É evidente que em todas as épocas houve a praga dos teóricos que são muitas vezes um travão medonho à realização das próprias teorias. Uma vez inventada a teoria é necessário pô-la em prática. Naturalmente que a seguir aos teóricos básicos sucedem-se sempre os teóricos derivados de modo que a teoria continua e a prática nunca mais chega...

Não é de aceitar a existência dos homens que tendo já chegado a uma conclusão sobre a exploração da mulher na prática continuam exactamente a perpetuar essa situação. É fundamental que a mulher adquira autonomia, que venha connosco voluntariamente, pelos seus próprios meios. Não é possível manter durante mais tempo a situação em que têm vivido as mulheres: as que não arranjavam «motor», ficavam paradas no meio da estrada, eram as chamadas «mulheres da valeta».

Até aqui, as mulheres têm sido uma abstracção dos homens a tal ponto a sua vontade foi destruída em proveito dos interesses do homem com quem vivem. A aquisição de uma identidade por parte da mulher não virá pôr em causa a própria identidade do homem?

—«Não vejo que isso seja um problema. Pelo contrário, se a mulher adquirir um motor próprio, uma identidade, o homem tem que fazer menos força para puxar a qual poderá ser aplicada mais utilmente, uma vez que assim se elimina o paternalismo.

É claro que se processa uma mudança na identidade do homem que por vezes é bastante dolorosa. No fundo trata-se de um conflito semelhante ao que atinge pais e filhos. Não há pai que encare com facilidade o dia da libertação, da autodeterminação dos filhos. É claro que os filhos fazem asneiras, tal como as mulheres autodeterminadas podem seguir por caminhos errados. É o total problema da direcção e dos caminhos mas os caminhos podem estar errados, a direcção é que está certa.

É doloroso o homem reconhecer-se como um motor que está a ser ultrapassado por outro que pode andar à mesma velocidade ou até à velocidade superior. Surge então o problema da competição. Há pessoas de tal modo competitivas, que sendo incapazes de aceitar o companheirismo dentro da profissão, com muito mais dificuldade o aceitarão dentro da própria casa.

Entre músicos, há casos conhecidos. Conta-se que um dia, Guilhermina Suggia partiu o violoncelo na cabeça de Pablo Casals depois deste sair do palco onde obtivera grande sucesso. Não houve qualquer outra justificação a não ser o ciúme profissional.

É possível que o homem que até agora se considerou o mais capaz e responsável ao ver-se apanhado, ultrapassado, dê origem ao surgir de grandes dificuldades. No fundo são os problemas que surgem entre os colonizadores e os povos ex-colonizados. Aparecem logo as anedotas racistas, a baixeza moral e as críticas de toda a espécie. São aspectos que fazem parte desta luta de libertação das mulheres em relação aos homens.»

PUB

Encontro das Organizações de Trabalhadores Ligadas ao Sector da Construção Civil e Obras Públicas

Pelas 09 horas do **dia 10 de Janeiro de 1976** na F. I. L. (Feira das Indústrias de Lisboa), à Avenida da Índia.

Realizado por :

SECRETARIADO PROVISÓRIO PRÓ-CONSELHO DE TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS;

SECRETARIADO PROVISÓRIO DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES DA CINTURA INDUSTRIAL DE LISBOA;

UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA — INTERSINDICAL.

ORDEM DE TRABALHOS:

1 **EXPOSIÇÃO** na generalidade pelas organizações promotoras dos problemas dos trabalhadores e a crise do sector, focando : A situação política, o desemprego, o aumento do custo de vida, a Contratação Colectiva, o Controlo Operário, formas de luta e de Organização, o papel das Pequenas e Médias Empresas.

2 **SOLUÇÕES PARA DESBLOQUEAMENTO DA CRISE DO SECTOR, REIVINDICAÇÕES E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES.**

Discussão nas seguintes secções :

1. Solos, projectos, financiamentos e vendas.
2. Empresas da Construção Civil e Obras Públicas.
3. Comércio e Indústria de materiais e equipamentos para construção.
4. Aparelho de Estado.
5. Problemas e reivindicações.
6. Formas de organização e de luta.

3 **APROVAÇÃO DAS CONCLUSÕES.**

PODEM PARTICIPAR :

SINDICATOS de trabalhadores relacionados directa ou indirectamente com o sector.

COMISSÕES DE TRABALHADORES de : Empresas da Construção Civil e Obras Públicas.

Empresas a montante ou a jusante da Indústria.

Órgãos do Aparelho de Estado relacionados com os problemas da construção e/ou habitação.

COOPERATIVAS DE HABITAÇÃO E/OU CONSTRUÇÃO.

INSCRIÇÕES : Tel. 667379 / 668202, ou por carta para Calçada Ribeiro Santos, n.º 3-2.º andar — LISBOA

Lisboa, 23.12.75

Estrangeiro

"Revolta dos lava-louças" ameaça nos Estados Unidos o Movimento Feminista

HENRI PIERRE

WASHINGTON

Após anos de desenvolvimento e de agitação, o movimento feminista americano atravessa uma crise séria. Dois fracassos recentes dividiram profundamente estas organizações feministas cujos «leaders» se opõem apaixonadamente no sentido de determinar a orientação mais apta a reunir a massa feminina. Esta ruptura tomou nas últimas semanas uma forma aguda, quase a de uma «guerra civil» entre mulheres. Cavou-se um fosso entre as «activistas» do movimento e a maioria até agora indiferente das **home makers,** donas de casa, esposas e mães, todas elas desconcertadas com a linguagem utilizada pelas militantes. As responsáveis pelas organizações feministas ficaram aparentemente surpreendidas com o vigor dessa «contra-revolução» que foi familiarmente chamada «revolta dos lava-loiças».

Os dois fracassos sofridos pelas feministas em menos de um mês, tiveram um alcance diferente. A falhada «greve das mulheres» de 29 de Outubro não teve grandes consequências. Fôra mal preparada por organizadoras sem grande consciência dos receios que as mulheres tinham de uma greve, num período de intenso desemprego.

A BATALHA CONSTITUCIONAL

Muito mais grave foi o fracasso de 4 de Novembro. A recusa dada pelos eleitores de Nova Iorque e de Nova Jersey às emendas constitucionais sobre a igualdade dos direitos da mulher arrisca-se, com efeito, a consagrar a derrota do movimento feminista na batalha que este movimento trava há já vários anos, com o objectivo de acrescentar uma vigésima sétima emenda à Constituição federal que consagra a igualdade dos direitos da mulher. Votado por uma larga maioria, no Congresso, em Março de 1972, o Equal Rights Amendment (ERA) deverá ser ratificado por trinta e oito Estados até Março de 1979, para depois entrar em vigor. Ora após um início veloz (em nove meses vinte e cinco Estados ratificaram-no), o ERA perdeu terreno. O ritmo das ratificações tornou-se mais lento e alguns Estados encaram mesmo a hipótese de rever as decisões já tomadas. Por fim, uma coligação heteróclita, que reúne igrejas, o Partido Comunista, grupos de extrema direita, mas, sobretudo organizações de mulheres, conseguiu bloquear a sua discussão em certos Estados. Embora o ERA tenha sido finalmente ratificado por trinta e quatro Estados, o voto de 4 de Novembro reforçou os oponentes o que torna ainda mais aleatória a adopção definitiva da emenda tão controversa. A batalha do ERA estará definitivamente perdida?

Não, dizem as militantes. Elas acham que a derrota fortalecerá as partidárias que vão desde a senhora Ford, mulher do presidente da República, às activistas lésbicas. Mas as adversárias do ERA pensam ter-lhe dado um golpe fatal. Nos dois campos mobiliza-se as boas vontades, procede-se a colectas, procura-se o auxílio de membros do Parlamento, oferecendo-lhes um apoio importante para as eleições de 1976.

Em todo o caso a controvérsia perdeu a sua serenidade original. O ERA é absolutamente necessário, dizem as suas partidárias, tanto para se fazer tábua rasa das últimas leis dos Estados e das regras discriminatórias no que respeita às mulheres, como para se aplicar a legislação antidiscriminatória por vezes contornada. Pelo contrário, as suas adversárias afirmam que as leis em vigor incluindo a décima quarta emenda constitucional que proíbe aos Estados toda e qualquer prática discriminatória em matéria de emprego, asseguram às mulheres protecção suficiente.

Mas, essencialmente, censuram ao ERA o facto de promover não a igualdade entre os sexos mas a sua identidade, de ignorar as diferenças fisiológicas fundamentais em que repousa o arsenal das leis que exoneram as mulheres de trabalhos difíceis ou perigosos, assegurando-lhes vantagens especiais (subsídio de maternidade, etc.), segurança social que as protege das difíceis consequências financeiras de um divórcio (pensão alimentar) ou pensão de viuvez. Com razão ou sem ela, dizem que o Supremo Tribunal podia muito bem, identificando os dois sexos, interpretar as leis em detrimento das mulheres.

O debate foi retomado com veemência pelos adversários femininos do ERA com argumentos por vezes forçados: «Esta emenda», afirmou-se, «é contra a família. (...) Ela diminui o papel da mãe e da esposa no lar, leva-as a trabalhar fora de casa, encoraja o divórcio, o aborto, os casamentos homossexuais (...), implica o fim dos clubes femininos, das 'girls-scout', dos colégios só para raparigas.»

Meteu-se medo às mulheres com mentiras, dizem com certa razão as feministas. Em todo o caso a campanha contra o ERA impressionou não só as mulheres das classes médias — base histórica do movimento feminista — mas também as das categorias menos privilegiadas, brancas ou pretas.

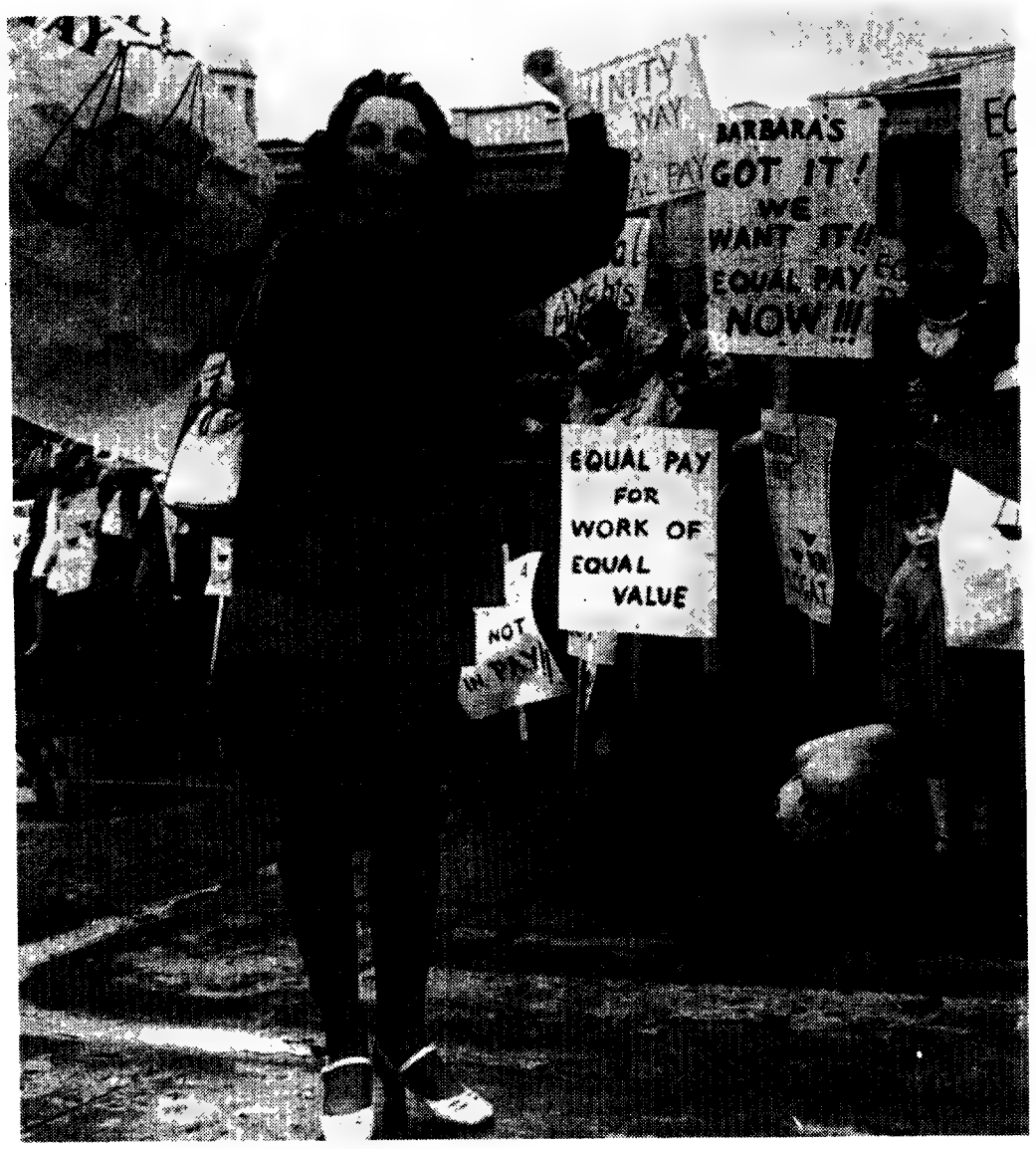
AS DISSIDENTES

Ao verificar que a mensagem feminista não teve eco junto de 60 por cento da população feminina ocupada com trabalhos domésticos, um certo número de dirigentes da N. O. W. (National Organisation of Women) contesta agora a decidida orientação esquerdistas do último congresso da organização, que conta sessenta mil membros e dispõe de um orçamento anual de 500 000 dólares.

Os dirigentes maioritários querem «politizar» o movimento e recomendam que se vá além do trabalho de propaganda, a fim de passar à acção directa sob a forma de manifestações de rua, actos de desobediência civil, etc. Por outro lado, a defesa dos direitos das lésbicas figura na primeira fila das suas prioridades. E justamente isso o que uma minoria muito activa de que faz parte a fundadora da N. O. W., Betty Friedam, deplora. Essa minoria censura à organização o facto de ela negligenciar as aspirações das grandes massas, a começar pelas donas de casa, não receia denunciar a «retórica da revolução», achando que as dirigentes da N. O. W., vítimas de auto-intoxicação, falam de mais, ignoram as realidades económicas e sociais e estão em vias de afastarem de si as massas.

Segundo as dissidentes, que formaram o grupo do «Woman-Surge», a N. O. W. mostra uma total ausência de sentido político ao usar uma linguagem revolucionária quando se dirige à maioria das donas de casa, insensíveis a essa mesma linguagem, ou chocadas com ela, enquanto que a sua tarefa prioritária seria defender os interesses dessas mulheres. A cisão talvez se evite, mas o movimento feminista, muito vivo nos anos 60, está hoje a perder velocidade em busca de um novo fôlego.

© Le Monde



Feministas na rua — um alvo para a «revolta dos lava-louças?»

Ópera sobre a vida de Eva Peron pelos dois autores de "Jesus Cristo Superstar"

LONDRES, 5 — (Por Sharan Sandhu, da Reuter) — Eva Peron, que se tornou a mulher mais influente da América Latina e numa lenda, enquanto viveu, será o tema de uma ópera moderna dos compositores do discutido «Jesus Cristo Superstar».

«Não vai ser exactamente uma ópera-rock, mas mais uma obra musical, uma ópera moderna» — observou Tim Rice, cuja colaboração com Andrew Lloyd Webber em «Jesus Cristo Superstar» deu o espectáculo teatral e cinematográfico que obteve êxito em todo o Mundo e proporcionou receitas, até agora, de 50 milhões de libras (cerca de três milhões de contos).

Espera-se que a ópera de Rice e Webber com uma história da pobreza à riqueza, que terá o título de «Eva», seja gravada em disco ainda este ano. Será escrita em inglês, com partes em espanhol e Webber e Rice tencionam produzi-la como um espectáculo teatral e, possivelmente mais tarde, transformá-la num filme.

Trata-se da história da filha de um trabalhador rural que fugiu de casa, aos 15 anos, para se tornar actriz, casou com Juan Peron e se tornou tão popular que o povo, que a adorava, lhe conferiu embora não oficialmente, tanto poder como ao marido. Foi instigadora principal e o símbolo da revolução social de seis anos na Argentina.

Na verdade, Eva Peron, conhecida pelas massas populares como «Santa Evita», foi a segunda mulher do presidente Peron da Argentina. Faleceu vitimada por um cancro, aos 33 anos, adulada e exercendo grande influência.

O seu corpo embalsamado jaz numa urna aberta, forrada a seda azul, numa cripta do palácio presidencial em Buenos Aires, onde a terceira mulher do general Peron, Maria Estela, é agora a chefe de Estado. O cabelo de Evita está tão dourado e sedoso e a sua face tão calma como no dia da morte.

O dr. Pedro Ara, que embalsamou o corpo de Eva, afirma que, como o de Lenine, nunca deverá entrar em decomposição.

O que lhe aconteceu, após morrer, é ainda mais bizarro do que a sua vida extraordinária.

O seu corpo embalsamado desapareceu em 1956, pouco depois do presidente Peron ser deposto por um golpe de Estado militar e seguir para o exílio, onde esteve cerca de 18 anos. O corpo foi enviado secretamente para a Europa e reapareceu em 1971 quando foi restituido ao general Peron, após ter estado sepultado 14 anos, sob nome suposto, num cemitério em Milão, na Itália.

Os restos mortais de Evita regressaram, finalmente à Pátria, em Novembro de 1974, com Juan Peron.

Tim Rice disse ainda: «Certo dia, liguei a Rádio e ouvi os últimos 15 minutos de um programa sobre Eva Peron e fiquei fascinado. Comecei a fazer pesquisas acerca da sua vida e verifiquei que ela era realmente uma história de gata borralheira. Daí a ideia de fazer a ópera».

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

Estrangeiro

ESTRATÉGIA COMUM

Reunião de 19 países do Terceiro Mundo

PARIS, 5 — (R.) — Países em vias de desenvolvimento e produtores de petróleo traçam hoje em Paris a estratégia para as discussões com nações industriais sobre os males económicos que afligem o Mundo.

É a primeira vez desde o drama dos reféns em Viena e na Argélia que representantes dos Estados produtores de ramas se reunem e é provável que o dispositivo de segurança da Polícia francesa seja muito severo.

A conferência, a que assistem delegados de 19 países, deriva da reunião internacional, que se efectuou em meados de Dezembro em Paris, sobre energia e matérias-primas.

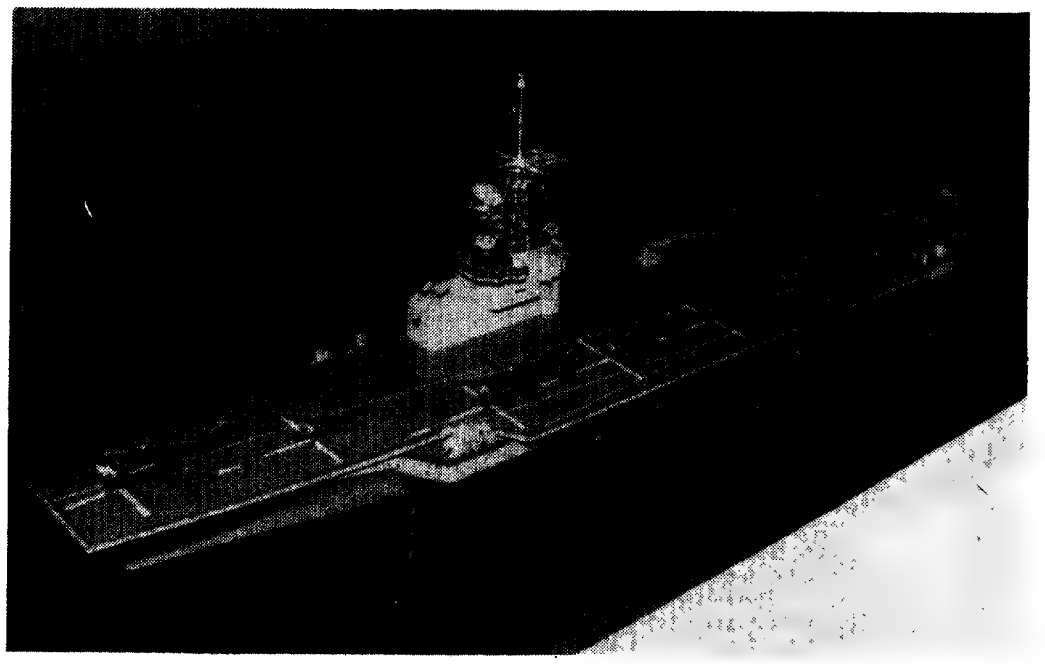
Na conferência de Dezembro, 27 países anuiram em criar comissões para discutir energia, matérias-primas, desenvolvimento e problemas financeiros relacionados.

A sessão de hoje entre oito Estados produtores de petróleo e onze países em vias de desenvolvimento destina-se a traçar a estratégica conjunta das comissões, que deverão principiar os seus trabalhos, em 11 de Fevereiro.

Contudo, antes de começar o regateio com as nações industriais, os países do Terceiro Mundo têm de chegar a acordo sobre a sua propria posição comum.

A Argélia, um destacado representante do Terceiro Mundo, mostra-se muito interessada em ver inscrita na agenda da comissão de leitura a questão dos preços das ramas e das matérias-primas e dos preços, nos países industrializados.

Contudo, outros países, como a Arábia Saudita, a Pérsia e o Brasil, estão ansiosos, segundo se crê, de se afastarem de qualquer atitude rígida, a fim de se assegurar que se possa encetar, a nível de comissões, o diálogo entre consumidores e produtores.



Maqueta do porta-helicópteros francês «PH 75», de propulsão nuclear, o primeiro navio europeu no seu género. Com um raio de acção quase ilimitado, deslocará 18 000 toneladas e poderá transportar 25 helicópteros a uma velocidade de 28 nós. A sua tripulação será de 900 homens, além de ter capacidade para uma eventual unidade de desembarque de 1000 homens

Mau tempo na Europa: mais de 40 mortos

BRUXELAS, 5 (ANOP) — Uma nova tempestade atingiu hoje a Escandinávia após as que se fizeram sentir no fim-de-semana e causaram a morte e destruição em muitas partes da Europa.

Mais de 40 pessoas morreram e oito são ainda dadas como desaparecidas em consequência das chuvas, da neve e dos ciclones que atingiram o continente. Prevê-se que os danos causados nas propriedades, nas colheitas e no gado totalizem milhões de dólares.

A agência húngara MTI informou de que ventos de 120 quilómetros por hora — «a tempestade mais violenta dos últimos anos» — flagelaram grandes zonas das florestas do ocidente do País, derrubaram os postes da iluminação em Budapeste e cortaram o fornecimento de energia e aquecimento a milhares de casas.

Na Checoslováquia, registaram-se ventos da ordem dos 130 quilómetros por hora no aeroporto de Praga.

A agência Ceteka anunciou que os serviços telefónicos e eléctricos estiveram interrompidos por terem sido derrubados os cabos de alta tensão.

Na Grã-Bretanha morreram 24 pessoas, enquanto os rios inundaram as casas e pastagens em muitos pontos do território. Em três condados ao Sul de Londres, mais de 100 000 pessoas ficaram sem electricidade.

Os ventos arrancaram os telhados de muitas casas.

Na República Federal da Alemanha morreram 11 pessoas, enquanto na Escandinávia foi de cinco o número de vítimas em consequência das tempestades.

Nos Alpes morreram quatro pessoas, na Bélgica duas e na Holanda também duas. Em França, há a registar uma morte.

AMÉRICA LATINA

Ex-presidente peruano regressa do exílio

LIMA, 5 — (R) — O último presidente civil do Peru, Fernando Belaunde Terry, regressou ontem ao seu país no termo de sete anos de exílio em Washington e lançou imediatamente um pedido velado de eleições.

Belaunde, de 63 anos, exilado após os militares terem assumido o poder em 1969, declarou a 2000 partidários ter regressado para defender as tradições republicanas do Peru.

Cerca de 300 polícias de choque rodeavam o aeroporto quando Belaunde, parecendo nervoso e excitado, foi levado aos ombros para um camião estacionado onde proferiu o seu primeiro discurso depois do seu afastamento.

A multidão — mais pequena do que se esperava — aplaudiu mas não houve incidentes.

Belaunde declarou não ter vindo em desafio.

«Vim de braços abertos, mas se alguns maus peruanos quiserem combater, estarei pronto» — disse.

O seu regresso ao Peru segue-se à amnistia política decretada pelo presidente Francisco Morales Bermudez pouco depois de ter assumido o poder, em Agosto, substituindo o general Juan Velásco Alvarado.

Belaunde declarou que o seu partido, Acção Popular, que foi proibido até à amnistia, não tem de agradecer a ninguém a sua liberdade.

Revelou que tenciona ficar durante duas semanas e que regressaria definitivamente mais tarde, este ano.

ULTIMATO MILITAR À SRª PÉRON?

NOVA IORQUE, 5 — (FP) — No seu último número, a revista «Newsweek» escreve que os dirigentes militares argentinos deram um prazo até ao fim de Janeiro a Maria Estela Péron para que abandone a presidência da República.

Segundo o semanário, a C.I.A. teria sido posta ao corrente deste plano por fontes militares argentinas. Até agora — afirma a «Newsweek» — os militares tinham pedido abertamente a demissão da presidente mas sem empreender uma acção directa e tinham até empreendido o seu derrube por outros meios.

SEGUNDO ARIAS NAVARRO

Eleições em Espanha até final de 1977

NOVA IORQUE, 5 — (FP) — O primeiro-ministro espanhol, Carlos Arias Navarro, reafirmou a intenção da Espanha de aderir ao Mercado Comum e, eventualmente, à N. A. T. O., mas põe certas condições.

Anunciou, por outro lado, que haverá até ao final de 1977 eleições locais e gerais no país.

Numa entrevista exclusiva concedida a Arnaud Borchgrave e inserida na edição de segunda-feira da «Newsweek», o primeiro-ministro espanhol afirmou que dentro de dois anos se poderá verificar «a realidade de quatro ou cinco partidos políticos funcionando efectivamente numa nova democracia espanola». Precisou, ainda, que conta com «a compreensão e a flexibilidade» dos países europeus vizinhos da Espanha para permitir que o país «vença gradualmente e com pragmatismo as diversas diferenças que o separam ainda do Mercado Comum, política e economicamente».

Abordando o problema das bases americanas, Arias Navarro sublinhou que se os Estados Unidos as quiserem conservar terão pelo menos que duplicar o montante da sua asssitência militar. «A Espanha» — disse — não é membro da Aliança Atlântica e não beneficia de nenhuma das suas vantagens. Só suporta os inconvenientes».

Antes que a Espanha se possa juntar à O. N. U. — continuou — o resto da Europa terá que pôr cobro aquilo a que ele chama a sua «Atitude discriminatória».

«Ou a Europa reconhece o nosso papel como sua aliada natural, ou a Espanha terá que limitar a utilização das suas bases militares às necessidades americanas e espanholas».

Arias Navarro deu a entender que não tenciona legalizar o Partido Comunista Espanhol nem admitir em território nacional Santiago Carrilo, secretário-geral desta organização.

«AMBIENTE DE PRÉ-LIBERDADE»

TOULOUSE, 5 — (FP) — Marcelino Camacho, dirigente das comissões operárias espanholas, opinou ontem em Toulouse que reina actualmente «um ambiente de pré-liberdade» e que «algo mudou» em Espanha.

O dirigente operário espanhol, que falava numa reunião com a união departamental do sindicato francês da C. G. T. (de inspiração comunista) sublinhou, contudo, que «não há ainda nenhuma garantia e que as leis antigas permanecem». Mas acrescentou: «A situação não é a mesma. A amnistia por exemplo, tornou-se uma questão nacional de que fala toda a Imprensa».

«Alguns — prosseguiu — tentam atrasar as reformas e desejariam copiar o que se fez na Alemanha após a última guerra, onde as liberdades foram limitadas. Mas 1976 não é 1946 e a Espanha não é a Alemanha. A liberdade está ao nosso alcance e estamos decididos a conquistá-la, lançando todas as nossas forças na batalha, criando sindicatos socio-políticos onde estarão representadas todas as tendências.»

O dirigente das comissões operárias veio a Toulouse visitar membros da sua família.

MANIFESTAÇÕES EM BILBAU E SAN SEBASTIAN

MADRID, 5 — (ANOP) — Mais de cinco mil pessoas desfilaram ontme pelas ruas de Bilbau e San Sebastian pedindo liberdade para os mil e quinhentos presos políticos espanhóis.

Em Bilbau, a Polícia perseguiu e prendeu diversas pessoas e apreendeu três cartazes pedindo amnistia.

No entanto, em San Sebastian, uma delegação dos manifestantes composta por seis elementos foi recebida pelo governador civil e entregou-lhe uma petição de amnistia para os presos políticos e exilados.

No que respeita a Bilbau, a marcha, que integrou mais de trêsmilmanifestantes,seguiu-se a uma ocupação de 16 horas da Igreja de San Anton por mais de 400 pessoas, incluindo parentes de presos políticos e de antigos presos.

Os ocupantes da igreja escutaram missa, na qual o celebrante pediu amnistia política.

Mais tarde juntaram-se a um grupo que tentou entregar no Governo Civil uma petição assinada por milhares de pessoas.

Quando o grupo se aproximava do Governo Civil, a polícia começou a estacionar os seus jipes, atravessando-os nas ruas de acesso e brandindo bastões.

Segundo informações prestadas por círculos afectos à Polícia, alguns manifestantes foram presos mas soltos mais tarde.

Em San Sebastian, a manifestação foi iniciada por cerca de cem pessoas que ocupavam desde a tarde de ontem, a Catedral de Buen Pastor.

Cerca de duas mil pessoas integraram-se depois na marcha e a polícia não interveio para dispersar os manifestantes.

O governador civil, Emilio Rodriguez Roman, recebeu seis parentes de presos políticos, que lhe entregaram uma carta dirigida ao rei Juan Carlos, pedindo amnistia.

Entretanto, no exterior do edifício do Governo Civil, os manifestantes gritavam «amnistia». Mais tarde, a multidão dispersou pacificamente.

Caleidoscópio

■ TOQUIO, 5 — (Anop) — Funcionários das linhas aéreas japonesas em Tóquio, anunciaram que um dos seus aviões fora assaltado por dois homens armados no aeroporto internacional de Manila e que os assaltantes ameaçaram matar uma hospedeira se o aparelho não levantasse vôo.

O avião — acrescentaram — partida de Bangkok com destino a Tóquio, devendo fazer escala em Osaka. A bordo encontram-se 200 passageiros e 11 tripulantes.

Segundo notícias recebidas em Tóquio, os assaltantes teriam exigido ao piloto que partisse imediatamente sob a ameaça de matar uma hospedeira. Porém, o aparelho continuava no solo.

■ ARGEL, 5 — (Anop) — Procedente de Cuba, chegou ontem a Argel o general Vo Nguyen Giap, membro do gabinete político do Partido dos Trabalhadores do Vietname e também ministro da Defesa do Vietname do Norte.

Giap, que em Havana assistiu ao primeiro congresso do Partido Comunista Cubano, foi recebido no aeroporto por altas autoridades militares e civis.

■ BELFAST, 5 — (F. P.) — A noite passada perto de Lurgan (condado de Armagh) foram mortos a tiro três católicos, o mesmo sucedendo a outros dois em Whitecross, no mesmo condado. Outro ficou gravemente ferido.

Na noite de São Silvestre uma mulher foi atingida pela explosão duma bomba num bar de Gilford, vindo a sucumbir na quinta-feira. Sofreram ferimentos 43 pessoas.

Desta forma, o terrorismo já causou no Ulster seis mortos e 44 feridos desde o começo do ano.

■ MODENA, 5 — (F.P.) — Iniciou-se no sábado em Serramazzoni, o Terceiro Congresso Nacional dos Padres Operários Italianos ao som da Internacional. Estão presentes à volta de 150 membros. Os temas dos trabalhos são: contra o emprego antioperário da lei na crise actual e evangelização e promoção humana para os padres operários e os militantes cristãos.

■ BANGKOK, 5 (F. P.) — O Camboja passou a ser a partir de hoje «o Estado democrático do Camboja» — notícia Radio Phnom Penh captada em Bangkok.

A bandeira do novo Estado representa o templo de Angkor-Vat em fundo vermelho.

A rádio cambojana esclarece que o chefe de Estado, o príincipe Norodom Sihanouk, presidiu à reunião do Conselho de Ministros, que ratificou a nova Constituição.

■ DURBAN, 5 — (R.) — Perderam a vida, pelo menos, 21 pessoas e cerca de mais 30 ficaram feridas quando um autocarro se despenhou ontem à noite, num desfiladeiro perto de Durban, segundo informou hoje a Polícia.

Crê-se que todos os mortos sejam africanos.

Às primeiras horas de hoje, brigadas de socorro tentavam ainda retirar passageiros presos debaixo da viatura.

■ VALLETTA, 5 — (R.) — A Inglaterra não alugará bases em Malta quando o actual acordo espirar em Março de 1979 — declarou a noite passada o secretário da Defesa Britânico, Roy Mason.

Espectáculos

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

ARTUR RAMOS SOBRE "SCHWEYK"

Aos críticos de Teatro

Escrevo estas linhas algumas horas antes da estreia do «Schweyk na II Guerra Mundial», espectáculo em que trabalhei durante meses, mas cujos ensaios fui forçado a abandonar faz hoje precisamente 4 semanas. Com efeito, o meu nome figura entre os de 34 trabalhadores da RTP suspensos das suas funções e impedidos de entrar nas instalações da Empresa (entre as quais se encontram o Teatro Maria Matos) por ordem de serviço datada de 2 de Dezembro e assinada pelo major Pedroso Marques, presidente do Conselho de Administração da RTP.

Nesse próprio dia 2 escrevi ao major Pedroso Marques pedindo-lhe que a brutal medida que nos atingia não fizesse, no entanto parar, os ensaios do «Schweyk» nem pôr em risco o duro trabalho já efectuado pela Companhia do Teatro Maria Matos. Foi-me então oferecida uma situação de privilégio que não pude aceitar: dos 34 suspensos eu seria o único autorizado a continuar o meu trabalho no que respeitasse à encenação então em curso. Não me foi fácil recusar o privilégio oferecido: só quem esteja muito alheio à vida do Teatro poderá não compreender o sacrifício que representa o abandono de um espectáculo onde estão enterrados meses de trabalho colectivo no que toca à afinação do texto, à concepção geral do espectáculo e à direcção dos actores. Aliás, só um injustificado atraso do Serviço de Cenografia da RTP impediu que o «Schweik» já tivesse estreado nessa altura como era desejo de toda a Companhia.

Perante a minha decisão de não aceitar uma situação diferente da dos outros suspensos, houve quem afirmasse que eu escolhera solidarizar-me com um grupo de trabalhadores (os suspensos da RTP) à custa de um outro grupo que comigo trabalhara durante meses (a Companhia). E é isso que eu gostaria de deixar aqui bem esclarecido: eu não me «solidarizei» com os suspensos sou um deles. Se aceitasse uma situação de privilégio estaria a negar-me a mim próprio.

Parece-me legítimo dar estas explicações aos críticos que têm hoje que julgar um espectáculo em cuja ficha nao figura o nome do Encenador. Já fui crítico de Teatro e sempre protestei contra a falta de indicação do nome de todos os responsáveis maneira fácil seguida por vezes no Teatro Comercial para baralhar responsabilidades. Mas neste caso creio que não pode ser de outra maneira: quem não acompanhou as últimas quatro semanas de um espectáculo, não pode assinar uma encenação.

A partir do dia 2 de Dezembro, e segundo o que se combinou entre a Companhia e a Empresa, os ensaios passaram a ser orientados pela Assistente de Encenação, Maria Helena Ramos, pelo Director de Cena, Rui de Carvalho, e pelo Administrador do Teatro, António Ribeiro, este no que se refere às ligações com a RTP.

A Companhia fez a partir de então um enorme esforço em condições ingratas e sofrendo além de tudo, sucessivos atrasos por parte da Cenografia. Mas tanto quanto sei — e com excepção dos «Intermédios nas Altas Esferas» — a ideia do ensenador foi preservada.

E, no fundo, o espectáculo é que conta. Em face da grande realidade concreta que é uma sala aderindo a um bom espectáculo estas pequenas tomadas de posição perdem importância.

Para lá das manobras políticas, das intrigas e dos atropelos Viva o Teatro!

Teatro Maria Matos
A RTP APRESENTA
«SCHWEYK NA II GUERRA MUNDIAL»
de Bertolt Brecht
com
RAUL SOLNADO
no protagonista
Todos os dias às 21.30 horas — Domingos «matinées», às 16 horas. Segunda-feira — Descanso da Companhia
Bilheteira Tel.: 897017
A.B.E.P. Tel.: 328823
Não aconselhável a menores de 13 anos

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

O PROBLEMA DOS VENDEDORES

É na unidade e solidariedade da classe que os trabalhadores conseguem consolidar a sua força, defender os seus direitos e fazer recuar, pela força e razão do seu combate, as burguesias — do dinheiro, da política e da cultura — que pretendem subjugar e explorar as classes laboriosas. Foi para tentar quebrar a unidade e solidariedade dos trabalhadores que o governo fascista, chegado ao poder, dissolveu a Confederação Geral do Trabalho (CGT) e impôs, pela força, o sistema corporativo que veio possibilitar a unidade patronal contra a debilidade de um movimento sindical, não só controlado pelos patrões e governantes fascistas, mas dividido por 326 sindicatos diferentes.

Quando, após o 25 de Abril, os trabalhadores puderam enfim fazer OUVIR A SUA VOZ E A SUA RAZÃO, LOGO FIXARAM COMO TAREFA PRIORITARIA PROCEDER À REESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO SINDICAL, DE MANEIRA QUE A UNIDADE E A SOLIDARIEDADE DE TODOS FOSSE POSSIVEL NUMA SÓ FORÇA (CENTRAL SINDICAL ÚNICA) E NUM SÓ SINDICATO DE INDÚSTRIA OU RAMO DE ACTIVIDADE (VERTICALIZAÇÃO DOS SINDICATOS DE PROFISSÃO). Se é certo que as manipulações partidárias nem sempre deixaram decorrer o processo com a lisura que merecia e o respeito que é devido aos trabalhadores, não se pode no entanto, pôr em causa a justeza do mesmo

Foi, portanto, PARA REFORÇAR A SUA FORÇA QUE OS TRABALHADORES DA ACTIVIDADE COMERCIAL, INDEPENDENTEMENTE DA SUA CATEGORIA, DA SUA PROFISSÃO, DA ESPECIFICIDADE OU NATUREZA DA FIRMA QUE OS EMPREGA SE QUIZERAM DOTAR DE UM SINDICATO VERTICAL REPRESENTATIVO DE TODOS. E este, Sindicato dos «Caixeiros» que era, [illegible] força e importância transformando-se no GRANDE SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

A QUESTÃO DOS VENDEDORES

Mas esta enorme tarefa de unir todos os trabalhadores do comércio num Só Sindicato vertical embora já avançado, não está terminada. Uns porque ainda não tiveram ocasião de aderir, outros, porque estando, ou sempre tendo estado integrados, ainda não sentem verdadeiramente consolidada e justificada a sua permanência neste Sindicato. Neste último caso se situam os vendedores.

Não é novo o «problema dos vendedores» neste Sindicato. Desde alguns anos que um grupo de vendedores vem declarando que se não sente representado nem defendido neste Sindicato. Pelo contrário, dizem, têm ressentido a agressividade e sido alvo de graves acusações da parte de outros trabalhadores do comércio

Segundo os representantes destes vendedores isto tem levado ao sector o descontentamento e aumentado o desejo latente de se desvincularem deste Sindicato para aderirem a um Sindicato de Vendedores.

Tomou esta Direcção conhecimento que o «movimento dos vendedores» tem vindo, ultimamente, a acelerar a sua actividade no intuito de promover, no próximo dia 5 de Janeiro, um plenário de vendedores para determinar a sua posição em relação à continuidade ou não neste Sindicato do Comércio.

Antes, contudo, desta Direcção apresentar as razões que a levam a discordar daquele movimento, previamente queria deixar expresso o correcto comportamento democrático que manifestaram os representantes daqueles vendedores vindo informar esta Direcção do processo em curso, e, também, das razões que dizem existir para a «sua luta».

ESTA DIRECÇÃO NÃO CONCORDA COM ESTE MOVIMENTO E PORQUÊ ?

É óbvio que a sua luta não pode ser feita contra os trabalhadores do comércio, mas ao contrário com eles contra o patronato explorador. Os mal-entendidos que se podem verificar entre trabalhadores deste Sindicato têm de ser resolvidos dentro e nunca fora dele.

Se por vezes existem desinteligências entre os vendedores e outros trabalhadores do comércio isso resulta de profundas injustiças praticadas pelo patronato com instintos divisionistas, colocando no interior das suas firmas uns a receber salários de miséria enquanto outros (certos vendedores E NÃO SÓ) usufruem de salários que lhes permitem uma vida de nível superior. Será isto justo? Como sindicalistas temos de dizer não... MAS CONSIDERAR QUE TODOS OS VENDEDORES BENEFICIAM DE SALÁRIOS ELEVADOS E DESCONHECER A REALIDADE DOS FACTOS. A maioria, esses vendedores que fazem multidão, recebe um salário, um pouco mais ou menos, segundo os casos da sorte, que os não distingue do nível de vida dos outros trabalhadores. Ora estes são também explorados e a sua luta é a luta unida de todos os explorados.

Diz o movimento de vendedores que este sector [illegible] e justamente defendido por este Sindicato. Ora o que actualmente se pode verificar na composição da actual Direcção e que os vendedores estão aí representados. A sua presença na Direcção, como na Assembleia de Delegados, têm vindo a marcar a vida deste Sindicato e ajudado a definir uma prática sindical democrática [illegible] de interferências e manipulações partidárias, [illegible] condições que permitam conduzir os trabalhadores do comércio [illegible] reivindicações quantitativas e qualitativas que [illegible] material e as condições de emancipação de todos os [illegible] da actividade comercial.

[illegible] ao que [illegible] O [illegible] só se resolvem através da [illegible] e da solidariedade dos trabalhadores

[illegible] estamos [illegible] de uma crise e [illegible] de graves consequências para a vida dos trabalhadores [illegible] desta crise [illegible] falando da [illegible] reconversão do comércio. Hoje é de uma necessidade [illegible]. A verificar-se essa reconversão terá que tocar no [illegible] funções comerciais e, particularmente, no estatuto do [illegible] ligado às vendas

Muito em breve entraremos numa economia de raridade, onde como é lógico a política de concorrência comercial será atenuada e onde talvez se queira vender e não haverá que vender ou dinheiro para comprar. ESTAS CIRCUNSTÂNCIAS NÃO PODEM DEIXAR DE ACONSELHAR A MAIOR SOLIDARIEDADE POSSÍVEL ENTRE TRABALHADORES E O INSTRUMENTO DESSA SOLIDARIEDADE SERÁ SEMPRE UM SINDICATO FORTE, UNIDO E VERTICALIZADO

Por tudo isto pensa esta Direcção que é seu dever informar a tentativa de cisão vinda do movimento de vendedores e encorajar todos os trabalhadores a cerrar fileiras e a unirem-se numa ampla frente de luta. CONSIDERA TAMBÉM ESTA DIRECÇÃO QUE O PLENÁRIO DOS VENDEDORES NÃO TEM FUNÇÃO DELIBERATIVA, MAS O PROBLEMA LEVANTADO ACONSELHA QUE, A BREVE TRECHO, SE CONVOQUE UMA ASSEMBLEIA GERAL DA CLASSE PARA A OUVIR A PROPÓSITO DE TAL ASSUNTO.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1976.

A DIRECÇÃO

António Silva da Costa

MERCADO AMERICANO

Chicago no "top" dos álbuns

NOVA IORQUE, 5 — (UPI/ANOP) — É a seguinte a lista dos 20 álbuns de música «pop» mais vendidos nos Estados Unidos, segundo a Billboard»:

1. «Chicago IX Chicago — Greatest Hits»;
2. Earth, Wind and Fire, «Gratitude»;
3. America, «History-America's - Greatest Hits»;
4. Joni Mitchell, «The Hissing of Summer Lawns»;
5. John Denver, «Wind Song»;
6. KC and the Sunshine Band;
7. «Hobin Reddy's Greatest Hits»;
8. Ohio Players, «Honey»
9. O' Jays, «Family Reunion»;
10. Paul Simon, «Still Grazy after all these Years»;
11. «Seals Crofts Greatest Hits»;
12. Art Garfunkel, «Breakaway»;
13. Kiss, «Alive»;
14. Jefferson Bowrship, «Red Octopus»;
15. Barry Manilow.
16. Cat Stevens, «Numers»;
17. Electric Liht Orchestra, «Face the music»;
18. «Rufus Featuring Chara Khan»;
19. «The Best of Carly Simon»;
20. «Let's do it again» Original Soundtrack, Staple Singers With Curtis Mayfiled.

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

EU CÁ SÓ O QUE QUERO É QUE OS COMANDOS NÃO SE ZANGUEM COMIGO. TUDO O MAIS É IGUAL AO LITRO

Esta repugnantelevisão.

Desculpem, sim? Não tenho o direito de me descontrolar. A crítica é serena, a crítica é serena, a crítica é serena, a crítica é serena. Serenidade é coisa que me não deve abandonar. Amen.

É preciso, porém, que fique bem claro para todos, o papel de desagregação, perigosamente manipulados, exercido pela Televisão neste momento. Prova cabal disto encontra-se na revista do ano de política nacional transmitida ontem. As distorções, as omissões, as descaradas intenções e outras expressões terminadas em erda, andaram à compita durante todo o programa. Uma autêntica vergonha. Posso dizer-lhes que nunca me senti tão vexado como telespectador e recordo que estou nesta oficina vai para 12 anos.

Está certo, meus caros senhores, está certo. O VI Governo é o melhor do mundo, o Presidente do Conselho é um estadista genial, é um estadista genial, é um estadista genial, é um estadista genial, é um. A verdade verdadinha é a verdade oficial. Ai de quem se atreva a mostrar opinião diversa! É uma chatice muiiiiito grave! O Estado-Maior. Não sei de Quê fica zangado e os comandos ficam, naturalmente muito aborrecidos. Esta última ameaça exerce sobre mim poderosa acção. Tenho um medo de Jaime Neves que me pelo. Daqui lhe quero reiterar, coronel, a minha estima, a minha confiança e os meus sentimentos de profunda adesão, às suas arreigadas convicções democráticas.

Claro que as versões oficiais é que são verdadeiras. Pode o advogado Orlando Cardoso ter dito no Porto, como disse que «todo o teor das versões oficiais publicadas nos jornais e na RTP são altamente deturpadoras da verdade». Não importa. Os organismos oficiais, militares e não militares, não desistem de mandar as suas versões para a RTP, para os jornais e para a Rádio — e elas é que contam. Os grandes meios de informação encontram-se dominados pelas forças que dominam o VI Governo. Portanto não admira que o VI Governo seja o melhor do mundo. Viva a liberdade de imprensa! Viva o pluralismo! Viva a verdade objectiva! E sobretudo que os comandos não se zanguem connosco, isso é que nunca.

Claro que os culpados do caos económico foram Vasco Gonçalves e Álvaro Cunhal, na opinião da direcção do Partido Socialista, opinião que os prestantes e colaborantes, serviços informativos da Televisão Portuguesa se apressam em repetir, gostosamente. Tal como o dr. Raul Rego, em depoimento gentilmente prestado antes de ontem ao *Telejornal*, declara que «nós não tivemos a culpa de nada do que se passou». Nós, ou seja: a administração do jornal *República*.

(Como alguns dos meus leitores devem estar lembrados, o caso *República* foi pretexto para a mais terrível campanha que em Portugal se fez contra algum Governo ou contra alguma personalidade política. O caso chegou a ser internacionalizado e tomou aspectos de cruzada, gravosa da Revolução portuguesa. De mistura com a sua caluniazinha de que, uma oportuna amnistia apagou a assunção de responsabilidades...)

. Voltemos ao rego. Da reacção do Telejornal se esperava contactasse para depor directamente, um trabalhador responsável do jornal *República* — e não o fez. Seria bom discutir essa história da culpa; do mal-estar gerado na empresa; da aventura, ainda mal conhecida do grande público, da distribuição das acções do *República;* de como um jornal da unidade antifascista, não partidária, se transformou em orgão oficioso de um partido. Essa história da culpa podia ser bem discutida, na certeza de que dessa discussão nasceria muita luz para o entendimento de alguns comportamentos e alguns caminhos. Por que não um *Teleforum?* Aqui fica a sugestão. De graça.

Claro que vou guardar a gravação da revista do ano de 1975, transmitida ontem, como um dos mais tristes, dos mais tenebrosos documentos oferecidos pela Televisão Portuguesa. Vou guardá-la no mesmo arquivo em que tenho as mais significativas emissões da era salazarista e caetanista. Em habilidade da manipulação e da «formação», este programa está na linha das mais «honrosas» tradições.

Mas então, com mil diabos, não houve no serão de ontem, nada mais de que falar além da malfadada emissão?

. Desculpem. Houve, sim. Houve aquela rubrica de *Telefutebol*, com o comentário de Nuno Brás, um espectáculo de conselheirice e acaciana no domínio futebolístico. Foi no entanto numa muito mini-rubrica. Então, meus senhores!, é tempo de dar ao futebol o lugar que lhe compete na actual Televisão Portuguesa. Estão a esquecer-se disso? É imperdoável, acreditem.

Serrou os canos para matar mais depressa

Monteiro, um jovem de 18 anos, recentemente libertado da cadeia de Monsanto onde cumpriu uma pena de prisão por furto, roubou de casa da mãe, em Torres Vedras, jóias no valor de trinta contos e uma espingarda SKB, calibre 12. E já em Lisboa, vendeu as jóias por cinco contos a um receptador e serrou os canos à arma, preparando-se para iniciar uma agitada e violenta carreira de assaltante à mão armada. O que só não chegou a acontecer devido à pronta intervenção de agentes da Secção de Justiça da P. S. P., os quais, alertados por uma chamada telefónica anónima, conseguiram detê-lo num bar do Cais do Sodré, onde ele (juntamente com outro adolescente), preparava os planos para o seu primeiro «golpe».

. Monteiro confessou às autoridades ter cortado os canos da espingarda com um serrote de aço e tudo para assim poder matar mais depressa.

AGARRAR UM POLÍCIA PELO PESCOÇO

. No interior de um restaurante da Rua Dr. João Soares, o mecânico António Borges, de 44 anos, sem motivos que o justificassem começou a ameaçar de morte os restantes clientes. O gerente do estabelecimento chamou a Polícia e Borges voltou a sua bateria de ataque contra os agentes, chegando mesmo a apertar o pescoço de um deles. Depois foi uma rápida viagem num carro-patrulha da P. S. P. até ao Governo Civil, onde ficará detido até ao julgamento em Tribunal de Polícia.

O INSPECTOR MANOBRAVA

Elementos à paisana da P. S. P. detiveram, numa pensão da Praça da Figueira, o retornado de Moçambique, João Chanze, de 21 anos, acusado de ter falsificado e vendido vários diplomas da 4.ª classe, ao preço de quinhentos escudos. Na burla, segundo João Chanze, teriam participado ainda um inspector escolar (cuja identidade se recusou a divulgar) e um indivíduo de Moscavide já conhecido das autoridades policiais.

LATÃO AO PREÇO DE OURO

Utilizando anéis de fantasia (que afirmava serem de ouro), o engraxador José da Silva conseguiu ludibriar alguns incautos (e ambiciosos) frequentadores de um café, em Campolide. Mas o vendedor de jornais, Alves da Costa, que «já andava de olho nele», fez de cobaia e depois de lhe ter adquirido um anel de latão amarelo por trezentos escudos, chamou testemunhas e entregou-o na esquadra da área.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

NA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES (junto à Fonte Luminosa)
CIRCO MARIANO
O único circo português que representou Portugal no estrangeiro
EMPRESA: HENRY TONI
HOJE ÀS 21,30 HORAS
AMANHÃ — ÚLTIMO DIA — Espectáculo às 16.30 e 21.30 horas
No CIRCO MARIANO não chove, há aquecimento e todas as cadeiras são estofadas
(As bilheteiras abrem às 17 horas. Dias de «Matinée», às 11 horas)
Atenção Colégios
● Comissões de Festas de Natal
PREÇOS ESPECIAIS
UM LUXUOSO ESPECTÁCULO
2 Parelhas de Palhaços, os Elizabeths e Campos Filhos ★ Escada Livre ★ Ícaros ★ Malabaristas e ilusionistas ★ Perchistas, etc., etc.
CONVIDADA DE HONRA
ANITA GUERREIRO
60 ARTISTAS! ★ 10 ATRACÇÕES!
CIRCO MARIANO apresenta a grande atracção mundial
PROFESSOR KARMA
e a sua medium BETTY, os maiores mentalistas do Mundo
MAIORES 6 ANOS
(Nas «matinées» as crianças até 6 anos têm entrada gratuita)

Hoje

«Orlando, o Furioso»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Desenhos Animados** — «Flecha Negra» — realização de Leif Gram — 2.ª parte — as lutas dos grandes nobres da Inglaterra, em meados do Século XV.
19.30 **Teledesporto** — as actividades desportivas.
20.00 **Magazine do Norte** — o escultor Henrique Moreira. Um programa transmitido dos Estúdios do Porto.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Momento Político** — com o dr. Furtado Fernandes, secretário de Estado da Formação Profissional.
21.30 **Antologia** — «Orlando, o Furioso» — 5.º e último episódio. Produção de Bruno Polinelli e realização de Luca Ronconi.
22.30 **Documentário**
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição

II PROGRAMA

20.30 Abertura e a série filmada **«Floris von Rosemund**
20.55 **O Tempo de Viver** — programa musical com Yves Montand, Juliette Greco, Serge Reggiani, Leo Ferré, Jacques Brel, Barbara, Georges Moustaki, Michel Piccoli, Pierre Seghers e Georg Brassens.
22.30 **Telejornal** — em diferido a edição do Telejorn transmitida no I Programa às 20 e 30.

Amanhã

I PROGRAMA

e **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Culinária-76 — transmissão dos Estúdios do Porto; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: «Os Pequenos Vagabundos» — 3.º episódio — «O Tesouro dos Templários»; **14.10**: Logo à Noite — cartaz dos programas da RTP e dos teatros e cinemas de Lisboa e Porto; **14.10**: Fecho. **2.º Período** — **19.00**: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: Documentário; **20.00**: TV Palco — um programa apresentado por Igrejas Caeiro; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.00**: Programa Militar do Estado-Maior-General das Forças Armadas; **22.00**: «O Menino do Natal» (conto de Natal) — cinematização de um conto de António Chaves, pelo Núcleo de Produção da Planigrafe; **3.00**: Telejornal — 3.ª edição; **23.15**: Fecho

II PROGRAMA

. . . . **20.30**: Abertura e «Os Pequenos Vagabundos»; **21.00**: Teatro; **22.50**: Telejornal, **23.30**: Fecho.

Desporto

Boavista: um tiro na tradição

Cumpriu-se ontem a primeira volta do campeonato nacional de futebol da 1.ª divisão: quinze jornadas ficaram para trás e o que delas resta deixa antever uma segunda parte de campeonato verdadeiramente invulgar, em entusiasmo e vibração. Tudo porque o Boavista (de José Maria Pedroto) resolveu dar um «tiro» na tradição e chamar a si as rédeas da classificação. A vitória alcançada em Alvalade veio, apenas, confirmar a classe e a objectividade que vestem os homens do Bessa. Aliás, neste mesmo número do «DL» o nosso camarada Neves de Sousa dira da justiça (ou não) do triunfo axadrezado.

Mas a jornada de ontem tinha um outro encontro de interesse e rara expectativa: o Porto-Benfica, jogado nas Antas, e dele nos falará em pormenor o camarada Orlando Dias Agudo que esteve lá e tomou as devidas notas.

À parte estes dois jogos da última jornada, da ronda de abertura do campeonato maior outros serviram (somente) para cumprimento do calendário. Assim, no sábado, no Restelo, o belenenses recebeu o Estoril Praia e venceu por 2-0. Resultado que não é mais do que a expressão do melhor futebol praticado pelos homens da camisola «azul».

No Barreiro, o Desportivo da C.U.F., talvez ainda desmoralizado pelos nove golos sofridos no Bessa (há uma semana) atendeu a visita do Leixões e perdeu por 0-3: a tradição não foi aqui letra morta, já que os da casa voltaram a impressionar negativamente, permitindo que os nortenhos averbassem uma vitória sem qualquer ponta de contestação.

Precioso foi o empate que o Beira-Mar foi buscar a Braga: um nulo que permitiu largar a «lanterna vermelha» que a turma de Aveiro segurava, a par dos homens de Coimbra. Porque na cidade do Mondego os «estudantes» receberam a visita do Vitória de Guimarães e perderam por 1-2...

Valioso (mais ainda) foi o triunfo que os «rapazes» de Alcantara-Santo Amaro foram conseguir no Algarve: onde se marcaram sete golos, sendo 3 para os locais e os restantes 4 para os lisboetas.

O Vitória de Setúbal continua a navegar em águas turvas: foi à cidade do Nabão e perdeu por um solitário golo sem resposta.

Assim termina a primeira volta do campeonato de futebol mais cotado cá por casa: com um sensacional Boavista no comando e, mais do que isso invencível e com visitas cumpridas já à Luz e a Alvalade. O Benfica continua na espreita, sendo de primordial importância chamarmos desde já a atençao dos leitores interessados no torneio para que ambas as turmas se defrontam na próxima jornada, no centro do Bessa.

O programa deste novo ano, continua (como se nota) a proporcionar espectáculos de interesse.

SEGUNDA DIVISÃO

Na 2.ª divisão (Zona Norte) há que assinalar, antes do mais, o triunfo que o Salgueiros conseguiu (no sábado) frente ao Marinhense. E, mais do que o triunfo, a goleada (4-0) que foi construída no curto espaço de 35 minutos, os primeiros do desafio. O treinador Joaquim Meirim sossegou assim a falange de apoio do «Benfica do Norte».

Quanto aos restantes jogos, deve ressaltar-se a única vitória fora: do Varzim (1-0) no campo do União de Lamas. O Varzim continua como exclusivo candidato à vitória na zona, apresentando uma equipa de real valor, que não pretende dar um palmo de terreno aos seus adversários mais directos.

Outros resultados: Espinho, 3-Paredes, 1; Fafe, 1-Chaves, 1; Riopelo, 1-Gil Vicente, 0; Alba, 1-Famalicão, 0; Régua, 3-Sporting da Covilhã, 1; P. Ferreira, 3-Lourosa, 1; Penafiel, 1-Sanjoanense, 0 e Feirense, 2-Vilanovense, 0.

Na zona Sul regista-se a derrota (3-0) do Portimonense em Évora, frente ao Juventude e os empates do Caldas no Montijo (1-1) e do Estrela em Leiria (2-2). Mais desfechos: Oriental, 2-Torriense, 1; Sintrense, 2--T. Novas, 0; Esperança, 3-Lusitano, 0; U. Santarém, 1-Olhanense, 0; União de Montemor, 1-Sesimbra, 0; Peniche, 1-Barreirense, 0 e Almada 2-Marítimo, 1.

Nelson Reis não estorva Artur Jorge

BELENENSES CONFIRMA
Trabalho e humildade

Humildemente, o Belenenses vai subindo: com trabalho e esforço, em perfeita amálgama de entrega total à luta de cada «round», ultrapassa os obstáculos e ganha asas para chegar até uma taça europeia, meta primeira das suas ânsias. Sábado, batendo um Estoril que não possui no «plantel» um «atirador» verdadeiramente digno deste nome (com ar e pernas para bombardear as redes contrárias em «full-time») foi o que se viu: uma sensacional actuação da dupla central resteliana (Esmoriz e Freitas), mais a aplicação de Isidro, a compensarem os 90 minutos ignotos de Pietra e Vasques, todos partidos pelo meio do tronco.

Assim, fazendo rodar as tarefas consoante as possibilidades de momento. Peres Bandeira vai encaminhando a água ao seu moínho.

Valendo-se de um sagaz Artur Jorge e de um mexidíssimo José Rocha, embora fique no passivo a gordura excessiva de Leitão e a falta de poder para recuperar, ora vista em Sambinha (o prometedor).

Por banda estorilense, *melhor não se podia arranjar:* proclamará o seu técnico (António Medeiros) debatendo-se com a crise de goleadores, com a notória falta de forma de alguns executantes com poiso certo (Vieira, Eurico, Norberto, Fernando) e, muito especialmente, com a oscilação de produtividade assinada por Cepeda, permanentemente a viajar entre o óptimo e o péssimo, vivendo entre o Diabo e a Cruz. O Estoril, sem pólvora na frente e destituido de linha intermédia (Quim ainda não acertou com a procura de talento que ostentava em Moscavide e Nelson Reis perde-se fora de uma missão específica), fica entregue às mãos intranquilas de Ruas e, em análise mais perfeita, aos esforços de Torres para bem cumprir tarefa de vai-vém que o esgota em meia hora. Porque, de pedra e cal, através do tempo total de cada espectáculo, andam a quedar-se o inultrapassável João Carlos, mais os jóvens associados Amílcar e Carlos Pereira, já que Clésio, em deambulações de raposa, fica muitas vezes atónito, sem ter a quem passar bola.

Por parte belenense, explicada a superioridade certa que lhe conferiu os dois pontos equacionados, fica no ar a soberba presença de Freitas (o momento de força e atenção) mais o finca-pé de Esmoriz em querer acompanhar Rocha no ganho de poiso entre os mais cotados, ainda que Ramalho ande lá perto, em matéria de labuta por lugar ao sol.

A arbitragem teve erros curiosos, chegando Ismael Baltasar a anular um golo «amarelo» (por falta de Clésio?) cobrando castigo a meia légua do local onde viajava a bola. Porque seria? Capricho ou súbito impulso?

Para findar: ninguém se lembrou de evocar, aos micros do Restelo, a morte do dr. Décio de Freitas. Assim passa a memória dos homens. Tal e qual como os nomes desaparecem, de paredes e lápidas inauguradas entre torrentes de aplausos gerais.

N. de S.

Nomes e números

Belenenses, 2-Estoril, 0

Estádio do Restelo. Belenenses: Melo; Sambinha, Esmoriz, Freitas e Cardoso; Isidro, Pietra e J. Rocha (Leitão); Ramalho, Artur Jorge e Vasques. Estoril: Ruas; Vieirinha, J. Carlos, Amílcar e Carlos Pereira; Eurico (Fernando), Nelson Reis e Quim; Norberto, J. Torres (Cepeda) e Clésio. Golos de Vasques e Pietra. Arbitrou Ismael Baltazar (Setubal).

Sporting, 0-Boavista, 1. Alvalade. Sporting: Damas; Inacio, Laranjeira, Jose Mendes e Da Costa; Valter Fraguito e Nelson; Marinho, Manuel Fernandes, e Chico. Boavista: Botelho; Trindade, Mario João, Carolinho e Alberto; Alves Barbosa e Tai; Francisco Mário, Salvador e Acacio. Golo de Salvador. Substituições: Jorge substituiu Tai e Jesus rendeu Manuel Fernandes.

F. C. Porto, 2-Benfica,3

Estádio das Antas. F. C. do Porto: Rui; Murca, Ronaldo, Alhinho e Gabriel; Octávio, Simões e Cubillas; Oliveira, Gomes e Dinis. Benfica: José Henrique; Eurico, Messias, Barros e Bastos Lopes; Toni, Vitor Martins e Sheu; Nené, Jordão e Moinhos. No F. C. do Porto, Teixeira rendeu Murca e Júlio ocupou o lugar de Dinis. No Benfica, Nelinho substituiu Moinhos e Romeu entrou para o lugar de Jorgão. Golos de Gomes e Simões (para o Porto) e de Alhinhos (na sua baliza), Jordão e, novamente Jordão, na transformacão de uma grande penalidade, para o Benfica. Arbitrou António Garrido (Leiria).

Farense,3-Atlético,4

Estádio S. Luis: Farense: Ismael; Jaime, Serio Cardoso e Chico Zé; Almeida II, Manuel José e Carlos Pereira, Domingos, Mirobaldo e Jacques. Atletico: Lapa; Coelho, Luis Horta, Candeias e Franque; J. Eduardo, Baltazar e Martins; Avelar Alves e Guerreiro. Golos de Manuel José, Avelar (2), Baltazar (2). Serio e Fernandes Arbitrou Manuel dos Santos (Setúbal)

C.U.F., 0-Leixões, 3

Lavradio. C.U.F.: Conhe; Vieira, Vicente (Nelson) Vitor Pereira e Esteves; Jorge Antunes (Araújo) João Pedro e Jorge Manuel; Eduardo Arnaldo e Juvenal. Leixões: Lucio; Jose Manuel, Adriano, Sidon e Raul; Vaqueiro (Neca) Frasco e Eliseu. Esteves (Albano), Albertino e Fernando Golos de Eliseu e Albertino (2). Arbitro Adelino Antunes (Lisboa)

Academico, 1-V. Guimarães, 2

Estádio Municipal de Coimbra. Académico: Helder; Brasfemes, J. Freixo, Alhinho e Araújo; M. Campos, Gervásio e Vitor Manuel (Maia); Rogério, João Carvalho (Manuel António) e Gregorio. Guimarães: Sousa; Alfredo, José Carlos, José Torres e Osvaldinho; Pedroto, Almiro e Abreu; Pedrinho (Abel), Tito e Rui Lopes. Golos de Tito, Almiro e Gregorio. Arbitrou Americo Barradas (Lisboa)

Sporting de Braga, 0 Beira Mar, 0

Estadio 1.º de Maio Braga. Gaspar; Mendes (Nogueira) Vieira Nunes, Serra e Vilaca, Garcia, Marinho Pinto e Marques; Marconi e Chico Gordo. Beira-Mar: Rola, Almeida, Inguilla, Soares e Guedes; Vitor, Sousa e Rodrigo. Manecas, Sapinho (que foi expulso) e Laurindo. Arbitro Américo Borges (Porto)

União de Tomar, 1-V. Setubal, 0

Estádio «25 de Abril». União: Quim Pereira, Kiki, Calado, Faustino e Zeca; Barrinha, Sarmento e Bolota; Pavao, Camolas e J. Luis. Vitória de Setúbal: Torres, Lino Rebelo, Carlos Cardoso e Sabu. Lito, Manaca e Vagner; César, José Maria e Edson. Jogaram, ainda: Arcanjo e Formosinho (Vit. Set.) e Caetano e Fernando (Tomar). Golo de Bolota. Arbitrou Armando Parati (Porto).

A certa altura do jogo houve invasão do campo.

Classificacão: Boavista (37-10) 26 pontos; Benfica (44-11), 25 pontos; Sporting (28-11) 23; Belenenses (25-15) 21, V. Guimarães (30-14) 19; F. C. do Porto (35-19), 17; Estoril (18-23) «a» E Atletico (20-25) 15; Leixões, (22-37) 13; Braga (13-22) 12; Setúbal (15-22) 10; Tomar (17-32) 10 e C.U.F. (6-27) 10. Farense (20-32) 9; Beira-Mar (9-24) 8 e Académico (12-27) 7 pontos.

Proxima jornada: Boavista-Benfica (no sabado as 16 horas), Sporting-Leixões, Académico-Setubal, Belenenses-Guimarães, U. Tomar-F. C. do Porto, Braga-Atletico, C.U.F.-Beira Mar e Farense-Estoril.

Meirim: uma queixa por cinco escudos

Como noticiámos oportunamente, o treinador do Salgueiros (Joaquim Meirim) teve, no último domingo de 1975, um problema no campo do Sporting da Covilhã: caso que culminou com uma dupla queixa na esquadra da P.S.P. daquela cidade serrana. Um policia queixou-se de Meirim: e Meirim queixou-se de um policia.

Esteve marcado um julgamento para a 2.ª feira seguinte: mas o treinador do Salgueiros não compareceu, tendo apresentado documento justificativo.

Agora o assunto sofreu evolução: o polícia desistiu da queixa formulada mas Joaquim Meirim só desistirá da sua queixa se a autoridade em questão lhe pagar os cinco escudos que lhe custaram a apresentação da participação. Até hoje de manhã o polícia não se mostrava disposto a pagar tão irrisoria quantia, pelo que o processo vai mesmo para a frente...

Ofendido na sua moral (segundo versão de Meirim), o técnico futebolistico, esteve disposto a perdoar se o acusador lhe devolvesse a quantia que gastou. Mas, agora e porque o polícia não quer dar os cinco escudos, talvez que o caso venha a dar que falar.

Portugal

«Taca de Portugal», em basquetebol masculino:

ZONA NORTE (Série A): C. P. Matosinhos-C. D. Póvoa, 65-40; Leixões-Ovarense, 71-40; F. C. Gaia-Sporting Figueirense, 79-50 e Vila-Novense-Sanjoanense, 81-47. Série B: Coimbrões-Leca, 38-71; Académico de Coimbra-Illiabum, 86-49 e Naval-Galitos 73-51.

ZONA SUL (Série A): Académica de Santarém-Casa Pia, 92-61 e Sporting Olhanense-Empregados Comércio de Santarém, 57-52; Série B: Sporting Farense-Rio Seco, 69-51; «Os Olhanenses»-Nacional, 91-84; Física de Torres-Scalipus, 70-48 e Luso-Moscavide, V-fc.

Efectuado o primeiro golpe da «Taça de Portugal» em hóquei patinado, com a sensacional eliminação da turma do Sotto Mayor. Citemos os desfechos:

ZONA NORTE: Termas Hoquei, 3-F.C. Porto, 9; Oliveirense, 13-Académico de Braga, 3; Riba de Ave, 16-Vilanovense, 2; Académico, 1-Carvalhos, 5; Infante de Sagres, 33-Minas da Panasqueira, 4; Vilanovense, 7-Fânzeres, 4; Vigorosa, 1-Sanjoanense, 5.

ZONA SUL: Sp. Tomar, 1-Paço de Arcos, 3; Empregados no Comércio de Santarém, 4-Hóquei de Sintra, 3; Juventude Salesiana, 4 Sotto Mayor, 2; Benfica, 1-Académica da Amadora, 8; Sesimbra, 4-Educação Física de Torres, 3.

Outra nota insólita: igualmente a eliminação do Benfica, clube com largas tradicões no hóquei patinado.

Nacional de andebol e resultados da jornada: Beira-Mar-C. Ourique, 20-13; Boa Hora-V. Setúbal, 15-19; Sporting-P. Manuel, 23-8; Técnico-Belenenses, 19-32; Almada-F.C. Porto, 14-25 e Ac. S. Mamede-Benfica, 11-15. F. C. Porto e Belenenses (22 pontos) comandam, seguidos pelo Sporting e Benfica, ambos com 20 pontos.

Fernando Mamede (Sporting) triunfou na corrida de corta-mato (para seniores) efectuada no Jamor.

Palmense-A é finalosta do Torneio de Abertura» (Lisboa) em hóquei em campo.

Aniceto Simoes obteve o 4.º lugar, numa prova de 1500 metros efectuada em S. Paulo (Brasil)

A 24 e 26 do corrente estão previstas movimentacoes de hoquei em campo, nas cidades de Guarda e Viseu

TOTOBOLA A chave

Sporting-Boavista	2
CUF - Leixões	2
Braga - Beira-Mar	X
Farense - Atlético	2
Académico - Guimarães	2
União Tomar - Setúbal	1
Porto - Benfica	2
Feirense - Chaves	X
Alba - Famalicão	1
Montijo - Caldas	X
Juventude - Portimonen.	1
Peniche - Barreirense	1
Almada - Marítimo	1

Lá fora

CASSIUS AGUARDA

O combate para o título mundial dos «pesados» entre Mohamed Ali (Cassius Clay) e o pretendente belga Jean-Pierre Coopman, disputa-se no próximo dia 20 de Fevereiro, em São João de Porto Rico, foi anunciado oficialmente em Nova Iorque depois da chegada a esta cidade de Coopman.

O pugilista belga (de 29 anos) acompanhado do seu «manager» (Charles Dejaeger) projecta passar alguns dias em Nova Iorque onde, na 4.ª-feira, dará uma conferência de Imprensa a que assistirá também o seu adversário.

O combate Mohamed-Coopman, embora conte com o reconhecimento da «Associacão Mundial de Boxe» (WBA), não e aprovado pela «Comissão Europeia de Boxe» nem pelo «Conselho Mundial de Boxe» por o pugilista belga, conhecido como «O Leão da Flandres», não figurar no «ranking» dos dez melhores pugilistas da categoria de «pesados»

LAVADOR-SACADOR

Mark Edmondson, que há seis meses atrás trabalhava como empregado de limpeza, arrebatou a taca do «Grande Prémio de Ténis da Austrália» e os 10 600 dólares de prémio, ao profissional John Newcombe, numa das maiores sensacões da história do ténis.

Edmondson, que lavava chãos, em «part-time» (na localidade de Osgord, 90 quilómetros a norte de Sydnev) causou um dos maiores espantos a Newcombe (de 31 anos) ao derrota-lo logo no jogo de abertura por 6-7, 6-3, 7-6 e 6-1, perante 11 000 espectadores atonitos.

Esta e a primeira vez que um jogador, que nem sequer foi «cabeca de serie», vence o torneio australiano. Jogadores veteranos afirmam que e, provavelmente, tambem a primeira vez que um jogador em tais condicoes vence um dos maiores títulos mundiais de ténis

NACIONAL DE XADREZ:
Durão isola-se

O «mestre internacional» Joaquim Durão comanda isolado o campeonato nacional absoluto de xadrez, quando restam apenas três jornadas para o termo da competição, prevendo-se como decisiva a partida que o oporá hoje ao segundo classificado, o também «mestre internacional» Fernando Silva.

Resultados da 8.ª jornada, jogada ontem: António Tapadinhas-Horácio Freitas, 0-1; Vítor Simões-Silvio Santos, 0-1; José Bastos-Michael Diamond, 0,5-0,5; Helder Sardinha-Fernando Silva, 0,5-0,5; Joaquim Durão-João Andersen, 1-0; Luís Santos-Joaquim Aníbal, 1-0. Classificação:

Durão, 7 pontos; Silva, 6,5; L. Santos, 6; H. Sardinha e Diamond, 5,5; S. Santos, 4,5; Andersen e J. Bastos, 4; Aníbal, 3,5; Freitas, 1,5; Tapadinhas e Simões, 0

Ontem, a par do campeonato, decorreu uma «simultânea», com o «mestre nacional» António Rocha e o jogador olímpico Dagoberto Cardoso.

O primeiro venceu 9 jogos, empatou 6 e perdeu 2, enquanto Cardoso averbou 15 vitórias, 3 empates e uma derrota.

A sétima jornada teve a assinalá-la a derrota sofrida por Helder Sardinha frente a João Andersen e o empate cedido por Fernando Silva, na partida disputada com José Bastos. Resultados dessa ronda: Luis Santos-António Tapadinhas, 1-0 (27 lances); Joaquim Aníbal-Joaquim Durão, 0-1 (43); João Andersen-Helder Sardinha, 1-0 (34); Fernando Silva-José Bastos, 0,5-0,5 (70); Michael Diamond-Vítor Simões, 1-0 (28); Silvio Santos-Horácio Freitas, 1-0 (39). Em jogo atrasado da 6.ª jornada, Helder Sardinha venceu Horácio Freitas.

Desporto

SPORTING DESFEITEADO EM CASA: 0-1 FACE AO BOAVISTA

Os melhores estão de xadrez

Comentário por NEVES DE SOUSA

. Numa linha que está a ficar bem vincada, neste nosso Portugal, os melhores estão de xadrez. Sucede por exemplo, com o futebol, onde a turma do Bessa, encadernada a preto e branco, veio dos ares próximos de Custóias (a discutida) para fazer vergar Lisboa ao peso dos seus argumentos. Irrefutáveis. Feitos de talento e habilidade, explorados até ao fio pelo comandante incontroverso, esse José Maria Pedroto que pega nos «teams» mais *minhocas* e transforma-os em vencedores disto e daquilo, sempre (mas, sempre) regalo para os olhos de qualquer exigente plateia. Ontem em Alvalade, segurando permanentemente o jogo, polvilhando o meio campo e segurando conscientemente a defesa, sem jamais ter colocado o pé na poça de uma aventura a todo o gás, os axadrezados passaram o tempo em busca do golpe fatal: que surgiria no *tirito* de Salvador, a explorar a saida das redes de Damas, mais a finta de corpo a Laranjeira e a péssima *dobra* de José Mendes ao parceiro do lado. Foi aos 79 minutos: uma obra colectiva, firmada por 12 profissionais do futebol que sabem para onde vão e o que desejam da sua vida de trabalho.

Este elogio é amplamente justificado, por um «team» onde nem a *vedeta* Alves conseguiu saltar fora da bandeja de prata em que se colocaram todos os pupilos do primeiro treinador português. Um colectivismo impecável fere a retina de cada vez que se observa este Boavista de asas firmes e possantes: um exemplo. Que gostaríamos fosse entendido e analizado, até por colegas ricaços do burgo nortenho...

Toda a síntese do espectáculo cabe em dúzia e meia de linhas. Maior pressão sportinguista, logo falhada pela apresentação de Manuel Fernandes a queixar-se do ombro lesionado na Luz e a forçar com a saída a destempo, toda a queda do Sporting para as mãos boavisteiras, sabido como é que o grupo nortenho explora fabulosamente bem o contra-ataque e, para meter cabelos brancos nas *pinhas* dos contrários, basta deixar lá à frente o perturbante Salvador. Mas, o que vale neste grupo portuense, é o sentido de amizade que revelam homens antes desconhecidos e que não apenas justificam torrentes de aplausos verdadeiros como, sem dúvida, provam à evidência a razão da chamada até *podiums* internacionais. O não destacarmos um só elemento do Boavista, para fora da peneira, significa isso mesmo: vinte valores para cada (em particular) e outro tanto para o golo em que rodaram as obras e os pensamentos.

Já o Sporting deixou transparecer um erro crucial: a chamada de Manuel Fernandes, tolhido por uma clavícula inerte. Pecados desse jaez pagam-se caro: e, não seria, com à entrada daquele rapazinho chamado Jesus, que demoriu onze minutos e meio a *aquecer* e depois mal tocou na bola, que os «leões» iriam tentar o golo que se lhes escapulia como areia fina.

A defesa *verde* viveu de Laranjeira e do espectacular Inácio, qual deles mais sereno e perfeito nos golpes de corte, ambos a equipararem-se na construção. Damas nunca teve tormentos e viu a bola anichar-se sem culpa no cartório. Mendes andou muito à deriva, enquanto Da Costa tentou muito, pouco logrando. Valter foi o esforçado da companhia, embora as rábulas tivessem pertencido (durante o primeiro acto e pelo fim do último) a Fraguito, o mágico. Nelson, saltando muito bem, teve na testa o golpe de misericórdia: aconteceu (todavia) que Botelho foi lá acima e, desviando a bola com a ponta dos dedos, fez o madeirense atirar torto. Mário e Chico andaram fora de *su sítio*, especialmente a partir do abandono de Fernandes, quando Baltasar queria, sozinho e contra toda a ideia de *association*, fazer o total embolso dos pontos em jogo.

Manuel Poeira, farense de barba rija, arbitrou a festa: e, diga-se por justiça, muito bem. Sem falhas influentes, permanentemente com o serviço em dia, a um palmo de cada lance. Óptimo.

Já agora, mais algumas notas, marginais mas curiosas: as presenças de Peyroteu e Peres, Canário e Veríssimo, José Augusto e Palmeiro Antunes, Barrosa e Simões. A entrada de Vítor Alves já a um passinho do intervalo. Uns secretários e sub-secretários na tribuna. Rui Romano com os micros da E. N: Fernando Correia, Romeu Correia e Augusto Marques afastados do posto em que são mestres. Um brasileiro novo nas hostes do pontapé *verde*: chama-se Zézinho e deve querer furar as redes. A *claque* a ser puxada pelos pequenos filhos de João Rocha, Xara Brasil a centímetros da nomeação para director do jornal do Sporting: tal e qual como Pedroto a garantir (perante o dr. Nunes dos Santos) que irá colaborar no tri-semanário desportivo que está a nascer. Alberto Lourenço satisfeitíssimo com a enchente totalíssima. À volta do relvado, polícias e cães, uma firma de combate que fere a vista, em terrenos desportivos. E, sobretudo, a vaia misturada com aplausos que acolheu os oitenta «comandos» que circundaram o relvado. De um lado, assobiava-se freneticamente: de outro, aplaudia-se quase em delírio. Seja o leitor o juíz, consoante o íntimo do coração.

Chico toca de cabeça, perante o defesa Mário João: para as mãos de Botelho, já a fazer-se ao voo

PORTO, 2-BENFICA, 3

Garrido não é árbitro de vidro

Soubemo-lo ontem: no Estádio das Antas há um sector do topo Sul que é denominado pelo «Tribunal das Antas». É o sector que se situa mais perto do túnel de acesso às cabinas: e António Garrido, (o árbitro do Porto-Benfica) se o desconhecia, ficou também ontem a saber da sua existência.

Conheceu-o bastante cedo: quando apitou para o intervalo e por lá passou, a caminho da sua cabina. As garrafas choveram sobre si, em sinal de protesto pela marcação da grande penalidade contra o F.C. do Porto, que deu o terceiro golo ao Benfica. O decisivo. O que deu a vitória à turma da Luz, um êxito que poderá ser considerado como prémio do labor desenvolvido durante o primeiro tempo e como castigo (para a turma nortenha) pelo modo como afunilou todo o jogo ofensivo durante a segunda parte.

António Garrido, que tinha vindo da Marinha Grande (a terra dos vidros) para apitar este encontro, mostrou que não era feito de vidro, porque no desempenho do seu trabalho esqueceu a existência desse «tribunal» e veio para a segunda parte disposto a fazer valer o seu juízo nos lances principais.

A grande dúvida do encontro das Antas mora no julgamento da grande penalidade assinalada contra o F.C. do Porto: para uns Moínhos caiu antes do risco fatal. Para outros, ele foi rasteirado lá bem dentro da área de rigor. Para quem encolha os ombros, na manifestação da dúvida, fica a atitude pronta e decisiva do juíz que não mostrou dúvidas em assinalar o castigo.

Depois, já na 2.ª parte, para não se mostrar vulnerável as manifestações e atitudes da «malta tribunal», teve ainda a coragem de invalidar o golo ao F.C. do Porto, quando Gomes disparou forte, colocado a uns bons dois metros por detrás da linha defensiva do Benfica.

Passadas 24 horas sobre o encontro das Antas, importa perguntar se o triunfo «encarnado» foi justo ou não. A resposta fica dada nas linhas que já se escreveram, mas deixa (ainda) algumas hipóteses para se considerar o empate como o resultado mais lógico, pelo trabalho desbobinado ao longo dos 90 minutos.

Durante a primeira metade foi o Benfica dono e senhor do prélio. Um senhor que cedo descobriu a falha defensiva adversária (todo o lado esquerdo da defensiva nortenha estava desmantelado, perdido) e por aí teimou em canalizar as ofensivas: que deram os seus frutos. Primeiro, numa falha impressionante de Alhinho e de Rui; depois na permissão do remate de cabeça de Jordão, a culminar a marcação de um pontapé de canto. Finalmente, em mais dois cruzamentos que só foram desperdiçados porque Nené estava (outra vez) em dia não.

No segundo tempo, foi a vez do F.C. do Porto atacar: atacar na busca da igualdade que lhe fugiu por culpa própria, na teimosia em afunilar o jogo na zona central do terreno, exactamente onde moravam os defesas «encarnados» mais seguros da sua zona (Barros e Messias).

É verdade que o tento esteve mais de uma vez à vista: e que, durante a segunda parte, o F.C. do Porto merecia ter marcado. Mas não podemos esquecer que também nesse período o Benfica teve ocasiões de marcar, não fora a atrapalhação de Moinhos que (cerca dos 15 minutos) ficou de boca aberta, espantado, perante a facilidade que lhe era oferecida em fazer a bola chegar ao fundo da baliza de Rui.

Do jogo, que ideia fica?

Apenas (e só) que os campeões nacionais permitiram que o F.C. do Porto tomasse conta das rédeas quando Toni (principalmente ele) se ressentiu do esforço desenvolvido durante a primeira parte. E, também, a de que António Garrido pouco ou nada se importa com as pressões da bancada, não deixando por julgar as jogadas que reclamam apito e castigo.

ORLANDO DIAS AGUDO

O segundo golo do Benfica

NOVO ESCÂNDALO NAS ANTAS

Dada a má carreira do futebol portista na temporada de campeonato, começa a ser extremamente difícil encontrar um árbitro apto a dirigir encontros oficiais nas Antas. Isto, perante o que está ali a ocorrer com assustadora frequência (face ao Hamburgo, há 15 dias, ainda ontem...). Quer dizer: sempre que o clube da casa não leva de vencida, por jogo confuso e atabalhoado, os seus directos opositores.

Na tarde deste domingo de Janeiro, novamente há para lamentar as diatribes cometidas, por alguns desgovernados dos nervos. Desde pedradas a garrafas atiradas, até se cair na tragédia dos tiros, de tudo houve um pouco. E, não vale aqui lembrar que o «penalti» assinalado contra o F.C. Porto foi absolutamente legal. Como foi lógica a anulação do tento de Gomes, em posição de fora-de-jogo. Viu-se isso (até) no filme da RTP. Presenciou (e julgou com isenção) Portugal inteiro.

Não há, portanto, razão moral ao lado de quem protestou de armas na mão. Como não pode haver desculpa para quem rubricou a bela saída do trio arbitral, sob a protecção de forças policiais e uma girândola de rajadas para o ar. A verdade é que, além de dezenas de outros feridos menos graves, há a mencionar lesões na cabeça de uma senhora (Maria Ermelinda Gonçalves, de 32 anos de idade), no comandante da P.S.P. do Porto (major Mota Freitas) que sofreu ferimentos na cara, no tronco e numa perna e, sobretudo, o sucedido ao estudante José Luís da Cunha Cinde (de 16 anos) que [illegible] escuta no parque das Antas. Fugindo à discussão [illegible] se dentro de uma ambulância, onde não conseguiu [illegible] iras da multidão desvairada. Um tiro furou a chapa [illegible] da ambulância e foi atingi-lo nas costas. O [illegible], com outro feridos, ao Hospital de S. João onde [illegible] mantendo se em estado de vigilância médica.

Salientou-se, ainda, que o rapazinho estava [illegible] escuteiro. A boa acção que (em troca) recebeu [illegible] na notícia.

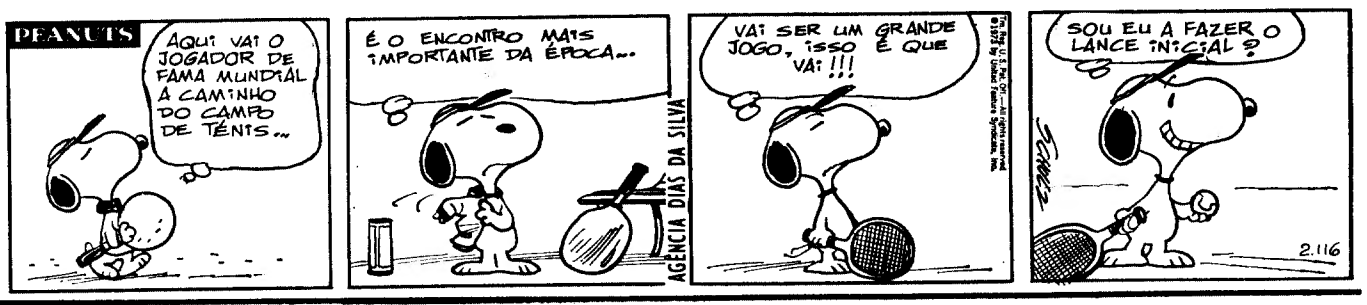
Uma notícia tristíssima, pelo que reflecte de [illegible] de muitos «desportistas» ante o aceitar da [illegible] de *exércitos* contrários, ainda que não tenham nas [illegible] *ciais* e *soldados* pagos a peso de ouro, em tro[illegible] sonhos de vitória.

Geral

SERVIÇO DE CAMPANHA DE FOMENTO PECUÁRIO

. . Um decreto-lei publicado no «Diário do Governo» determina a extinção do Serviço de Campanha de Fomento Pecuário, instituído com carácter temporário em Junho de 1962. O motivo da extinção é o desaparecimento das razões que levaram à sua criação.

. . O pessoal deverá ingressar nos organismos onde vinha prestando serviço, transitando os bens para a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.



UM MILHÃO DE HECTARES

António Bica faz o ponto da Reforma Agrária

Num documento em que é feito «um balanço sumário da situação agrícola», cerca de seis meses após o início da Reforma Agrária (um milhão de hectares) o dr. António Bica, secretário de Estado da Estruturação Agrária, afirma-se que «a produção de cereais pode duplicar» e que «as iniciativas dos operários agrícolas têm perfeita justificação».

Pormenorizando a questão, acentua-se que «nas antigas áreas do latifúndio se torna necessário proceder aos investimentos e à experimentação que permitam, num prazo tão curto quanto possível, alargar e disseminar a área de regadio; introduzir o uso das fertilizações com matéria orgânica; racionalizar e maximizar as adubações químicas; intensificar a produção de forragens de sequeiro e de regadio e com base nelas desenvolver a produção de gado; aumentar a produção de cereais (milho, trigo, cevada, aveia e arroz), afectando maiores áreas (milho e arroz), e aumentando as produções por hectare (restantes cereais); intensificar a produção florestal nos terrenos sem aptidão agrícola; introduzir as culturas de tabaco, algodão e beterraba sacarina; alargar a produção de sementes oleaginosas»; etc.

UNIDADES COLECTIVAS DE PRODUÇÃO

Depois de mencionar que a «destruição da propriedade latifundiária criou as condições para se aumentar a produção bruta por cada hectare de solo cultivável», o dr. António Bica, através do documento acima mencionado, diz que «durante um período que se poderá prolongar por um, dois ou três anos, as Unidades Colectivas de Produção devem continuar a fazer o mesmo tipo de culturas que eram feitas antes do início da Reforma Agrária» até à sua consolidação e ao reforço da sua organização para a produção colectiva.

Salientando que «há produções que convém reduzir por não terem consumo interno e por ser difícil a colocação no mercado externo», sublinha-se no documento que a intensificação da produção se consegue com o alargamento da área de regadio e que «a fraca pluviosidade anual e a ausência de chuvas no período de Verão torna necessária a prática da rega para se poder cultivar durante o período em que as temperaturas são mais elevadas e consequentemente mais intenso o desenvolvimento vegetativo, desde que não falte a água». Quanto a este assunto, sugere-se ser necessário «alargar a área regada através de obras no vale do Tejo, da barragem de Alqueva, que poderá irrigar 135 mil hectares, e da construção de pequenas barragens de terra distribuídas por toda a região a sul do rio Tejo».

AS TRÊS VACAS

A necessidade de produção de vacas leiteiras é posta em relevo, dada a carência de leite e produtos dele derivados, dizendo-se que «cada hectare de regadio suporta três vacas leiteiras».

Quanto produzem as três vacas por ano?

. As três vacas produzem por ano, em média, 12 045 litros de leite valorizado em 6$40 por litro e 7,2 crias valorizadas em três mil escudos cada uma. Assim, o rendimento bruto anual das três vacas é de 84 258$00.

Avaliando por grosso os encargos de juros e amortizações dos três animais e do alojamento, e os gastos com rações compradas no exterior da exploração, com medicamentos e seguros, em 30 contos por ano, restam 54 258$00 de rendimento, rendimento esse muito superior ao rendimento da maior parte das culturas.»

. (...) De notar que «as extensas zonas de sequeiro podem produzir muito maiores volumes de forragens se caminharmos decididamente para as pastagens cultivadas», como o trevo subterrâneo e pastagens anuais nos terrenos de poisio e sobcoberto, «de modo a aumentar-se a massa forrageira disponível».

A CONQUISTA DA TERRA

Finalmente, sobre a iniciativa dos operários agrícolas, diz o secretário de Estado da Estruturação Agrária que o seu avanço para a ocupação de terras «tem perfeita justificação do ponto de vista político-económico», acrescentado que «em primeiro lugar, este tipo de processo, que é específico da Reforma Agrária em Portugal e não se verificou em qualquer outro país que tenha feito uma Reforma Agrária inserida num processo de construção do socialismo, tornou-se indispensável para vencer a constante hesitação do poder político quanto à decisão clara e concretizada em legislação adequada, de proceder à Reforma Agrária.

Por outro lado, os trabalhadores, ao avançarem para a conquista da terra, tiveram necessariamente de o fazer criando previamente as formas de organização que o possibilitassem».

Mais:

. «Os trabalhadores organizaram-se para conquistar a terra e para assegurar a produção. É essa organização que justifica que se tenha tornado possível, em 6 meses, ter-se dado os principais passos para a realização da Reforma Agrária em cerca de um milhão de hectares de terra, e que, ao mesmo tempo, se tenha assegurado a execução normal das colheitas do trigo, da azeitona, do arroz e do tomate e de todas as sementeiras dos cereais de Inverno.»

Herdades integradas em perímetros de rega

A fim de desenvolver a exploração dos perímetros de rega existentes, dentro dos quais deverá haver uma ou mais explorações agrícolas consideradas unidades económicas com autonomia administrativa e financeira (sendo esta confiada às comissões de gestão transitória dos perímetros), o secretário de Estado da Reestruturação Agrária determinou o seguinte:

. «Que a herdade do Carapetal, situada no perímetro de rega de Campilhas e Alto Sado; a herdade das Caldeiras, situada no perímetro de rega do Caia; parte da herdade dos Nascedios, sem prejuízo do direito à reserva para o proprietário e rendeiro, situada no perímetro de rega do Mira; parte da herdade da Misericórdia e parte da herdade do Monte de S. João, também sem prejuízo do direito à reserva, situadas no perímetro de rega do Roxo, todas abrangidas pela lei da nacionalização dos solos, passem a ser administradas e geridas pelas comissões de gestão provisórias dos respectivos perímetros».

As herdades demarcadas passam a ser consideradas unidades económicas de exploração agrícola, dispondo de autonomia administrativa e financeira.

Ex-ministro Lumbrales enterrado em Madrid

Faleceu em 31 de Dezembro em Madrid, com 70 anos de idade o prof. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), exilado em Espanha após o 28 de Setembro de 1974. Foi ontem a enterrar.

Professor da Faculdade de Direito, ministro das Finanças e da Presidência nos tempos de Salazar, era conselheiro de Estado quando do 25 de Abril. Figura alta do anterior regime, ocupou o cargo de presidente da Câmara Corporativa e foi dirigente da Legião Portuguesa e da União Nacional.

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	11°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	11°
PORTALEGRE	14°
LISBOA	8°
FARO	10°
FUNCHAL	—

TEMPERATURAS EXTREMAS

MÁXIMA:
PRAIA DA ROCHA ..... 17,3°
MÍNIMA:
P. DA SAÚDE ..... 02,6°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar ..... 12,3°
Atmosfera ..... 8,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.30	4,1 m		
18.54	3,8 m	12.07	1,0 m
Dia 6			
7.07	4,0 m	0.16	1,2 m
19.31	3,6 m	12.45	1,1 m
Dia 7			
7.44	3,8 m	0.55	1,3 m
20.10	3,5 m	13.25	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Continuação do tempo seco com céu limpo e vento fraco ou moderado de Leste.

AMANHÃ

NASCER AS 8.55
OCASO AS 18.29

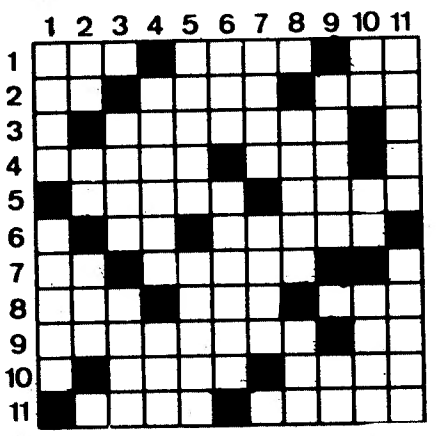
DIA 9	DIA 17	DIA 24	DIA 31

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11261

HORIZONTAIS:

1 Escava. Fardo. Aqui.
2 Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Louça para serviço de mesa. Igual.
3 Guerreiro visigodo.
4 Freguesia do concelho de Coimbra. Sapo do Amazonas.
5 Habitar. Serra de Portugal.
6 Nota musical. Aguçou.
7 Artigo indefinido. Carumas.
8 Uma das Cíclades. Galicismo. Preposição.
9 Elevaram-se. Antes de Cristo.
10 Freguesia do concelho de Castelo Branco. Lança o arpéu a.
11 Espécie de gato-bravo. Educar.



VERTICAIS:

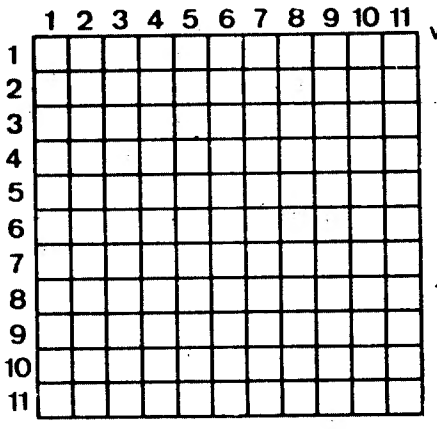
1 Escuta. Pronome indefinido.
2 Cloro (s.q.). Prefixo de negação. Maior.
3 Vantagem. Prefixo latino de composição de palavras que exprime a ideia de meio.
4 Comeras à ceia. Semelhante.
5 Saquinho para trazer dinheiro. Patrona da ilha de Malta.
6 Bolo de farinha de arroz e azeite de coco. Guarnecer de arames (inv.).
7 Represa onde se coloca o linho a curar. Discurso.
8 Encolerizais. Oceano.
9 Pequeno. Medida itinerária do Japão.
10 Centiare. Alternativa. Cobre.
11 Limpar metais. Errar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7421

HORIZONTAIS:

1 Cidade de Portugal. Aguçam.
2 Esteiro. Um dos pontos cardeais. Dá mios.
3 Deserto. Mamífero desdentado espécie de tatu.
4 Segreda. Ataque de nervos.
5 Entusiasmada.
6 Tontaria.
7 Viatura. Lançar o arpéu a.
8 Superfície plana delimitada. Espécie de forragem (Bras.).
9 Voz imitativa do ruido de cousa que se parte especialmente de vidros. Deres mios.
10 Medida de líquidos da Holanda. Transpiram. Aqui.
11 Indignadas. Cabelos brancos.



VERTICAIS:

1 Dente canino. Espiolhai.
2 Metal precioso de cor amarela. Cobrir com barro.
3 Ladeira. Bruma.
4 Adornaras.
5 Artigo definido. Freguesia do concelho de Barcelos. Apelido.
6 Cidade da antiga Caldeia. Miriare. Mulos.
7 O mais. Pesquisaria.
8 Estariam em fogo.
9 Que não tem religião. Igual.
10 Camareiras. Pequeno vaso cilindrico com uma asa lateral, para beber ou servir líquidos.
11 Oportunidades. Roças.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11260

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Atuam. LOBOS.	1 Fa. SÃO. PARA.
2 Falua. Arara.	2 Tas. Iriaras.
3 Saltitaras.	3 Ulano. Or. Sa.
4 Narrara.	4 Aula. Asar.
5 Aio. Ien. Pá.	5 Matriz. Rani.
6 Or. Azia. Bo.	6 Ireis. Saa.
7 Ios. Lavo.	7 Latana. Sota.
8 Parar. Ai. Ou.	8 Orar. Lie.
9 Ar. Rastejar.	9 Bara. Ba.
10 Rãs. NÃO. Dó.	10 Ora. POVOADO.
11 Asarias. Nós.	11 Sassa. Ouros.

PROVÉRBIO: LOBOS, NÃO SÃO PARA POVOADO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7420

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Salamanca.	1 Sal. Loulé.
2 Alio. Aires.	2 Alão. Miaras.
3 Lasas. Iras.	3 Lisboa. Sina.
4 Ob. Avelã.	4 Aos. Sra. Nós.
5 Oslo. Ao.	5 Aal. Ma.
6 Omar. Par. Ba.	6 Aas. Operado.
7 Ui. Amenizar.	7 Ni. Ani. As.
8 Lãs. Aria. Ir.	8 Crivaríamos.
9 Erin. Milo.	9 Aéreo.
10 Ano. Dão. Ae.	10 Sal. Baila.
11 Usas. Osso.	11 Samarrões.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 1-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9-D-E (tel. 711780)
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (tel. 790969)
ARROIOS
Nunes, Rua Angela Pinto, 32 (tel. 49756).
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283 (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio) (tel. 763016)
BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (tels. 323443-323446-322328).
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira 326 (tel. 638193).
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica 444-A (tel. 782606).
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (tel. 687475).
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (tel. 686640).
CONDE DE REDONDO
Salutar, Rua Conde de Redondo, 9-B (aGomes Freire) (Tel. 533411).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/B (tel. 720703-728395).
LAPA
Eduardo César, Rua das Trinas, 102 (tel. 662631).
OLIVAIS
Olivais (dos), Rua Alves Gouveia 19 (tel. 311237).
SÃO MAMEDE
S. Mamede, Rua Escola Politécnica 82-B (telef. 660280)

TURNO J-2

TODA A NOITE

ALCANTARA
Infante Santo, Rua do Olival 290 (t. 661003).
ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (tel. 725443). Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América) (tel. 721409)
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Avenida Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (tel. 41961-54672)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte 11-A (tel. 311216).
BAIXA
Frazão, Rua Portas de Santo Antão, 70 (tel. 328180).
CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (tel. 683438).
CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (tel. 663643).
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo), 90 (tel. 44438).
LAPA
Neves, Rua da Bela Vista, à Lapa, 37 (tel. 661251).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres 93-A (tel. 791131).
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (à Igreja de Penha de França) (tel. 842518).
SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos 72-C (tel. 862333).
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (tel. 381279).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Guerra, 29 (T.2112081)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948)«. Toda a noite
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (T.260391). Toda a noite
CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Até às 22 horas; A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); Carmele, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303; Helénica, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); S.Jorge, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
VENDA NOVA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043)
CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paco de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreia (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T.2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Santa Marta, R.Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T.2072141)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62 (T.270121)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Diogo, R.Almirante Reis, 50 (T.2310032)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Lisboa, R.Dr. Paulo Borba (T.22248); Saião, Av. Portela (T.22709)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 24

ATÉ ÀS 22 HORAS

Gondarém, R.de Gondarém, 360, Foz; Correia de Araújo, R.de Santa Catarina, 259; Nova Avenida, Av. Fernão de Magalhães, 692; Pinheiro Manso, R.São João de Brito, 25-29; Santa Teresa, P.Guilherme Gomes Fernandes, 100; Silva Pereira, R.de Costa Cabral, 293; Alves, P.do Exército Libertador, 62; Barros, R.do Loureiro, 104; Boa Hora, R. da Boa Hora, 8.º Carreira: R.do Heroísmo, 90;

A PARTIR DAS 22 HORAS

Boa Hora, R.da Boa Hora, 80; Correia Araújo, R.de Santa Catarina, 259; Silva Pereira, R.de Costa Cabral, 293

COIMBRA

Adriana, P.da Republica, 20 (T.23609); Olivais, R.Bernardo Albuquerque, 159 (T.22804); Universal, P. 8 de Maio, 35 (T.23744)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CIRCO MARIANO
21.45
No Largo Martin Moniz
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-me a tua piscina»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Afinal Como É»

LISBOA/Cinemas

EUROPA
21.30 (13 anos)
«O Professor Nudista»
CINE BOLSO
21.30 (18 anos)
«Núpcias de Porcelana»
PARIS
21.15 (13 anos)
«Aconteceu no Oeste»
SATÉLITE
21.30 (13 anos)
«Os Inseparáveis»
OLIMPIA
21.15 (13 anos)
«A volta cá te espero»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«Sorpo no coração»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Os 4 sargentos boinas verdes»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Pão e chocolate»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«Escândalo de bata branca»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (10 anos)
«O meu tio»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«O rally das gozonas»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.30 (18 anos)
«Emmanuelle»
SINTRA Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Júlia e os homens»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Os pecados inconfessáveis de uma senhora de bem»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Aâina»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Onde se Meteu a 7.ª Companhia»
S.JOÃO
21.15 (6 anos)
«Uma Ilha no Tecto do Mundo»
OLIMPIA
21.15 (13 anos)
«2 Samurais para 100 Gueixas»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Tommy»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Sopro no Coração»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (6 anos)
«Isto é Espectáculo»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Voluntários à Força»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Terrivel vinganca»
BATALHA
21.15 (6 anos)
«Os Malucos vão à Guerra»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Vingança de Monte Cristo»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Caminhos do Prazer»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«O último beijo»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (6 anos)
«Herbie um Carochados Diabos»
S.TEOTÓNIO
21.15 (6 anos)
«Música no Coracão»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Os Três Mosqueteiros»

BARES • BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.elef. 364859/368197. Tina. Stripteaseuse**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/264621/264946**

cinemas

CASTIL
T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Muitíssimo atrevido
METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO!
António Cantafora, Mellinda Pillon

IMPÉRIO
T. 555134 — 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Lando Buzzanca e Rossana Palesta em
CASAMENTO DO PADRE
Colorido
4.ª Semana

ROYAL
T. 865037 — 21.30
Não acons. men. 13 anos
Cont. de estreia
UM DIA DE SOL
6.ª Semana

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO
Col. 2.ª semana
O «SEXO» ANDA EM ESCAPE LIVRE

VOX
T. 720808 — 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
YUPPI DU
O filme começa 5 minutos apos o inicio do espectaculo 2.ª Semana

ROMA
T. 727778 — 15.30, 16.30, 21.15
Para todos M/6 anos
OS MALUCOS VÃO À GUERRA
Com Les Charlots

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 21.15
Para todos M/6 anos
Walt Disney productions
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO
A aventura para além da imaginação
5.ª Semana

EDEN
T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Charles Bronson
Juri-jurado-executor
O JUSTICEIRO DA NOITE
Um filme de Michael Winner
3.ª Semana

ODEON
T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
6.ª Semana de sensacional (colorido)
A comédia de sexo e de pecado à solta
COMO CAÇAR UM MARIDO
Contém cenas eventualmente chocantes
Um festival malandrices «secretas»

APOLO 70
T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A história de Fernão Capelo Gaivota
A AVENTURA, A PERFEIÇÃO; A LIBERDADE
Hoje às 24 h (Grupo D. M. 18 anos)
AS 6 MULHERES DE HENRIQUE VIII

CASINO ESTORIL
T. 26 4621 — 17.00, 21.15
Maiores de 10 anos
O MEU TIO

S. JORGE
T. 54153/4 — 15.15, 18.15, e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JEREMY, O PRIMEIRO AMOR
Palma de Prata no Festival de Cannes 2.ª Semana

RESTELO
T. 610375 — 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA

AVIS
T. 47163 — 15.30, 18.30, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
OS MALUCOS VÃO A GUERRA
4.ª Semana
Amanhã às mesmas horas, o mesmo programa

ESTÚDIO
T. 555135 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Sylvia Kristel, Jean Luís Trintgnant
BRINCANDO COM O FOGO
4.ª Semana

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
Interdito a menores 18 anos
O RALLYE DAS GOZONAS
Este filme contem cenas event. chocantes
2.ª semana

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — Às 21.00
Maiores de 13 anos
LAKOMDE LUCEN

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel. 2930394 — 21.15
Interdito a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS

UNIVERSAL
T. 774402 — 17.00 e 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
ERICA MINOR
15.00, 19.00, 23.00
CAMARADAS
de Marin Karmitz

CONDES
T. 322523 — 14.15, 16.30, 18.45 21.45
Para todos
A mais louca comédia do ano o grande espectáculo das férias
A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ
c/ Pierre Richard - Jane Birkin

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Charles Bronson
O JUSTICEIRO DA NOITE
Um filme de Michael Winner
Em 3.ª Semana

LONDRES
T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BREVE ENCONTRO
Com Sophia Loren, Richard Burton
Hoje às 24 h.
Não acons. men. 18 anos
O VALE DOS PERDIDOS

ROXY
T. 48560 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Richard Chamberlain, Trevor Howard
A VINGANÇA DE MONTE CRISTO
A figura heróica de uma história de gerações

TIVOLI
T. 570595 — 15.15, 18.30 e 21.15
Para todos
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO
Uma aventura para além da imaginação
5.ª Semana

ALVALADE
T. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.15
Para todos
A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ
Com Verna Lisi e Gastone Moschin

PATHÉ
T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Charles Bronson!
Juri jurado-executor
O JUSTICEIRO DA NOITE
Um filme de Michael Winner
3.ª Semana

NIMAS
T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Para todos
Irmãos Marx em
UMA NOITE EM CASABLANCA
Riso dos bons velhos tempos

rádio

EMISSORA
1.º Programa

17.00 Conjuntos ligeiros
18.00 Melodias
18.30 Temas sobre a condição de retornado
19.00 Música variada
20.00 Jornal da noite
20.30 Instrumentistas
21.00 Música portuguesa
22.00 Programa do Emissor Regional do Norte — programa da noite
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta — música na noite
02.00 Música na noitw
18.00 Música portuguesa
19.00 Missa Solene de Natal (Missa Checa)
20.00 Música de piano
20.15 Música sinfónica
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo e continuação de Lisboa 2 e Norte 2 em Mono
22.29 Anúncio de despedida de Lisboa 2 e Norte2
22.30 Fecho da emissão

Programa Estereofónico

21.00 Intercâmbio musical
21.30 Música sinfónica
22.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
22.29 Anúncio de despedida de Lisboa 2 e Norte 2
22.30 Música ligeira variada
00.00 Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **11.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Peninsular

Das **11.00** às **17.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65631/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Partidos em Belém

Continuação da pág. 1

so, ministro da Agricultura, pretende substituir o dr. António Bica por um elemento do P. S.. O P. C. P. não se opõe completamente a essa substituição desde que o elemento a nomear continue a ser seu. No entanto, pelo que pode depreender-se das afirmações dos dirigentes deste partido, o que verdadeiramente o P. C. P. exige é uma definição muito precisa sobre os objectivos que o Governo deseja atingir na Reforma Agrária, especialmente no Alentejo, zona onde, evidentemente, se levantam os grandes conflitos provocados pelas expropriações, mas onde este partido dispõe de um grande peso político.

O que está em confronto, para além de outras divergências de ordem geral, é o desejo do P. C. P. em defender as grandes conquistas de fundo da Reforma Agrária e a pretensão do P. S. em conduzir este processo segundo uma perspectiva que é diferente da do P. C. P. A questão envolve aspectos muito mais profundos do que a simples substituição de um secretário de Estado afecto a um partido por outro de um partido diferente.

É uma das conquistas mais importantes da Revolução portuguesa, talvez a maior, que está em jogo.

Ultrapassados estes problemas subsiste ainda a criação de um Ministério da Habitação, para o qual se aponta o nome do eng. Eduardo Pereira, actual secretário de Estado, e a nomeação de um elemento para o sector do Turismo, dependente do Ministério do Comércio Externo. Para a vaga do dr. Rui Machete no cargo de secretário de Estado da Emigração surge como muito provável o dr. Sérvulo Correia.

Das afirmações públicas produzidas pelos responsáveis dos três partidos ressalta a ideia de que existe entre eles uma boa capacidade de diálogo, mas nada garante que problemas tão importantes não venham inesperadamente a reduzir essa capacidade de diálogo para margens tão estreitas que levem o Presidente da República e o Primeiro-Ministro a chamar a si a resolução dessas divergências.

AGENDA CARREGADA NO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

O Conselho da Revolução reúne amanhã, ao que parece com uma agenda bastante carregada, onde se destaca a discussão da revisão do Pacto M. F. A./Partidos. Esta tarde realiza-se uma reunião entre os partidos subscritores do Pacto (P. S., P. P. D., P. C. P., C. D. S. e M. D. P./C. D. E.) e a comissão encarregada pelo Conselho da Revolução de estudar as suas propostas, e que é presidida pelo major Melo Antunes. À luz dessas propostas este fará amanhã uma exposição na C. R. sobre a matéria. Está em discussão o papel do M. F. A. no processo político português, ou seja, se continuará a conduzi-lo ou não. Trata-se de uma questão já antiga, com os campos bem definidos entre os que pretendem travar e inverter o processo revolucionário iniciado em 25 de Abril e os que desejam vê-lo prosseguir, embora marcado por critérios diversos em matéria de ritmo.

Os acontecimentos de Custóias e de Caxias serão expostos na reunião do Conselho da Revolução pelos comandantes das Regiões Militares do Norte de Lisboa, respectivamente brigadeiros Pires Veloso e Vasco Lourenço, admitindo-se que venham a ser tomadas medidas restritivas em relação a manifestações públicas.

Outros pontos da agenda dizem respeito às funções de alguns conselheiros membros das comissões de inquérito ao 25 de Novembro e de extinção da P. I. D. E./D. G. S., ao pleno funcionamento dos tribunais e ao Estatuto Orgânico de Macau.

Angola ameaça "détente"

Continuação da pág. 1

que ali existe nos é necessário», afirma Vadim Zagladi acentuando que o apoio da União Soviética à revolução angolana não é concedido com base em quaisquer interesses materiais, mas antes ao abrigo da solidariedade internacionalista que o seu país nunca negou a povos em luta pela sua liberdade.

NOVO DOCUMENTO CONTRA FORD

Invocando motivos de «segurança nacional», o presidente Gerald Ford pensa intervir pessoalmente para impedir a publicação de um relatório parlamentar sobre a intervenção americana em Angola — revelou ontem a cadeia de televisão C.B.S.

Segundo a C.B.S., Ford pedirá, por escrito, ao presidente da Comissão dos Serviços de Informações da Câmara dos Representantes, Otis Piken, que não revele os pormenores constantes do relatório.

Sempre de acordo com a C.B.S., um resumo de cinco páginas do estudo contesta as afirmações de Henry Kissinger segundo as quais a intervenção norte-americana foi provocada pela actuação da U.R.S.S. em Angola.

O relatório afirmaria ainda, segundo a mesma cadeia de televisão, que a União Soviética só interveio depois de a C.I.A. ter destinado 300 mil dólares para financiamento da compra de armas pelos elementos pró-ocidentais de Angola.

Também a revista norte-americana «Newsweek», no seu último número, confirma que o envolvimento dos Estados Unidos em Angola principiou muito antes do início do apoio da U.R.S.S. e de Cuba ao M.P.L.A., através do envio de fundos que serviram não apenas para a aquisição de armas pela F.N.L.A., como também para a criação de toda a organização deste movimento no interior do território, após a assinatura dos acordos do Alvor.

Até agora, os Estados Unidos investiram 32 milhões de dólares a favor da F.N.L.A. e U.N.I.T.A., sem contar com fundos canalizados indirectamente via França, República Federal Alemã e África do Sul.

Toda esta situação está a provocar, um notável abaixamento da popularidade dos principais dirigentes esta do unidenses entre a opinião pública daquele país. Uma recente sondagem levada a efeito pela N. B. C. indica, por exemplo, que a popularidade de Henry Kissinger diminui entre os americanos de tendência liberal e mesmo conservadora. Em 2836 americanos interrogados pela N.B.C., apenas 59 por cento continuam a apoiar a política internacional do secretário de Estado, contra 69 por cento que o faziam em Janeiro do ano passado.

O POVO DE ANGOLA CONTRA INVASORES

A agência oficial soviética «TASS» revelou que está a iniciar-se uma guerra de guerrilhas em áreas de Angola ocupadas por forças da Frente Nacional de Libertação de Angola (F.N.L.A.) e União Nacional para a Libertação Total de Angola (U.N.I.T.A.).

Em notícia enviada de Luanda, a «TASS» declarou que os sul-africanos tinham permitido a «grupos reaccionários aterrorizarem e atormentarem a população local» em áreas sob o seu controlo.

«Contudo, a política de intimidação e repressão virou-se contra as forças punitivas.

«Em áreas temporariamente ocupadas pelo inimigo, os angolanos desencadeiam ataques armados na retaguarda dos odiados ocupantes», disse a agência soviética, acrescentando:

«A guerra de guerrilha aumenta em cada dia que passa, à medida que todo o povo se levanta em defesa das suas conquistas contra os intervencionistas estrangeiros e os seus cumplices».

A agência soviética sublinhou que as forças regulares sul-africanas estão a ser «constantemente» reforçadas por novas unidades, bem como por grupos de mercenários norte-americanos e alemães federais.

A «TASS» acrescentou que o Movimento Popular de Libertação de Angola desencadeou «uma série de ofensivas poderosas» na região oriental da antiga colónia portuguesa, capturando «cerca de uma centena» de soldados sul-africanos.

Por sua vez, o jornal «Pravda» comentando um comunicado militar distribuído em Luanda, afirma que o M.P.L.A. detém o controlo total dos campos petrolíferos de Cabinda.

O jornal soviético não indica a data do comunicado, mas dá a entender que é de publicação recente.

O «Pravda» diz ainda que durante os combates pela posse de Teixeira de Sousa e Henrique de Carvalho, foram infligidas sérias baixas em homens e material de origem ocidental e foram capturados cerca de uma centena de soldados regulares sul-africanos.

Galanteio de "macho ibérico" faz dois mortos no Estoril

Um galanteio do género «abençoada mãe que cria assim uma filha...», encontra-se na origem de um duelo a tiro, junto à cervejaria «Camões», no Estoril. Dois mortos e dois feridos.

Os graves incidentes ocorreram na madrugada de ontem, cerca das 4 horas, quando um cliente do «Camões», com aquele comportamento que caracteriza o «macho ibérico», não resistiu à tentação de lançar um piropo à jovem Maria Paula Pereira de Matos quando esta, também cliente, se dirigia à «toilette». A Maria Paula reagiu prontamente, e foi a vez do «estrangeiro» (um espanhol) tomar a defesa da dama ofendida. De pistola em punho, convidou o outro — o Armando — a um «ajuste de contas» lá fora, na rua.

A partir daquil entra em cena o Custódio Jesus, ao que parece «profissional» do ramo automóvel (fazia desaparecer carros dos outros) que, empunhando também uma arma, avisa todo o mundo: «Aqui ninguém se mexe! Está tudo controlado!».

Aproveitando o «controlo» garantido pelo Custódio, o dono do «Camões» telefona para a Polícia. Quatro carros-patrulha chegam rapidamente ao estabelecimento que, entretanto, havia sido abandonado pelos pistoleiros. Estes já se encontravam na rua, onde viriam a receber, a tiro, os agentes da ordem.

De facto, quando um dos guardas — José Marreiros Veterano — armado de «G-3», tentou identificar os meliantes portadores de armas, dois tiros prostraram-no para sempre. Disparos produzidos pela pistola do Custódio.

Entretanto, os desordeiros tentavam a fuga. Na intenção de o evitar, os agentes da P. S. P. abriram fogo. Custodio de Jesus caiu, atingido mortalmente, ficando feridas duas pessoas: a jovem Maria Paula e um suposto Joaquim Soradra, ambos internados no hospital sob prisão.

Consta que os desordeiros tinham cadastro na Polícia, e que estariam envolvidos num assalto perpetrado poucas horas antes, contra um casal que saia do Casino Estoril e que se viu, de repente, sem um relógio, um anel de ouro, três contos em dinheiro.

Não há rasto do «macho ibérico» que abençoa as mães que tais filhas têm.

Comissões de apoio a militares presos recebidas em Belém

Para requerer a libertação dos militares progressistas presos e de acordo com o texto da Associação dos Ex-Presos Políticos Antifascistas (AEPPA), também para que «cesse urgentemente a histérica campanha intimidatória e repressiva empreendida pela direita civil e militar», dirigentes daquela organização e de outras associações criadas para apoiar a luta dos referidos militares são esta tarde recebidos em Belém pelo presidente da República e membros do Conselho da Revolução, ao que se presume.

Os dirigentes da AEPPA e da Comissão de Solidariedade com os Militares Revolucionários Presos (CSMR), que «assumem a responsabilidade dos seus e actos e das suas palavras», lembram que Portugal foi «ao longo de 48 anos uma prisão de todo o Povo» e um país em que «os melhores filhos do Povo foram torturados e assassinados». Perguntam por outro lado aos detentores do poder «se pretendem contribuir para que esses actos se repitam, enquanto os terroristas do E.L.P. e do M.D.L.P. são promovidos a heróis».

Delegação soviética chegou a Portugal

Uma delegação soviética chefiada pelo vice-ministro do Comércio Externo da U.R.S.S., Alexei Manzhulo, chegou hoje aonnosso País, a fim de participar na primeira sessão da comissão mista luso-soviética que se prolonga em Lisboa até sexta-feira.

Quais os objectivos concretos desta visita?

Quanto conseguimos apurar, as conversações devem permitir chegar à assinatura de vários acordos no campo comercial e também, segundo tudo leva a crer, nos da Indústria e Tecnologia e Agricultura e Pescas.

Recorda-se, entretanto, que a União Soviética exporta para Portugal artigos como petróleo, madeira, de sândalo, algodão, amianto, carris de caminho de ferro e material de impressão, importando em contrapartida mercadorias tradicionais portuguesas, produtos manufacturados e guindastes.

O comércio entre a União Soviética e Portugal foi consideravelmente promovido pela participação de dezanove organizações de Comércio Externo soviéticas na Feira Internacional de Lisboa de Junho de 1975, onde se estabeleceram contactos com exportadores e importadores portugueses. Uma delegação comercial soviética, que então visitou Portugal, negociou com sucesso com entidades estatais e firmas portuguesas planos para expansão das relações económicas e comerciais entre os dois países.

Forças pró-Indonésia avançam em Timor

JACARTA, 5 — (R.) — Forças pró-indonésias tomaram Manatuto, a segunda maior cidade do Timor-Leste e controlam agora dois terços do território, segundo anunciou hoje a Rádio República Indonésia (R.R.I.).

«Manatuto foi tomada na quarta-feira passada, deparando-se com pouca resistência de tropas da Fretilin, que usavam a cidade como um dos seus principais redutos», revelou a R.R.I., acrescentando que as tropas do Governo Provisório pró-Indonésio do Timor-Leste entraram em Manatuto idas do porto de Baucau, que foi conquistado no princípio de Dezembro.

Entretanto, anunciou-se hoje que um dirigente da U.D.T., um dos quatro partidos que desejam ver a colónia integrada na Indonésia, afirmara que continuavam em várias áreas os recontros entre forças da Fretilin e pró-indonésias.

FRETILIN NA COREIA DO NORTE

TOQUIO, 5 (AP/R/ANOP) — Uma delegação da Fretilin, chefiada por Rogério Lobato, participou num banquete oferecido em sua honra pelas autoridades norte-coreanas em Pyongyang — anuncia uma emissão norte-coreana de Rádio captada em Tóquio.

A emissão acrescentava que o vice-ministro coreano dos Negócios Estrangeiros, Chon Myong Su, declarou, ao discursar no banquete, que «o nosso povo exprime a sua firme solidariedade pela luta do povo de Timor-Leste».

A delegação timorense chegou na sexta-feira a Pyongyang depois de uma visita de cinco dias à China.

Entretanto, a Imprensa de Jacarta afirma hoje que a visita a Dili do ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik, «abrirá os olhos ao mundo quanto à verdadeira situação no Timor-Leste e porá termo às acusações contra a Indonésia formuladas por partidários da Fretilin».

Malik afirmou planear partir para Dili, na quinta-feira, a convite do Governo Provisório pró-indonésio.

COMISSÃO DE DESCOLONIZAÇÃO

Reuniu em Lisboa, no sábado, a Comissão Nacional de Descolonização que registou a presença de todos os seus membros e dos chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas. Foi apreciada a situação em Timor, nomeadamente na sequência das últimas decisões da O.N.U. sobre o problema. No final foi emitido um comunicado em que se afirma:

«A Comissão notou com apreensão as notícias sobre o incremento da acção armada da Indonésia no território, em flagrante desrespeito da citada resolução. Registou-se, com agrado, a nomeação do representante especial do secretário-geral das Nações Unidas, sr. Guicciardi, para a elaboração de um relatório sobre a situação e a notícia da sua próxima passagem por Lisboa, para contactos com o Governo português, a caminho de Timor.

Foram tomadas decisões com vista a garantir o apoio à actuação do representante especial do secretário-geral das Nações Unidas e implementação das resoluções do Conselho de Segurança, visando a solução pacifica para a actual crise de Timor.

A Comissão decidiu ainda insistir nas diligências que conduzam à libertação dos militares detidos.»